



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação

Curso de Pedagogia

Juliana Godói de Miranda Perez

**Experiências-Formadoras: um olhar dirigido aos estudantes do curso
normal do Instituto de Educação Clélia Nanci**

São Gonçalo
2011

Juliana Godói de Miranda Perez

**Experiências-Formadoras: um olhar dirigido aos estudantes do curso
normal do Instituto de Educação Clélia Nanci**



Monografia submetida ao Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da professora Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança.

Orientadora: Profª Drª Inês Ferreira de Souza Bragança

São Gonçalo
2011

Ficha Catalográfica

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

P438 Perez, Juliana Godói de Miranda.
Experiências-formadoras: um olhar dirigido aos estudantes do curso
normal do Instituto de Educação Clélia Nanci / Juliana Godói de
Miranda Perez. – 2011.
128f.

Orientadora: Inês Ferreira de Souza Bragança.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado
do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Instituto de Educação Clélia Nanci (RJ). 2. Ensino de segundo
grau – São Gonçalo (RJ). 3. Professores – Formação – São Gonçalo
(RJ). I. Bragança, Inês Ferreira de Souza. II. Universidade do Estado do
Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

CDU 373.5(815.3)

Juliana Godói de Miranda Perez

**Experiências-Formadoras: um olhar dirigido aos estudantes do curso
normal do Instituto de Educação Clélia Nanci**

Monografia submetida ao Departamento de
Educação da Faculdade de Formação de
Professores da Universidade do Estado do Rio
de Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia, sob a orientação da professora
Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança.

Aprovado em: ____/ ____/ ____

Banca Examinadora: _____

Profª Drª Inês Ferreira de Souza Bragança (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores- FFP/UERJ

Profª Drª Mairce da Silva Araújo (Parecerista)
Faculdade de Formação de Professores- FFP/UERJ

São Gonçalo
2011

Dedicatória

Dedico a meus queridos avôs essa singela homenagem por saber que sem eles nada seria possível. A minha amada dona avó, que me proporcionou a experiência de ser múltiplas, e em memória de meu avô, por me ensinar que sou única. A eles, muito obrigada.

AGRADECIMENTOS

Em primeira instância agradeço a Deus, nosso senhor, e nossa senhora, mãe de Deus, por me concederem a graça da paciência e a força necessária nos momentos de exaustão e desânimo.

Aos meus avôs, Severino Miranda e Orchidea Godoy. A ele por despertar em mim o desejo pela liberdade e autonomia, a minha dona vó, que assim como a flor que homenageia, perfuma minha vida e me faz crer na força da partilha.

A meus pais, Francisco e Marize, mas em especial a minha amada mãe que me alimentou, me vestiu e me educou sendo sempre muito mais do que eu merecia.

A meu padrinho, Jeová, que com disciplina e carinho é exemplo de homem e pai.

Às minhas tias, Cecília e Regina, por me proporcionar a experiência incondicional de um amor que quanto mais se dá mais se tem.

À minha genial irmã/prima Mariana Godoy, pelo amor dado e pelas lutas travadas.

A meus tios Valdecir, Luiz, Amauri e minha tia Rosane, pela amizade e afeto.

A seu Alvino, Luiza e Zé por me acolherem como neta.

À família Werberg, Vó Cici e o seu Vladimir que me mostraram desde muito nova que o amor é uma dádiva de Deus. Vó Francisca por me despertar o desejo pelas histórias, sempre acompanhada por uma boa xícara de café. A Tia Maria, Ju, e Arnaldo por manterem viva a chama do companheirismo, que se resume em uma amizade que perdura mais de três gerações e não se esgota.

À família Santos com quem cresci e sou eternamente grata pelo carinho. Larrisa, Flavia, Vó Ceia, Zezinho e Silvia. Obrigada.

À minha amiga Jorgeane Santana que mudou minha trajetória.

Aos Amigos Jordão Pablo e Isabela por estarem sempre próximos.

A Dadi e Luiza pelos piqueniques no fim da tarde, pois a maçã é linda!

À tia Bel pelo carinho dedicado.

Ao professor Renato que me cativou com a história e despertou em mim a paixão pelo estudo. A você meu muito obrigada, pois foi através de sua intervenção e de seu exemplo que me fortaleci durante todos esses anos.

Ao Instituto de Educação Clélia Nanci por me receber como “sua cria”.

Às estudantes que compartilharam comigo da pesquisa. A Danielle pela benevolência, a Laysa pela autenticidade, a Fernanda pela acolhida e a Jhennifer pelo elemento surpresa, ela!

À minha querida orientadora, Inês Bragança, por cada palavra amiga e pela dedicação. Sendo nossa grande inspiração ao longo da graduação.

À querida Mairce, por apostar em mim. A ela desejo o desenvolvimento de um longo estudo que possa nos dar pistas do mistério por trás de sua cabeleira vermelha.

À Márcia Alvarenga por ser simplesmente ela, com suas bochechas rosadas e o pulso firme.

À Maria Tereza Tavares que plantou em nós, no primeiro dia de aula, o desejo por viver intensamente cada instante como parte de um todo que se chama FFP.

Aos amigos ligados à identidade Vozes: Rodrigo, Paula Fernanda, Tati, Mila Mira, Natani, Barbara, Priscila, Iza, Renato e a afinadíssima Josi Mattos. Por vocês, tudo outra vez!

À amiga Viviane Bazoni pelo apoio na pesquisa e compartilhar das minhas inquietações.

À Jana por me trazer ao chão tantas vezes.

À revisora mais solícita de Maricá, Marcela Parmanhane. Meu coração Bakhtin por você.

À Michelle Alvarenga por me indicar caminhos e estender a mão..

A Jociléa por ser mais que uma professora, ser uma educadora compromissada.

A todos os tios e tias que mantêm a FFP limpa. Obrigada pelo caloroso “Bom dia” e o acolhedor “até amanhã”.

Ao seu Daniel por ser um sujeito de memória e partilhar comigo um pouco de sua sabedoria.

Em especial, à minha querida e inseparável Josi Cortes, pela incrível habilidade de ler pensamentos e o inesgotável desejo pelo conhecimento.

E por último, mas não menos importante, a Fernando Alvarenga, que me fez perceber que a distancia é algo ínfimo perto do amor e da admiração que tenho.

A todos que viveram comigo esses quatro intensos anos, muito, muito, muito obrigada.

Éramos célebres líricos
Éramos sãos,
Lúcidos cétricos,
Cínicos não,
Músicos práticos,
Só de canção.
Nada didáticos
Nem na intenção.
Tímidos, típicos,
Sem solução.
Davam-nos rótulos
Todos em vão.
Éramos únicos
Na geração,
Éramos nós dessa vez...
Tínhamos dúvidas clássicas
Muita aflição.
Críticas, lógicas,
Ácida, não.
Pérolas, ótimas,
Cartas na mão.
Eram recados
Pra toda a nação.
Éramos súditos
Da rebelião.
Símbolos, plácidos,
Cândidos, não.
Ídolos, mínimos,
Múltipla ação.
Sempre tem gente pra chamar de nós
Sejam milhares, centenas ou dois.
Ficam no tempo os torneios da voz
Não foi só ontem, é hoje e depois.
São momentos lá dentro de nós,
São outros ventos que vêm do pulmão,
E ganham cores na altura da voz
E os que viverem verão.
Fomos serenos num mundo veloz.
Nunca entendemos, então, por que nós?
Só mais ou menos...

Marcelo Jeneci

RESUMO

A presente monografia busca analisar a formação inicial para a docência no Curso Normal do Instituto de Educação Clélia Nanci (IECN), localizado no município de São Gonçalo, a partir das memórias e experiências-formação de estudantes do curso, atravessados pelo espaço escolar e contextualizadas pelo tempo histórico. O desenvolvimento da pesquisa focalizou o entrelaçamento entre as políticas atuais do Curso Normal e as possibilidades da narrativa no processo formativo e foi motivada pelas seguintes questões de estudo: *quais as tramas envolvem os estudantes do curso normal nesse momento atual de políticas de formação de professores? O que toca os estudantes do Curso Normal do IECN ao longo do processo de formação?* Por meio de uma abordagem qualitativa de pesquisa em educação, o trabalho incluiu uma contextualização do currículo atual do curso, as motivações políticas que implicam no processo de formação proposto pelo mesmo, bem como o acompanhamento de uma turma do quarto ano por meio de observações, de levantamento de perfil do grupo com utilização de questionários, realização de entrevistas biográficas e oficina pedagógica. Para discutir tal problemática a pesquisa tomou como aporte teórico-metodológico cinco fios conceituais, sendo eles: os conceitos de memória, narração, formação docente, pesquisa-formação e experiência, tendo como base os estudos de Nora(1993), Halbwachs(2006), Souza (2006), Bragança (2009, 2010, 2011), Larrosa (2002), Benjamin (1993), Josso (2010) e Barbier (1985, 2002). A justificativa do trabalho se afirma no sentido de compreender a formação dos profissionais docentes como transformação dos sujeitos pela experiência. As ponderações nos levam a crer que a docência passa pelo movimento contínuo da vida escolar e que as experiências de formação desses sujeitos ultrapassam os limites entre o instituído apontando para as práticas instituintes.

Palavras-chave: Curso Normal – Instituto de Educação Clélia Nanci – Narração – Memória - Pesquisa-Formação, Formação Docente, Experiência.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	p. 50
Gráfico 2	p. 51
Gráfico 3	p. 51
Gráfico 4	p. 52
Gráfico 5	p. 52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	p. 45
Tabela 2	p. 60
Tabela 3	p. 64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	p. 38
----------------	-------

LISTA DE SIGLAS

Associação Nacional de Docentes do ensino Superior (ANDES)	p. 32
Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) ...	p. 32
Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE)	p. 32
Centros de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAMs)	p. 32
Confederação Nacional de Trabalhadores em Educação (CNTE)	p. 32
Instituto de Educação Clélia Nanci (IECN)	p. 17; 23;24; 25;33; 34;36; 38;49; 57;58; 61;62; 63.
Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)	p.29; 32;36; 41;50; 51.
Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)	p. 32
Ministério da Educação e Cultura (MEC)	p. 33; 48
Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)	p. 32.

SUMÁRIO

MEMORIAL	p. 15
INTRODUÇÃO	p. 23
CAPÍTULO I: (Re)construindo a trajetória do curso normal	p. 26
1. 1. Um sobrevôo pelo campo de disputa da história da formação docente	p. 26
1. 2. Os percursos do curso normal na história do Instituto de Educação Clélia Nanci	p. 34
CAPÍTULO II: A pesquisa-formação na produção de experiências-formadoras	p. 36
CAPÍTULO III: A matriz curricular: mergulho na turma 4006	p. 48
3.1. Um olhar dirigido à organização do Curso Normal	p. 48
3.2. Lampejos do perfil dos estudantes da turma 4006	p. 50
CAPÍTULO IV: Movimento de partilha: Memórias invasoras	p. 55
4. 1. As experiências-formadoras: tecendo fios e desafios para a educação	p. 57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 67
REFERÊNCIAS	p. 69
Anexos:	
Anexo 1 – Fotos do Instituto de Educação Clélia Nanci	p. 74
Anexo 2 – Matriz curricular do curso normal	p. 75
Anexo 3 - Material produzido na oficina pedagógica	p.76
Anexo 4 – Questionário aplicado	p. 77
Anexo 5 – Análise dos questionários	p. 79
Anexo 6 – Roteiro da entrevista	p. 86
Anexo 7 – Transcrição Fernanda	p. 87
Anexo 8 – Transcrição da Laysa	p. 91
Anexo 9 – Transcrição Danielle	p. 94
Anexo 10 – Transcrição Jhennifer	p. 99
Anexo 11 – Análise de conteúdo das entrevistas	p. 105

MEMORIAL

*A vida até agora tem sido como confesso aqui: não sei o que vem por aí.
Augusto Boal*

Um convite. É isso que proponho a partir de minhas leituras. É o que nós, na condição de escritores, podemos fazer para lhes convencer a ler nossa obra, partindo para a sedução e o arrebatamento da paixão. Começo sinalizando que as noções aqui contidas sobre minhas vivências e experiências são baseadas em minhas memórias e das leituras de mundo, onde tenho a certeza que são ressignificações da minha trajetória. Em um outro ponto, estou pautada em minhas memórias coletivas, baseadas nas interpretações da minha vida a partir de sujeitos-memória como minha amada mãe, minha adorada avó, meu querido avô, minhas tias, meus tios, prima, meu padrinho e amigos. Não pretendo fazer desse movimento uma síntese da vida, mas acredito que de certa forma isso pode ocorrer, entretanto espero defender aqui o lugar a que pertenço como um lugar de memória, repleto de sentidos múltiplos, e mais, compreendendo que todos esses fatos me constituem e me formam de acordo com uma identidade para além da docente, que está em constante reconstrução, acreditando que muitas das práticas com as quais sou comprometida têm ressonância com minha trajetória. E que a partir do conhecimento dos caminhos que atravessei, por terem me deixado marcas, não me acomodam em uma identidade fixa, mas se colocam no campo da produção da vida social e coletiva, das muitas identidades com as quais nos reconhecemos que falam de um lugar/es e de grupo/os.

Faço um breve panorama dos percursos e desvios da minha formação humana levando em consideração três aspectos importantes sinalizados por Gadotti (2004), em *Os Mestres de Rousseau: a autoformação, a heteroformação e a ecoformação*, acreditando, assim como o autor, que todas essas esferas estão atravessadas em nós, “o Eu, os Outros e as Coisas”, e que todas elas em comunhão nos compõem.

Nasci em São Gonçalo, município pertencente ao estado do Rio de Janeiro, no ano de 1988. Minha família sempre morou na mesma casa e por essa razão criei fortes laços com o lugar. Filha única e a única criança, numa família formada por adultos, cresci cercada de afeto. Lembro-me perfeitamente dos cheiros e sons que me cercavam: da minha casa, da casa de minha avó, tudo que compunha o que compreendia como meu mundo. Pensando que a rotina com a aceleração da vida cotidiana tende a naturalizar as aprendizagens diárias como uma forma única de ver a vida, na verdade parto da

premissa de que as produções da vida permeiam as implicações das experiências, constituindo assim uma velocidade própria, anacrônica com a concepção moderna de tempo e produção da vida, entendendo-a como a minúcia e a partilha do ser humano como parte do coletivo.

A escola era a minha vida, alias sempre foi, assim como acredito que sempre será. No Centro Educacional José do Patrocínio, Cejop, aprendi a escrever meu nome, fiz meus primeiros pares, encontrei minhas primeiras referências de professoras. É nesse cenário que reconheço minha mãe como minha primeira educadora. Lembro das manhãs com ela colando feijões para “ajudar o João a ir para casa”, dos encartes recortados, dos desenhos da antiga “TV Educativa”, do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, das leituras. Cada cômodo da casa dos meus avós era um dos quartos do “meu hotel”, do “meu escritório”, da “minha escola”. Refletindo melhor acredito que sempre quis ser professora, não só pelas aulas que ministrava para meus ursinhos de pelúcia, assim como mais tarde nas aulas de “reforço” para meus amigos da rua onde morava.

No ano de 1996 saí da escola privada e iniciei minha trajetória na rede pública. A Escola Municipal Maria Dias, localizada no bairro do Porto Novo, foi a primeira e me deixou fortes marcas, podendo ser considerada uma das melhores escolas que já estudei, e referência escolar na época. A equipe pedagógica realmente seguia a prática dialógica de Paulo Freire, e muitas das educadoras com as quais convivia foram formadas pelo que hoje é objeto de minha pesquisa monográfica - o Instituto de Educação Clélia Nanci. Hoje, meu olhar coberto pelos véus da academia, me dão base para defender que assim como o Núcleo Vozes da Educação na Faculdade de Formação de Professores, o Maria Dias era extremamente comprometida com a história de São Gonçalo, com o movimento social, com o pensamento crítico, com os movimentos artísticos do município. Certamente essa é a escola no sentido mais profundo de Pierre Nora, esse é meu lugar de memória (1993).

Infelizmente no ano de 1998 tive que me despedir. Mas não consigo me ver como sujeito escolar sem lembrar-me desse querido lugar. No mundo das letras foi um dos meus grandes avanços. Eu tive o prazer de conhecer Monteiro Lobato, Vinicius de Moraes, Ziraldo, entre tantos outros que me encantaram e me encantam. Entretanto com o final do ano letivo começam as sucessivas internações do meu avô e, em 1999, aos 74 anos, meu querido avô se despedia dessa vida, deixando um legado de boas ações e sementes de luta contra a injustiça, traços muito marcantes na minha mãe.

O ano de 1999 começa, então, com uma reestrutura da vida. Escola nova, passos ainda incertos no dia-a-dia. A Escola Estadual Luiz Palmier é meu segundo momento de reconhecimento da memória. Localizada no bairro da Parada 40, a escola que funcionava em um prédio alugado e que tinha inúmeros problemas com relação ao espaço. Surge, então, mais um ponto de convergência da minha história com a do Instituto de Educação Clélia Nanci (IECN), pois Grupo Escolar Luiz Palmier é o nome de uma das escolas que compunha o Instituto São Gonçalo, a primeira nomenclatura do atual I.E.C.N..

A reestruturação da minha vida une-me muito mais a minha avó. A perda do meu avô significava perder a possibilidade de viver o desconhecido, que eu experimentava a partir do seu olhar, mas eu estava enganada. Tornar-me companhia da minha avó me possibilitou ouvir outras vozes, foi, então, que surgiu minha primeira paixão: ouvir como as amizades, os amores, a vida iniciavam. Gostava que narrasse as histórias. Meu dia se resumia, na parte do dia, a escola e à tardinha, na casa de vovó Cici e seu esposo Sr. Fladimir. Devo aqui salientar que foi a mãe de vovó Cici, vó Francisca, que mostrou para minha avó o terreno onde hoje moramos e a amizade entre as famílias perdura por gerações, até hoje. Tia Maria, filha de Vó Cici, era professora e me ajudava em português em certos momentos e, para além das aulas, abriu as portas de sua “mini-biblioteca”, que eu fiz questão de aproveitar durante muito tempo.

Com relação a escola Luiz Palmier, num primeiro olhar, parecia uma escola sem valor, que não tem espaço e não tem “material humano” para funcionar. Como que uma escola dessas pode sobreviver? Meu enfrentamento na escola me mostrou outras possibilidades, que a escola pulsa e um olhar desatento deixaria passar todas as minúcias desse espaço.

Foi nesse período que abracei com toda a intensidade a história humana. Mas isso não acontece, não foi um acontecimento, foi mais um arrebatamento como ocorre com os apaixonados, do momento que eu estava vivendo. Os professores de história Claudia e Renato sempre nos instigaram a repensar a história escritural, os marcos históricos. Eles nos questionavam sobre os acontecimentos da vida cotidiana como parte da história, e é a eles que devo parte de minha responsabilidade e o amor pela história. Foi essa a ponta de uma grande rede que se constituiu entre meu contato com os livros e com aquelas pessoas. Minha família também teve grande parte dessa influência. Meu padrinho sempre foi um leitor assíduo, assim como minhas tias, Regina e Ceceia, e minha avó sempre com seus jornais. Passavam para Mariana e para mim a importância

do ato de ler o texto e a vida. Seguindo as trilhas de meu padrinho, pedi a minha amada tia Ceceia meu primeiro livro. Com quase trezentas páginas, naquele momento ele era meu maior desafio. Li em três meses. Andava com ele na bolsa como se a sua figura me passasse mais que suas letras impressas na folha branca. Comecei minha compulsão por ler, em meses havia lido todos os livros da minha casa sobre história, os da casa de minha tia, os dos meus tios. Senti a necessidade da biblioteca que minha escola não dispunha pela falta de espaço, que foi amplamente compensada pelos empréstimos.

Na sétima série conheço a professora Neide Rosa. Dela tenho duas marcas muito impactantes. A primeira, seu amor por Carlos Drummond e Fernando Pessoa, e a segunda, o forte envolvimento político com o Partido dos Trabalhadores (PT). Neide me ensinou a amar a literatura com toda a paixão que ela fazia as coisas. E a ela sou muito grata por isso.

Sempre sonhei que um dia voltaria àquela escola e ajudaria aqueles que tanto fazem parte de mim. Entretanto, em maio de 2011, ao voltar para casa, depois da faculdade, encontro Célia, que com muita dor me diz “Nossa escola acabou”. O que eu senti e logo pensei - acabou meu lugar de memória. Chegava ao fim o plano físico, palpável da escola, esse não me pertencia mais, nem a mim nem ao grupo a que pertenci. Mas as marcas da formação da instituição ficaram na memória, revividas nesse momento, quando narro aqui que ela faz parte da construção do que venho sendo, produções possíveis de serem sentidas pelo outro a partir do ato de narrar (BENJAMIN,1993). Foi ainda no Luiz Palmier que conheci minha segunda paixão: o Teatro.

A família projeta em nós expectativas, que nesse caso específico me ofereceram novos contornos. Certa vez minha tia Regina, conversando com uma amiga, descobriu uma agência no centro de Icaraí, em Niterói - RJ, que oferecia vários cursos e foi nessa que eu fui. Muito contrariada de início, minha mãe queria que eu fosse artista, mais precisamente cantora, mas minhas tias a convenceram de que era necessário para ser cantora aprender a atuar. Eu comecei de fato nos cursos na mesma época em que me vi, mais uma vez, obrigada a mudar de escola. Consegui uma vaga a duras penas no Instituto de Educação Clélia Nanci. A escola havia feito uma seleção para mandar a maior parte dos alunos para o Instituto e eu fui um dos selecionados. Quando lá cheguei tomei um susto. A escola era enorme, com vários grupinhos. Só que a escola não tinha professores suficientes, vivíamos sem aula e eu não me sentia bem naquele lugar, eu não tinha espaço.

Em maio mudo para o Educandário Cecília Meirelles e as aulas no teatro se intensificam. Aprendi de tudo um pouco, etiqueta, como andar, como falar, como apresentar, como vestir, mas nada disso me tocava e muita coisa se perdia. O que me tocava era subir no palco e simplesmente ser outra, outras. No teatro você pode assumir outras formas que não as suas, você fala de um outro lugar, com outro olhar, pois não é você, nem sequer se pensa como você. Em contrapartida, o teatro dispõe de uma disciplina que colaborou para meu crescimento.

O primeiro curso acabou e emendei em outro só de teatro, foi na mesma época em que comecei a criar vínculos no Cecília Meirelles. Lá conheci Jorgeane, uma das pessoas-chave para o desenrolar da minha trajetória. Em 2004 me vejo forçada a voltar ao Centro Educacional José do Patrocínio - Cejop. Não queria voltar. Foi com muita surpresa que reencontro meus pares da infância: Isabela Maciel e Jordão Pablo Rodrigues de Pão. Juntos criamos um forte grupo na escola que organizava as atividades culturais, discutíamos as propostas pedagógicas e conseguimos unir toda a escola em torno de uma fato em comum - a arte. Montamos inúmeras peças, saraus, comemorações, manifestações artísticas. Foi no Cejop que conheci as raízes brasileiras, a literatura, as artes, os movimentos. Uma das minhas grandes realizações foi a biblioteca. Passava o intervalo em meio aos livros. Meus colegas brincavam que eu cheirava a mofo e que vivia empoeirada. No final do ensino médio, Jordão passa para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e, a partir dele, comecei a me interessar pela academia. De início penso retomar a minha primeira grande paixão - a história, mas ao longo do caminhar as escolhas me levaram para outros rumos...

Em 2006 reencontro, numa tarde, minha amiga Jorgeane e ela me propõe que façamos pré-vestibular juntas. Eu não pensava, até então, ingressar na universidade pública, mas, depois de muita persuasão, aceitei. Formamos um grupo muito unido que foi se chegando, nos dividíamos para estudar pelas áreas de afinidade e isso deu muito certo, passávamos das tardes em grupo. Surge então a proximidade de certo rapaz, que decidi, embora com muitas dúvidas, caminhar ao meu lado e essa caminhada perdura até hoje. Vieram as provas e, infelizmente a grande maioria fica para reclassificação. E devo reconhecer que a intensidade das aulas de teatro durante a semana e os longos períodos da temporada com apresentações de quinta a domingo me impossibilitaram de me dedicar muito mais. É no vestibular de 2008 que faço a grande escolha e mudo de carreira, optando pela Pedagogia, ainda sem saber muito bem o que de fato um pedagogo fazia. Passo para pedagogia ainda um pouco incerta do que estava fazendo.

Em março chego à faculdade para o primeiro dia de aula e reencontro Josiane Gomes, menina que conheci no dia da pré-matricula. Com a falta da professora, conheço a diretora da unidade professora Maria Tereza Goudard Tavares que nos apresenta a faculdade e nos fala do movimento da pesquisa-ensino-extensão. Fiquei apaixonada! Surge um novo desabrochar, agora me vejo enamorada por uma terceira paixão: a educação.

É com Josiane (Josi) que faço minha primeira dupla e parecia que já nos conhecíamos há décadas. Em uma aula começo a reparar em uma menina que me chama muito a atenção - Camila Mira. Em meio a conversas e descobertas, agora éramos um trio. Conheço também Janaina e Viviane e, como elas, formamos um quinteto. Ao chegar para uma das aulas conheço duas pessoas que seriam parte significativa da escolha dos meus caminhos acadêmicos: Paula Fernanda e Michele Alvarenga. E com elas crio uma enorme sintonia, e a partir da interferência delas que passei a ver com novos olhos a universidade. Começo a buscar leituras, a conhecer os grupos, os professores.

No início do ano de 2008 me vejo obrigada a parar o teatro. Passei a não agüentar o ritmo acelerado da vida teatral e com muita tristeza me afasto após passar no teste para a realização de *a megera domável*, com a mesma companhia. Mas eu não sabia dos próximos caminhos da vida e que não tardaria a reencontrar minha paixão.

Ao longo das disciplinas conheço o Núcleo de pesquisa e extensão: Vozes da Educação – Memória e História das escolas de São Gonçalo. Camila e eu nos interessamos. Passamos a freqüentar, por indicação de Paula Fernanda, que era bolsista do núcleo, o “curso de extensão sobre mulheres” e nos aproximamos mais da temática da memória.

O trabalho final da disciplina Matemática: Conteúdo e Método II propõe uma apresentação teatral, que as professoras Jaqueline Moraes e Mairce Araújo, em nome do Departamento de Educação pedem uma reapresentação. O envolvimento direto com a professora Mairce e com as reuniões do Vozes, como voluntaria, me possibilitaram pensar um novo caminho acadêmico. Não posso mensurar a importância da professora Mairce em minha trajetória. No fim do período vagam duas bolsas de extensão para o Núcleo Vozes da Educação: Memória e História das Escolas de São Gonçalo, e me escrevo para a seleção. Passo para a Bolsa junto com Rodrigo Santana, aluno do curso de Geografia, que nos apresentou sua melhor amiga, Josiane Mattos.

A bolsa pedia a disponibilidade de um plantão semanal, as quartas-feiras à tarde, e como o fluxo do Núcleo Vozes era extremamente grande, principalmente pela inauguração da sala, passamos a organizá-la e trabalhar nela. Com a sala criamos um lugar onde todos se encontravam, se conheciam, cursos diferentes, conversávamos com os professores, o Vozes era nosso espaço. Quando eu menos esperava, quando eu já acreditava que me “aposentaria do teatro”, sou convidada para dar aula, no projeto do governo federal Mais Educação. É a partir dessa experiência que me vejo mais uma vez atravessada pelo teatro. Agora buscava envolver as crianças e criar um senso de cidadania com os exercícios. Começo então a estudar teatro infantil, em especial Maria Clara Machado, redescobrimo a delícia de estar num palco ou na coxia, mas em seu mundo.

Com passar do tempo mantínhamos a rotina das reuniões e organização do Núcleo. Percebi como havia me tornado diferente, aprendi muito naquele espaço e mudei em todas as minhas relações, refletir sobre como as pessoas nos compõem, nos trejeitos, nos desejos, nas tensões, sendo um processo constante.

Em 2009, para minha surpresa, sou convidada pela professora Inês para ser sua bolsista de Iniciação Científica (IC) no projeto *Formação de Professores e Docência em São Gonçalo: Narrativas, Memórias e Saberes*, ficando imensamente lisonjeada, e iniciando a aproximação da temática autobiográfica. A vida me traz de volta ao Instituto de Educação Clélia Nanci. Uma de minhas primeiras inquietações ao entrar na universidade e conhecer todas as teorias me levava a questionar sobre os caminhos que a educação, principalmente a educação básica. Como os professores constroem sua prática e como são formados os professores do futuro de nível médio?

Muito além, a pesquisa contava com minha querida Michelle Alvarenga, que agora na pós-graduação nos ajuda com a entrada em campo e o desenvolvimento da elaboração de sua pesquisa de monografia. Como ela realizamos a revisão de literatura e os contatos diretos com a escola. Para nossa alegria, Inês consegue outra bolsa de IC financiada agora pelo CNPq e convida Rodrigo. E, assim, mais uma vez Rodrigo torna-se meu companheiro de pesquisa.

Em setembro de 2010 nos vemos envolvidas com o preparo da semana da Normalista em outubro, para além das discussões de textos que foram sistematizadas e tornaram-se periódicas. Com o retorno nos vemos envolvidos novamente com uma nova gincana a “I Gincana Cultural do Instituto de Educação Clélia Nanci”, bem como a realização de entrevistas.

A vida teatral não parou o cotidiano dos exercícios que desenvolviam a memória e a autonomia para a criação e recriação das personagens foram bem aceitos e assim montamos várias peças de Maria Clara Machado. Ao longo do semestre sou apresentada na disciplina de Educação Popular ministrada por Maria Tereza, conheço Augusto Boal e seu teatro do oprimido.

Enfim quatro anos estão perto do fim. Tristeza e felicidade me tomam. Meu trabalho não acabou na verdade é apenas o início. Desejo ainda muito desenvolvimento. Não tenho como detalhar precisamente tudo o que aconteceu, na verdade tudo acontece a todo o momento e isso nos forma, nos deforma e nos transforma.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico centra-se no interesse de compreender os caminhos da formação docente dos estudantes do curso normal em nível médio. O mesmo está entrelaçado com a pesquisa, da qual sou bolsista da iniciação científica a partir do primeiro semestre do ano de 2010, intitulada *Formação de professores/as e Docência em São Gonçalo: Narrativas, Memórias e Saberes*¹, orientado pela professora Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança. O interesse dirigido à temática teve início com o contato com o campo de estudo apresentado na referida pesquisa, sendo desenvolvida no Instituto de Educação Clélia Nanci (IECN)², localizado no município de São Gonçalo³.

Nessa conjuntura os caminhos para ingressar no campo de estudos da presente monografia vieram, também, por meio do Estágio Supervisionado III⁴, ministrado pela professora Inês Bragança. A prática do Estágio Supervisionado, realizado no IECN, me proporcionou entrar no campo e repensar esse espaço tão familiar, mas que seria tomado, agora, como espaço de pesquisa. Início a pesquisa com dois objetivos – desenvolver meu trabalho monográfico intimamente ligado a referida pesquisa⁵ e conhecer um pouco mais dos estudantes do curso normal, buscando entender, especialmente, o campo da formação de professor em nível médio.

O desejo de investigar a formação docente me levou a buscar interação entre a pesquisa e os autores estudados. Por acreditar que a formação consiste na transformação através da experiência e que “é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (LARROSA, 2002, p.25), formulo as seguintes questões: *quais as tramas envolvem os estudantes do curso normal nesse momento atual de políticas de formação? O que toca os estudantes do*

¹ Iniciado no ano de 2007.

² Atualmente dispõe de cerca de 3600 alunos ao todo.

³ A localização da escola no centro do município possibilita seu fácil acesso, sendo um dos possíveis fatores de ser frequentada por alunos de toda a cidade.

⁴ O Estágio Supervisionado III é o último estágio do currículo do Curso de Pedagogia e em sua ementa dá ênfase à formação de professores e à gestão educacional.

⁵ A Pesquisa Formação de professores/as e docência em São Gonçalo: Narrativas, Memórias e Saberes, conta desde o ano de 2010 com dois bolsistas de Iniciação Científica (IC): Juliana Godói de Miranda Perez (FAPERJ) e Rodrigo Luiz de Jesus Santana (CNPq), e duas bolsistas voluntárias: Michelle Alvarenga Ferreira e Denise Siqueira, todos alunos dos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/ UERJ). Nossa prática junto à escola promove a articulação entre a Universidade e a Escola Básica e tem encontrado boa acolhida da comunidade escolar visando a construção de uma possível versão da história partir das histórias dos seus sujeitos.

Curso Normal do IECN ao longo do processo de formação? Assim, tomando a experiência por sua natureza transformadora desejo falar do IECN como esse lugar formativo.

Portanto a finalidade da proposta de pesquisa centra-se em compreender como se dá a formação inicial da docência no IECN, a partir das memórias e experiências-formação de estudantes do curso, atravessados pelo espaço escolar e contextualizadas pelo tempo-histórico. Por meio de uma abordagem qualitativa de pesquisa em educação, o desenvolvimento da pesquisa focaliza o entrelaçamento da pesquisa-formação, as possibilidades da narrativa no processo formativo e o delineando as políticas atuais do Curso Normal.

A pesquisa foca a turma 4006, quarto e último ano curricular, do ano letivo de 2011, incluindo uma contextualização do currículo atual do curso, bem como as motivações políticas que implicam no processo de formação proposto pelo mesmo. Realizamos um levantamento sobre o perfil dos estudantes da referida turma, mapeando de maneira mais geral, os atravessamentos comuns a todos. Em seguida, por meio das narrativas e entrevistas (auto)biográficas, construímos um grupo de interlocução com o qual detivemos conceituações mais consistentes desenvolvidas ao longo dos caminhos de formação percorridos. Outro recurso investigativo proposto foi o desenvolvimento de oficinas pedagógicas, investigando os possíveis caminhos da formação. Todo esse movimento feito com um estudo bibliográfico que dialoga com o tema e os objetivos da pesquisa.

Nessa perspectiva, utilizamos o recorte dos processos formadores do IECN tendo como referência que esse espaço se afirma como um “lugar de memória” (NORA, 1993), almejando compreender as relações da memória no campo da educação, perspectivando seu aspecto movediço. Ao mesmo tempo busco problematizar, também, o “tempo de agora” (BENJAMIN, 1993) no campo da memória como alavanca para as projeções futuras da vida, sendo assim o lugar da memória é o lugar do coletivo, onde ela se faz presente. E como se faz presente? Como ocorre a partilha no campo da formação direcionado pelo processo de ação-reflexão-ação na ressignificação do cotidiano?

A temática aqui proposta busca compreender os caminhos de uma formação que se debruce na importância de reconhecer suas ações presentes como frutos da “memória-vida” (BRAGANCA, 2009b) em seu cotidiano, problematizando as experiências-formadoras dos estudantes do Curso Normal. O processo de formação dos

sujeitos escolares possibilita perceber concepções docentes atuais, que se entrelaçam às construções históricas e sociais. São muitas as perspectivas presentes no cotidiano escolar; observamos a força de uma herança positivista que tem na figura do professor/a a dicotomia dos saberes escolares, mas, em contrapartida, encontramos, também, o movimento de formação docente como uma reflexão acerca de sua trajetória de vida e formação.

Portanto a compreensão dessas fontes são as relações estabelecidas e ao mesmo tempo produzidas, consolidando a escola como um lugar de memória, norteador uma história singular, mas ao mesmo tempo plural pelas suas possibilidades de compreensão (NORA, 1993).

Após o memorial que busca indicar os fios que articulam a trajetória da autora ao tema de estudo proposto e da presente introdução situando a problemática, a presente monografia desenvolve-se em cinco capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma retrospectiva histórica da criação do curso normal no Brasil e trajetórias do IECN, o capítulo dois discute conceitos desenvolvidos na pesquisa, passando pelas pesquisas de cunho biográfico, conceitos de pesquisa-formação, memórias e narrativas, experiências e a formação do sujeito como formação de si. O terceiro capítulo traz o espaço de pesquisa – o IECN, a turma 4006 e seus estudantes e o quarto e último capítulo apresenta as análises, apontando para as considerações finais.

CAPÍTULO I:

(RE)CONSTRUINDO A TRAJETÓRIA DO CURSO NORMAL

1.1. Um sobrevôo pelo campo de disputa da história da formação docente.

O presente capítulo busca apresentar um panorama mais geral do trabalhado de pesquisa no campo da formação de professores, como parte de uma rede de conhecimentos tecidos sobre o tema. Seu fio condutor indica dois momentos de discussão, construindo o mapeamento acerca desse espaço de estudos que vem a ser o Curso Normal. Inicialmente busco o contexto histórico do surgimento do Curso Normal no Brasil e da formação de professores, analisando seu percurso ao longo dos anos e situando a trajetória dessa modalidade de ensino e, a seguir, os novos rumos da educação a partir da redemocratização.

Considerando as produções já publicadas nessa grande área das ciências Humanas e Sociais, sobretudo no campo da Educação, começamos com o surgimento do curso normal em seu contexto mais geral. Sua criação se dá no séc. XIX e deriva da necessidade de formalização e institucionalização da formação docente à medida que a escolarização era vista como uma forma de organizar a sociedade e, por sua vez, diminuir a criminalidade, com o início da produção de uma “salvação social” onde a instrução levaria ao progresso. (VILLELA, 2000)

Nesse pano de fundo, percebemos que o curso normal nasce no seio de grandes tramas políticas que manipulam o saber como forma de controle social. Se hoje podemos falar que o curso caracteriza-se por concepções ainda muito marcadas por uma “forma de ensinar aplicável”, podemos dizer que o enraizamento da escola era um grande passo em vias de manutenção da classe dominante, e a “forma de ensinar” caracterizava uma cartografia própria do cenário da época, entendida como parte de uma função social que começa nesse momento, a ser atribuída à escola. O curso normal se afirmou, nesse contexto histórico como espaço de formação, tendo depois se desenvolvido ao longo do território brasileiro, bem como possibilitando uma abertura para o ensino feminino escolarizado. (VILLELA, 2000)

O percurso do curso nos mostra, mais incisivamente, o panorama das políticas públicas voltada especificamente para a formação com o objetivo de criação de uma nação nova, sendo impulsionada pelo crescimento industrial e como a intenção de

construir, em seu berço, o desenvolvimento de todas as classes como uma demanda necessária. Entretanto, devemos sinalizar que, apesar de hoje termos em mente a formação do docente em uma perspectiva intelectualizada, ampla e desenvolvida do senso crítico, essa forma de pensar não é natural, foi um processo histórico de construção e que ainda hoje mostra-se muito recente na história do Brasil. Na criação dessa “base” social brasileira vemos uma sociedade nos primeiros passos da industrialização, ainda muito arraigada como a trabalho escravo e uma visível divisão de classe e de condições precárias de vida das camadas populares. Como apontada por Heloisa Villela (2000, p. 101 e 102):

O segmento da classe senhoril que assumiu a direção do Estado nas décadas de 30 a 50 do século XIX mantinha o firme propósito de se fortalecer como classe detentora de monopólios[...] que temiam perder seus privilégios e buscavam uma forma de manter sua presença no mercado mundial, sem modificar profundamente as relações que sustentavam o império brasileiro.

Nota-se que o movimento pedagógico assumido no caminho comungava muito com os princípios iluministas, mas mantendo as características conservadoras e muito desse processo foi norteador pelos modelos europeus. A institucionalização da profissão também é delineada a partir desse aspecto entendendo que as províncias agora são responsáveis pela formação desses profissionais que devem manter a organização e o poder da classe interessada. Começa-se a crescer a definição do docente como um profissional que dedicava-se a “transmissão” dos costumes “normais” e principalmente as morais adotadas como conduta social. Nesse bojo, o Estado toma para si a responsabilidade da criação desse sujeito professor que irá criar a os primeiros passos da civilização brasileira. (VILLELA, 2000)

Em 1835 foi fundada a primeira escola normal no Brasil em Niterói, capital da província brasileira, que posteriormente veio a ser caracterizada como escola pública do império, tendo sido inúmeras vezes fechada e reaberta por falta de alunado ou de profissionais que lecionassem. Em seus primórdios aceitava-se todos aqueles que alcançassem o mínimo de instrução básica, o conhecimento rudimentar da língua materna, as operações lógicas-matemáticas e a boa conduta, sendo este último mais importante do que qualquer outro elemento para o ingresso no curso.

[...] as Escolas Normais preconizavam uma formação específica. Logo, deveriam guiar-se pelas coordenadas pedagógico-didáticas. No entanto, contrariamente a essa expectativa, predominou nelas a preocupação com o domínio dos conhecimentos a serem transmitidos nas escolas de primeiras letras. O currículo dessas escolas era

constituído pelas mesmas matérias ensinadas nas escolas de primeiras letras. Portanto, o que se pressupunha era que os professores deveriam ter o domínio daqueles conteúdos que lhes caberia transmitir às crianças, desconsiderando-se o preparo didático-pedagógico. (SAVIANI, 2009, p. 144)

Por volta das décadas de 1860, 1870 e 1880 o curso normal é criado em outras províncias como Bahia e São Paulo, apesar de constantes momentos de encerramento das funções. Há muito que se questionar quanto ao funcionamento dessas instituições a começar pelo seu processo de admissão caracterizado apesar por uma prova de conhecimentos rudimentares (ler, escrever e as operações aritméticas básicas). O que podemos constatar, no estudo da literatura, é que o conhecimento específico não era fator fundamental para essa identidade docente. (ibidem, 2000)

Destaca-se também o lugar da mulher na escola normal. São inúmeros os fatores que levam a feminização do magistério assim como citado por Aranha (2006):

De início, atendiam apenas rapazes: a primeira escola normal de São Paulo, só tinha trinta anos depois de ser fundada, passou a oferecer uma seção para as mulheres, e, com o tempo, a clientela tornou-se predominantemente feminina. Essa femininização deveu-se em parte à lenta entrada da mulher na esfera pública, e porque a profissão do magistério era uma das poucas que permitiam conciliar com as obrigações domésticas. Além disso, constituía uma atividade socialmente aceita, por se pensar estar ligada à experiência maternal das mulheres [...] e, por fim, mas não por último, tratava-se de um ofício cuja baixa remuneração era aceita mais resignadamente por elas. (p. 227-228)

Em linhas gerais, a tradição artesanal do ofício docente era caracterizado socialmente como uma profissão com uma inclinação para o trabalho dito feminino, um lugar visto como “passar tempo” ou de “passagem”, significando um período momentâneo sem muita importância substancial para a esfera da formação intelectual. Isso não significa que não existisse a luta por melhorias e de formação de um grupo que deseja o reconhecimento do professor com um movimento de uma classe trabalhadora. Não se pensava ainda em plano de carreira, mas cogitava-se a luta por aposentadoria e melhor remuneração. (ARANHA, 2006)

Com a República começa-se a apontar para indícios decisivos do processo de profissionalização do docente

com discursos e indicativos legais sobre a importância da ampliação e estruturação da rede escolar, bem como elementos significativos do **processo de profissionalização da docência**, considerando-se a **tutela do Estado**, a **institucionalização da formação de professores**, bem como a **articulação dos professores em movimentos corporativos**. (BRAGANÇA, 2009a, p. 5 – grifos da autora)

Com a entrada do século XX as políticas nacionais tomam uma nova roupagem. Primeiramente podemos falar de uma indispensável modernização do Brasil, momento

esse que caracterizou a série de correntes com novos horizontes ideológicos, que tinham na educação uma de suas principais alavancas. E a discussão que rondava as questões sociais agora para sanar problemas derivados extensão da indústria e do inchaço nos centros urbanos da época, caracterizado pela alta taxa de analfabetismos e de imobilidade social. A reformulação da escola normal durante o todo o século XIX compõe uma transformação de uma classe profissional que reflete nas movimentações do início do século XX. (VILLELA, 2000)

Como a ampliação da formação docente, agora não só vista a nível médio, mas como o crescimento do nível superior de ensino, como o curso de Pedagogia fundado em 1939, observamos um amadurecimento das discussões acerca da profissionalização do docente. Os impasses entre o Estado e o fortalecimento de uma identidade docente, juntamente com a discussão dos pioneiros da educação com a luta pela escola pública e laica e de direito de todos, alimentam o que se materializa na década de 1940 com a reorganização do curso médio normal.

Com a Lei Orgânica do Ensino Normal de 1946⁶, o nível médio da formação docente é equiparado a nível nacional organizado desde seu currículo até suas diretrizes gerais. Em seu artigo 4 consta que: Art. 4º “Haverá três tipos de estabelecimentos de ensino normal: o curso normal regional, a escola normal e o instituto de educação” e no inciso § 3º que o “Instituto de educação será o estabelecimento que, além dos cursos próprios da escola normal, ministre ensino de especialização do magistério e de habilitação para administradores escolares do grau primário”. Essa foi a primeira legislação que organizou o curso em âmbito nacional, destacando-se, também, leis orgânicas em diversos âmbitos da educação brasileira. A partir de então entramos em um processo histórico intenso que levou a produção da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

O ganho obtido com a LDB de 1961⁷ pode ser entendido mais como ideologia do que propriamente uma reformulação, pois, em 1964, no meio do caminho de uma possível mudança estrutural de base, o golpe militar vem a findar com toda uma discussão de ampliação da conscientização de uma formação humanística. A Lei 5692/71 extinguiu o ensino ginasial e implanta a escola de 1º e 2º ano, atentos para a formação técnica obrigatória no ensino médio.

⁶ Lei Nº 8.530 – De 2 de janeiro de 1946

⁷ Lei Nº 4.024, De 20 de dezembro de 1961.

O antigo curso normal cedeu lugar a uma habilitação de 2º Grau. A formação de professores para o antigo ensino primário foi, pois, reduzida a uma habilitação dispersa em meio a tantas outras, configurando um quadro de precariedade bastante preocupante. (SAVIANI, 2009, p.147)

Sendo assim, a década de 1970 configurada pela legislação e direcionada pelo regime militar impossibilitava a discussão de uma formação tão amplamente discutida nos anos de 1930. Enquanto no período de trinta defendia uma identidade própria, notamos, que com o golpe militar, que a perda do sentido dos cursos técnicos descaracteriza e enfraquece a luta docente e o curso normal passa a ser entendido como uma habilitação específica para o magistério.

A grande mudança dos rumos da educação pode ser sinalizada relacionada a lei 5692/71, destacando-se dois movimentos centrais para a discussão do curso normal. Em primeira instância a referida lei que fixou as diretrizes e bases da educação do 1º e 2º graus, no intuito de ampliar e qualificar a mão-de-obra do país, voltada especificamente para as necessidades que “o grande desenvolvimento econômico” necessitava, favorecendo a modernização e consolidação do Estado Nacional, proposto no plano econômico. E, em segunda instância, a lei 7.044/82 que alterou as incumbências da lei anterior, mas, em contrapartida, moldava e alimentava a crença da descaracterização do professor e sua descentralização, transformando a escola como parte da lógica do capital. (VILELLA, 2000)

Em vias de formação é nesse momento que vários autores sinalizam o crescente aporte pedagógico da técnica, abrindo mão da experiência. Esse fator é relacionado a legitimidade da ciência no campo da educação que desconsiderava o poder do encontro, perseguido pela ditadura militar e diminuía a prática pedagógica a simples aplicação de métodos. Nesse bojo cria-se uma cultura do esvaziamento dos espaços públicos, e propriamente entendido como um desprendimento da apropriação desses espaços como uma construção coletiva. A formação vista por esse ângulo defendia

... a apropriação construtiva do conhecimento novo ao conhecimento anterior do aluno, a formação do professor era pensada como processo de inculcação, a partir de um conhecimento produzido e ensinado de forma exterior à atividade profissional docente presente e passada. (CATANI; BUENO; SOUZA; SOUSA, 1997, p.25)

Esse processo é visto como um descolamento entre passado e presente provocando um presenteísmo constante, onde se esvazia os processos identitários construídos por esses sujeitos históricos ao longo dos movimentos de luta e aprisiona

suas práticas a fatos naturalizados, tendo como resultado a falta de reconhecimento de classe e de grupo.

O professor se pensado pelo seu papel social, era aquele que relacionava todas essas esferas e propunha o fortalecimento das micro-relações. A efetiva desqualificação da profissão docente, processo desencadeado na ditadura militar implica na percepção de que

tanto a experiência de professores foi desqualificada quanto o papel dos professores enquanto sujeitos históricos foi subestimado: procurava-se percebê-los no passado como meros reprodutores, para poder moldá-los no presente como transmissores ou aplicadores de conhecimentos e técnicas elaborados em outros lugares. Atribuiu-se a burocratização, a tendência à inércia e à rotina, a um processo inerente ao saber-fazer autônomo, ou seja, ao professor deixado livre de curso de reciclagem e de avaliações administrativas. Quando a experiência decente escapava a esses estereótipos, era vista como excepcional e portanto não-generalizável; irrelevante social e historicamente. (CATANI; BUENO; SOUZA; SOUSA, 1997, p.26)

Podemos analisar que as décadas de 1970 até o início da década de 1980, a repressão ainda atua incisivamente sobre o sujeito, mas com as fissuras no regime militar a anistia que permitiu o retorno de todos aqueles que discutiam as reformulações sociais e lutavam pela redemocratização. As bases dessa década previam consolidar dois pontos básicos da formação docente. O primeiro que abarcasse a docência como profissionalização, movimento que teve sua afirmação em diversas organizações sociais: Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), Associação Nacional de Docentes do ensino Superior (ANDES), Confederação nacional de Trabalhadores em educação (CNTE), seguido por revistas e periódicos que abrigavam as discussões gestadas pelos pioneiros da educação, articuladas a propostas como de Paulo Freire.

Vale sinalizar que, mesmo entendendo que a circulação maciça das discussões da política nacional venha desses atores, não podemos esquecer que as lutas também são traçadas no cotidiano e que os professores da escola básica também construíram frentes de ação com o fortalecimento do colegiado e dos sindicatos como nos aponta Bittar (2006, p. 1170):

Os professores públicos estaduais de 1º e 2º graus se constituíram em um dos protagonistas sociais da transição democrática não apenas como uma categoria profissional em si, mas, sobretudo, por meio de uma intervenção programática própria no âmbito da formação societária. [...] Posto assim, a categoria dos professores do ensino básico conquistou a identidade sociopolítica que a colocava, nos anos de 1980, como uma das mais importantes interlocutoras da educação pública brasileira.

Podemos caracterizar a década de 1980 como aquela que deu alicerce e consolidou os discursos representados pelas lutas abafadas das décadas de 1960 e 1970. O curso normal toma novos rumos com o projeto de governo, lançado em 1982, denominado Centros de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAMs), na tentativa de revitalização do curso, mas o difícil acesso ao projeto levou a uma queda quantitativa. Nesse período o curso normal formava os professores das séries iniciais e o Curso de Pedagogia contemplava as habilitações específicas para a Educação (Diretores, Orientadores).

Os rumos da redemocratização do país pressionam também uma nova lei que contemplasse todas as especificidades antes negadas e em 1988 temos a nova constituição. A esse respeito vários aspectos podem ser apontados já que a o espírito da época e as bandeiras de luta voltam com força total apoiando a reformulação social. Muitos autores apontam para uma autonomia enganosa, de um populismo exacerbado e inúmeras discrepâncias entre a defesa da educação e os contornos que a escola tomou ao longo de mais de duas décadas. (SAVIANI, 2009)

Em termos gerais a década de 1990 pode ser caracterizada pela efetivação das lutas pelas novas diretrizes da educação. A LDBEN de 1996 impregna ganhos significativos para a concepção de educação e de formação docente. A redemocratização aponta para o grande envolvimento com o conceito de educação para todos, sintetizando as lutas para o avanço do Brasil que estrutura a “década da educação”, apoiada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). (SAVIANI, 2009)

Na leitura da LDB de 1996, percebemos como tendência o desaparecimento do curso normal no território nacional já que indica a formação superior dos professores das séries iniciais do ensino fundamental. Entretanto entendemos que, na realidade brasileira, ainda será necessário tempo além da década da educação para o alcance do objetivo de concentrar toda a formação docente no nível superior.

os professores não têm tido no interior das escolas, mesmo com a exigência da construção do projeto político pedagógico, oportunidade de forjar espaços/tempos para organizar a troca e o debate coletivo em torno das suas práticas. Mas será que investem Nessa direção? Ou esperam que as autoridades do topo da hierarquia tomem a iniciativa, através da direção da criação de grupos específicos? (NUNES, 2002, p. 29)

Atualmente, no Rio de Janeiro, dois movimentos muito peculiares encontram-se no foco das discussões sobre o curso normal. Em 2006, foi publicada a *reorientação*

curricular do curso normal, documento estadual que prevê a permanência do curso normal com uma organização do curso em quatro anos e em 2010 presenciamos na pesquisa realizada no IECN mais uma reformulação que voltou o curso para três anos, incluindo dois dias de horário integral.

Em um olhar mais amplo sobre as políticas públicas dos últimos anos, percebemos grande ênfase sobre a formação docente. Destacamos para análise uma dessas iniciativas, por estar ligada à formação de professores desempenhada pelos Cursos Normais. O governo federal criou, em 2009, o programa *ProInfantil* que articula União, Estados e Municípios na construção de uma nova proposta formação docente. O programa conta com a proposta de educação a distância com duração de 2 anos, contando com a realização de encontros quinzenais para tirar dúvidas e um período, fora o calendário escolar, com aulas presenciais. Chama a atenção o fato de que essa nova proposta de formação docente apresenta um currículo muito similar ao do curso normal, emitindo inclusive a certificação relativa a esse curso. Destaca-se que os interessados precisam estar lecionando durante o período do curso. (MEC, 2000)

Esse processo já encontra-se em andamento por exemplo no estado do Pará que no ano de 2008 extinguiu seu curso normal, mas não suportou a demanda de profissionais especializados (Pedagogos) para supri-la. Com efeito o estado adotou o programa e abriu espaços para a contratação de professores leigos que lecionariam ao mesmo tempo em que se formariam. (SAVIANI, 2009)

A partir de levantamentos feitos nos sites das Secretarias Estaduais de Educação dos diferentes estados e de canais do MEC, como o conexão Professor, site que contém materiais específicos com dados para as escolas e os docentes, além de notícias públicas em sites de educação, fiz um levantamento preliminar que indica que onze Estados brasileiros não possuem mais a oferta do curso normal, são eles: Acre, Amazonas, Brasília, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia, Sergipe e Tocantins. É interessante destacar que estados do Sudeste como Rio de Janeiro e Minas Gerais mantiveram o Curso Normal e estados do Nordeste, como Pará e Rio Grande do Norte extinguiram seus cursos.

Esse estudo deixa o questionamento: quais serão os próximos encaminhamentos das pelas políticas nacionais e, especificamente, do estado do Rio de Janeiro dirigidas à formação docente em nível médio?

1.2. Percursos do curso normal na história do Instituto de Educação Clélia Nanci

No transcorrer do texto anterior percebemos que, de modo geral, a escola está sempre relacionada a uma determinada ordem e um papel de fundamental organização do espaço social, ou seja, dentro de todas as instituições é à escola, e mais especificamente aos professores, que se dirigem cobranças pela responsabilidade com a educação.

O IECN foi fundado a partir da doação do terreno do Deputado Hamilton Xavier ao Dr. Aécio Nanci, que o homenageia sua mãe ao dar a escola seu nome, Clélia Nanci. De família tradicional os Nanci tinham uma grande representação dentro do município e o Instituto constitui a escola como tradição da cidade de São Gonçalo.

Em sua organização a escola disponibilizava, no período de 1963 a 1971, o primário, o curso ginásial e o Curso Normal. Mas com a implantação da referida lei 5.692/71, que estabeleceu a profissionalização obrigatória e uma nova organização sistema educacional em 1º e 2º graus, a escola passa a oferecer cursos técnicos como Patologia Clínica, Contabilidade etc., que posteriormente foram extintos, ficando apenas o curso normal.

A formação do curso normal é sinalizada pela grande procura no município e por ser tornar referência, ao longo dos anos, da história das escolas de São Gonçalo bem como do curso normal.

Como explicitado no item anterior do texto, em 2006, governo no Estado do Rio de Janeiro homologou a Reorientação curricular curso normal redirecionando as bases do curso e passando a conter um currículo com 4 anos letivos, implantado a obrigatoriedade do trabalho com as leis de relações raciais⁸ e educação especial⁹. Além de compor toda uma interação entre os processos de formação do professor articulando as áreas da história, psicologia, sociologia, filosofia entre outros.

Hoje o curso normal passa por mudanças estruturais. Em primeiro lugar uma nova reformulação em sua base, fazendo com que o curso passe a ter três anos de duração e não quatro, incluindo dois dias semanais com horário integral. Outra mudança na dimensão da gestão com a perspectiva da aposentadoria da sua diretora geral, que está no cargo desde o ano de 1994, além do término da oferta de ensino no turno noturno e as incertezas que cercam a continuidade do curso normal.

⁸ Lei 10.639/03.

⁹ Consta na Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira (LDBEN 9394/96) no capítulo V.

Ao longo desse capítulo dirigimos o olhar para lampejos do caminho histórico que envolvem a formação de professores em nível médio, por meio do Curso Normal, bem como para a história do Curso no Instituto de Educação Clélia Nanci. Nessa perspectiva buscamos uma dimensão mais ampla, envolvendo tensões políticas. Mas, na presente pesquisa, buscamos também focalizar a experiência vivida pelos estudantes em uma abordagem de pesquisa autobiográfica. Assim, o próximo capítulo apresenta um diálogo com as referências conceituais dessa abordagem.

CAPÍTULO II:

A PESQUISA-FORMAÇÃO NA PRODUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS-FORMADORAS

Lugares topográficos, que os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais tem a sua história. Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória colectiva: Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória. (LE GOFF, 1992)

Nesse capítulo abordarei os conceitos pautados na abordagem (auto)biográfica, focando, principalmente, sua trajetória como fundamentação teórica no campo educacional e desenvolvendo o aporte teórico-metodológico dos principais conceitos que norteiam as discussões aqui apontadas. Como direção da discussão, desenvolvemos os conceitos de *experiência*, de *construção de si*, de *narração* ou *ato de narrar* e de *formação*, construindo uma rede que possibilita o desenvolvimento de análise das experiências-formadoras dos estudantes do 4º ano do curso normal a nível médio do IECN.

O panorama apresentado, inicialmente, são os resultados obtidos a partir de uma revisão geral da revisão de literatura feita no site *Scielo*, buscando artigos online disponíveis que tratassem da discussão seguindo esse campo teórico. Nossos norteadores para a busca das fontes foram autores do campo (auto)biográfico na França e no Brasil, sendo esses Gaston Pineau, Marie Christine Josso, Pierre Dominicé, Maria da Conceição Passegi, Inês Ferreira de Souza Bragança, Denice Barbara Catani e Elizeu Clementino de Souza. A referida pesquisa bibliográfica está diretamente ligada a conceitos-chave que me deram base para desenvolver o trabalho aqui apresentado.

Completando as bases teóricas de análise, utilizo quatro livros que falam diretamente da temática, são eles: *Experiências de vida e formação* de Marie de Cristine Josso (2010), *Histórias de vida e formação de professores*, organizado por Elizeu Clementino de Souza e Ana Cristina Venancio Mignot (2008), *Tempos, Narrativas e Ficções: a invenção de si*, também organizado por Elizeu Clementino de Souza e por Maria Helena Menna Abrahão (2006) e *Docência, Memória e Gênero: Estudos sobre formação*, organizado por Denice Barbara Catani, Belmira Oliveira Bueno, Cynthia

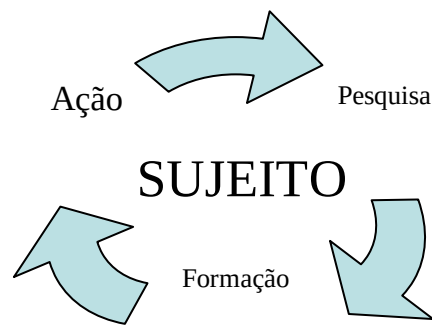
Pereira de Souza e M. Cecília C. C. Souza (1997). Nota-se que, em linhas gerais, todos propõem uma abordagem acerca dos conceitos priorizados na pesquisa.

Gaston Pineau(2005) sinaliza três grande momentos da abordagem (auto)biográfica. O período denominado *emergente*, de 1968 até o final da década de 1970, que aponta para a emergência de novas posturas de pesquisa que têm como foco a quebra dos estudos binários e cartesianos que instituíam o modelo clássico ligado aos estudos positivistas com divisões entre prática/teoria, singular/plural, sujeito/objeto.

O período de *aproximação paradigmática* da década de 1980 desenvolveu a mudança de modelo, principalmente nas ciências da educação, como o choque entre as novas experimentações que emergiram, fugindo das concepções naturalizadas da vida e do ensino. O modelo sistêmico referente ao desenvolvimento do conceito de professor-pesquisador que não desassocia sua prática da teoria, pois ela é fruto da implicação dos sujeitos da pesquisa no campo, alargando o conceito de pesquisa-formação com as iniciativas do modelo sistêmico ligado diretamente ao prefixo “auto” e denominado como uma estratégia paradoxal que confronta o sujeito (auto) com o (hetero) o outro, permitindo uma dialética entre eles e o cruzamento intergeracional nas formas de aprendizagem. (PINEAU, 2005)

Em seguida o momento de *construção paradigmática* com a eclosão nos anos de 1990 e a construção da ordem da tríade: ação, pesquisa e formação. É em 1990 que começa a desenvolver novas fundações e associações do movimento que reaparece como novas nomenclaturas sendo todas sementes da tríade. Emergem desse campo as abordagens da história de vida, história de vida e profissionalização, (auto)biografia, biografias educativas, entre outros que expandiram para o mundo os aspectos reflexivos da abordagem. O movimento (auto)biográfico afirma novos olhares acerca dos sujeitos que compunham o cotidiano escolar, no contexto de novos paradigmas no que se entendia como formação permanente, onde os antigos e anacrônicos modelos educativos chocam-se com os diferentes resultados, ainda inéditos nas pesquisas educacionais. O gráfico abaixo exemplifica a construção do sujeito nas pesquisas biográficas¹⁰:

¹⁰ Baseado no trabalho de Gaston Pineau(2005), ilustrando o processo de construção do sujeitos nas pesquisas biográficas.



Quadro 1

Ou seja, todos eles comungam da mesma gênese apenas de conter algumas e poucas variações que retratam o espaço de estudo que vão construir, mas todos respiram da implicação da pesquisa na relação entre os sujeitos, o local e sua construção enquanto humano. (ibid.)

Desse modo podemos assinalar três grandes desdobramentos da abordagem. O pressuposto da formação do sujeito entendendo as várias esferas que o compõem - o individual e o coletivo, o local e o nacional. A construção das identidades e especialmente a aproximação e identificação com os outros que comunguem dos mesmos ideais ao longo de sua trajetória, relacionam-se diretamente com “o conhecimento de si” (SOUZA, 2008) e seu reconhecimento como pertencente a um espaço (de formação institucional ou não). E em última instância, mas não em menor escala, a construção de experiências construídas ao longo da trajetória do sujeito relacionando os vários lugares e vivências que inclui a identificação com um grupo na partilha das lutas contidas na complexidade desses espaços-formativos e a narração como processo reflexivo de entendimento da vida. Todos eles apontam para um movimento reflexivo que sustenta a perspectiva biográfica onde o sujeito se reconhece como produtor e não como produto da vida social.

Todo esse complexo movimento de estudo da trajetória tem como cerne da pesquisa, principalmente nos anos 1980, as falas dos sujeitos, consistindo na finalidade de expor as experiências vividas buscando a compreensão das sinuosidades que constituem o ser aprendente. Todo esse processo articula-se com a argumentação de Catani et al (1997, p. 21)

De fato, o que se convencionou chamar de **pesquisa narrativa**, no campo educacional, enfatiza a variedade de práticas e investigações e de formação assim agrupadas, como iniciativas que vêm se firmando no campo desde a década de 80, principalmente na Europa, e que deve muito às tentativas de recolocação do sujeito no centro das interpretações das ciências humanas (grifo da autora)

No Brasil a abordagem autobiográfica chega no fim da década de 1980, no contexto das discussões provenientes da constituição de 1988 e do embrião da LDB/96 que questionava, junto com as discussões da redemocratização, como apresentado anteriormente, a construção da identidade da profissão professor atrelada a reposição dos sujeitos na sociedade como alavanca das decisões sociais. Essa reconstrução da história da formação e da escolarização desencadeia novos caminhos e atribuição de novos sentidos à vida cotidiana.

Como indicadores da crise paradigmática histórica emergem

novas práxis socioformadoras projetando, nas fronteiras das instituições, novos interlocutores em busca de novas situações de interlocução e de escritura, para tratar seus problemas vitais pós-modernos de orientação e de formação profissional e também existencial. (PINEAU, 2006, p. 333).

A nova práxis gera questionamentos a fim de recolocar o sujeito como centro da discussão, bandeira dos movimentos da época no Brasil num momento de redemocratização da vida social e o professor é altamente atravessado por essa recente recuperação da cultura escolar e da profissionalização do magistério sentida atualmente.

As marcas apresentadas desenvolveram, ao longo da década da educação (1996-2006), um cenário propício de questionamentos como, por exemplo: *quais são as experiências-formadoras vividas pelos estudantes do curso normal? Como podemos compreender um pouco mais desse espaço?*

O primeiro conceito a ser desenvolvido é o lugar, ou seja, constituir esse espaço escolar de formação como um “lugar de memória” (NORA, 1993), pois precisamos consolidar nossas memórias e experiências, resguardá-las do esquecimento, e a escola é esse lugar na vida do sujeito, onde “guardamos” nossas memórias. Mas mutável a memória nos aponta seu poder reflexivo e a formação de um lugar de memória é o desenvolvimento da própria vida.

Quando perguntamos aos estudantes sobre a escola não queremos só os sentidos do lugar físico, pois o lugar em si não significa nada se ele de alguma forma não estiver diretamente relacionado à experiência do sujeito, de como o sujeito associa esse lugar como sendo seu. Buscamos a reconstrução daquele momento de formação e as intervenções desse lugar no modo da pessoa se relacionar com o mundo, com o conhecimento de um momento significativo na escola de formação de professores, como as formas de aprendizagem possíveis, relativas a uma práxis transformadora.

Em resumo o que são os lugares de memória? “São lugares, como efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em

graus diversos” (NORA, 1993, p. 21). É indispensável analisar que o lugar de memória tomado como um lugar de formação é atravessado pelas experiências, memórias significativas daquele espaço que mudam o sujeito dando novos contornos ao modo de se apresentar ao mundo, a reinvenção de si. Desse modo, falar de um lugar de memória é relacionar a identidade de um grupo diretamente ligado a esse espaço formativo e a memória.

Antes de aprofundar um pouco mais o conceito de memória e a relação com o lugar vivido, escolho desenvolver um pouco melhor o que tomamos como conceito de identidade, no intuito de articular, posteriormente, lugar, identidades e memórias.

A abordagem (auto)biográfica já aponta como pressuposto fundamental o conceito de identidade. As identidades nos mostram o pluralismo das nossas experiências, elas se constroem e se reconstróem, mas em um dado momento podemos dizer que ela é instável, estando diretamente imbuída de valores e referenciais emergentes.

Podemos dizer que a identidade é um processo de multirreferenciais na busca incessante do ser humano pela busca das realizações da vida. No curso normal, ao longo da pesquisa, percebemos um fator curioso, pois independente se a carreira adotada no futuro será a docente ou não, todos falam de um fator em comum, muito rico no momento (auto)biográfico e do estudo com esses sujeitos, que em resumo sintetiza o que estou querendo afirmar - a identidade docente construída ao longo da formação no curso normal de maneira alguma priva o sujeito de tentar outras possibilidades, pois entendemos que a experiências os transformam, assim o contato com outras profissões e outras formas, vivenciadas, pode fazê-los caminhar para outras direções.

Tomamos, então, a identidade não como algo que não está preso a um idealismo, mas por suas marcas de produção do sujeito em um momento, incluindo o contexto, as subjetividades e as representações.

Trabalhar as questões identitárias, expressões de nossa existencialidade, mediante a análise e a interpretação de relatos de vida escritos permiti evidenciar a pluralidade, a fragilidade e a dependência de nossas identidades ao longo da vida. As constatações que questionam a representação convencional de “uma” identidade que seria definível num dado momento, graças à sua estabilidade conquistada, assim como uma identidade, que se desconstruía pelo jogo dos deslocamentos sociais, pela evolução dos valores de referência e de referências socioculturais, a essas constatações, junta-se a tomada de consciência de que a questão identitária de ver concebida como o processo permanente de identificação/ diferenciação e de definição de si através de identidade evolutivas, como emergências socioculturais visíveis da existencialidade. (JOSSO, 2010, p. 68 - grifos da autora)

Josso (2006) apresenta a discussão presente tanto nas obras de Maurice Halbwachs como de Walter Benjamin, todos apontam para a importância da memória como meio de reflexão da vida. Memória e experiência são intimamente ligadas, existem certamente as variantes, mas indiscutivelmente a experiência produz o sentido da memória em nós. Por isso que nesse trabalho tomamos os dois pontos da memória: a memória coletiva e a individual. A memória individual objetiva nossas representações do mundo e que falam de uma visão de um acontecimento e a memória coletiva que, normalmente, reflete os acontecimentos em comum que foram vivenciados por um grupo ou por uma nação. Por exemplo, ao longo do trabalho de pesquisa observamos uma aula, apesar de sua proposta ter sido pensada para quarenta pessoas, as quarenta pessoas não guardam a mesma memória, a mesma experiência. Porque nós estamos no campo do singular-plural, ou seja, o confronto entre uma visão maior, que não significa que não tenha atingido a todos, mas o impacto a forma como tocou cada qual criou uma sensação diferenciada.

A abordagem que toma o sujeito como centro é muito criticada, por ter como foco o sujeito sendo, de forma equivocada, identificada como mera relatividade. Mas evidenciar o ser humano confirma o mesmo, também, como produtor dessa realidade, relacionando uma perspectiva global (exterior ao ser) e particular (interior ao ser que resulta as especificidades da transformação de cada um). (JOSSO, 2010)

Esse movimento que entrelaça as macro-ações, que consiste em atuações maiores que são comuns a todos os sujeitos, por exemplo, uma lei constitucional para uma nação ou o regimento escolar sendo aplicado a todos e os acontecimentos micro, consistindo em ações de um grupo que é adotado por aqueles sujeitos ou por um pequeno espaço, vem se fortalecendo a medida que a conscientização de ambos não são polaridades, muito menos lineares são componente que atravessam a vida. Em seu trabalho Souza (2006) desenvolve o conceito de *si* que fala de uma conscientização de sua atuação no mundo e dessa maneira de atuação como um ator da formação, priorizando as especificidades que congregam os espaços. Movimentos como o livro da vida (BRAGANÇA, 2009b), o caderno de itinerância (BARBIER, 2002) são escritas de *si*, reflexões dos mínimos movimentos da vida, pois a compreensão das experiências cotidianas marcam as transformações na trajetória, muitas vezes até mesmo nas identificações ideais e sonhos, coisas que passariam despercebidas senão fosse esse desdobramento sobre a sua própria caminhada.

Essa consciência atrelada às tensões existentes entre os mais diferentes “ser” dentro de nós¹¹ objetiva nossas ações e até mesmo caminhos futuros, a produção da vida coletiva se vê atravessada por essas incumbências e interatividades, uma vez que a individualidade permanece na vida coletiva, em grupo. Nessa compreensão

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece por que jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p.31)

O singular-plural localiza-se nessa dimensão híbrida do ser humano da conjuntura das especificidades do eu em constante produção, como os outros que fazem parte de nossas vidas e nos compõem. Não estamos desassociados deles, muito pelo contrário, muitas vezes nossas memórias não são memórias, são ressignificação da fala do outro, das impressões que são ficção, reinvenções do vivido a ponto de transformarem-se em nossas. A memória tende a testemunhar a forma como um momento se deu e guarda o que foi mais significativo o que tocou derivado de uma experiência.

Sendo assim, o que é uma experiência? Em que medida os fatos cotidianos que nos acontecem são experiências? Para responder tais inquietações tomo como base nas discussões de Larrosa (2002), Benjamin (1993) e Josso (2010) todos desenvolvem a relação da produção da vida pós-moderna com a importância da experiência. Benjamin (1993), em *Experiência e Pobreza*, afirma que o mundo contemporâneo extrai de sua vida o saber da experiência, o saber que deriva da partilha da vida em grupo que remontam os acontecimentos como outros atores sociais e transformam o olhar sobre a vida. Dado a isso comungamos uma pobreza moderna que esvaziou a experiência de sua aprendizagem e aprisiona o ser humano a sua individualidade mais ignorante, pois “abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca moeda miúda do “atual” (BENJAMIN, 1993, p. 119). O desprendimento das tradições fez com que a vida ficasse pressa no presente onde não se debita a importância da partilha, pois se professa uma nova fé, o da pobreza compartilhada, transmutada pela

¹¹ Josso (2010) em sua obra aponta como principal tensão na formação do sujeito os embates entre diferentes dimensões do “ser” dentro de nós. O conhecimento de si relaciona o ser da ação, o ser da cognição, o ser sensível, o ser da afetividade, o ser da emoção, o ser da imaginação e o ser físico, todos eles em comunhão possibilitam a forma como vivemos.

novidade. Benjamin expressa a angústia de um homem do seu tempo que conviveu com a cultura oral e que comungava a importância intergeracional para a compreensão da complexidade da vida em seus textos transborda uma inquietação com os rumos da vida como as novas gerações se formariam com a produção de novos valores e novas referências que não preocupam com o outro.

Larrosa (2002) retoma sua discussão pontuando um dos principais fatores para o desapego com o saber da experiência. Ele afirma que a aceleração do mundo contemporâneo produziu uma nova sociedade denominada como “sociedade da informação”. A sociedade da informação é a nova conotação da sociedade atual (século XXI), caracterizada pelo alto nível tecnológico e pela inovação das técnicas modernas, a crítica central apresentada por alguns autores é que sociedade da informação é uma era global e sintetizadora. Com a quebra das barreiras espaciais e o crescente volume de informações um curto espaço de tempo, muda-se as relações entre os sujeitos fazendo como que se crie uma falsa homogeneização, onde todos são iguais, quando não, são divididos por identidades fechadas em si.

Outra questão é que a rapidez dessas informações não produz conhecimentos, mas sim dados momentâneos que são descartados logo em seguida. Nas culturas anteriores, exemplo a oral, o desenvolvimento do conhecimento vinha entrelaçado a uma série de ações que resultavam no conhecimento e todos eram ligados às suas histórias. Mas como essa discussão posiciona-se relacionada à experiência? Porque a informação é quase antiexperiência, cada vez mais se passa uma infinidade de coisas ao mesmo tempo, mas a experiência é mais rara, pois necessita da reflexão para ser importante, na medida em que entendemos que “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que passa, o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2002, p.21).

Em linhas gerais experiência é uma abertura para as imprevisibilidades. Um sujeito da informação nunca precisaria dessa abertura acreditando que já sabe de tudo, não deixa uma brecha para transformação da experiência própria do seu saber. Então, se a experiência é a abertura para ações inusitadas, um processo de *devir*, podemos nós proporcionar experiências? Como relacionamos a vida e a produção de aberturas para a experiência? Josso (2010) nos dá a possibilidade de pensarmos em fazer experiência na medida em que proporcionamos novas sensações e possíveis caminhos para a formação de si como um sujeito cognitivo, aprendente, que interage com o meio e o modifica,

Essas “experiências” são “significativas” em relação ao questionamento que orienta a construção da narrativa, a saber: o que é minha formação? Como me formei? Nesse sentido, não se esgota o conjunto das “experiências” que evocamos a propósito da nossa vida. Mas para que uma experiência seja considerada formadora, é necessário falarmos sob o ângulo de aprendizagem; em outras palavras, essa experiência simboliza atitude, comportamentos, pensamentos, o saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades (JOSSO, 2010, p. 48)

A grande separação entre vivência e experiência é justamente a forma como ambas tomam o sujeito. A vivência é tudo o que nos acontece rotineiramente, a vivência passa, mas os sujeitos não sentem porque o ser sensível não foi tocado, algumas vezes a vivência pode alcançar o status de experiência sendo possível no momento em que aquele fato lhe provocou a reflexão e lhe mostrou outras possibilidades. Sendo assim a proposta de fazer experiência significa pensar em momentos específicos que produzam outros olhares e que toquem o sujeito, ou seja, relacionar a vivência diária a novas formas de se colocar em uma situação ou até mesmo pensar propostas inovadoras que problematizem a consciência de si.

Ninguém pode mensurar os limites e fronteiras da vivência ao ponto de se pensar a exclusivamente na experiência ambas são instâncias do conhecimento e uma está diretamente relacionada a outra, essa fina linha que as delimita é um ato subjetivo ocasionado por inúmeros fatores, mas o que é importante sinalizar é que todos eles nos obrigam a refletir o quanto como aprendemos a lidar com a vida. O esquema¹² seguir exemplifica o que entendemos por experiência e fazer para a experiência:

¹² Baseado no esquema 1 de Josso (2010, p. 337).

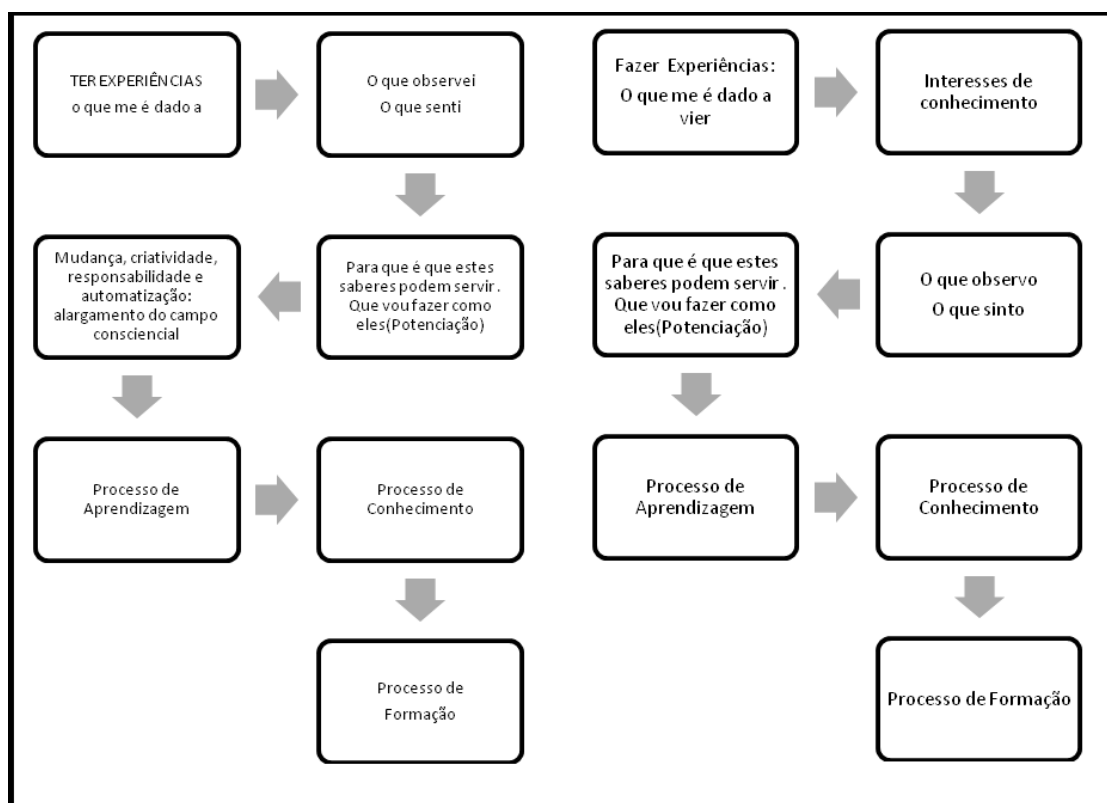


Tabela1

Os dois esquemas materializam a forma como adotamos a proposta de produção da experiência, é perceptível que “ter experiência” é algo alheio a toda uma proposta manual que pressupõe refletir antes de objetivar a ação, ter experiência não é um fato a priori sistematizado é o movimento que compõe a vida. “Fazer experiência” compreende ponderar a importância do fato e potencializar o sujeito em vias de ferramenta de ação e de transformação. Tanto a concepção de “ter experiência” quanto a de “fazer experiência” potencializa o processo de formação do sujeito.

A formação evidencia o caminho percorrido por nós. Ao longo da vida, cada espaço, cada sentido, cada concepção e opção está diretamente ligada a nossa formação, que se afirma como

busca vital, saber-viver, busca de si e do nós, da felicidade, do sentido e do conhecimento. Esses elementos indicam a perspectiva ontológica da formação que vem impregnada à natureza humana, é o estar no mundo, com as pessoas e a natureza, que vai abrindo caminhos para uma transformação interior e, ao mesmo tempo, projeta-se nas relações do sujeito com o mundo, ou seja, há uma dialética indissociável entre o “eu” e o “nós” na constituição da formação. (BRAGANÇA, 2011, p. 159)

Contribuímos, então, para o aprofundamento da pesquisa-formação já que esta implica na transformação do sujeito ao momento em que pesquisa. A formação, nesta pesquisa, não significa, em hipótese alguma, que esta ligada só aos estudantes do curso

normal, está muito mais ligada ao movimento de minha própria formação como pesquisadora, como aluna e como ser cognoscente. É um trabalho existencial que ao mesmo tempo em que busco compreender as experiências que constituem a formação desses sujeitos, implica diretamente em minha formação. (JOSSO, 2010)

O movimento (auto)biográfico pressupõe um desdobramento referente a reflexão de uma construção que em consonância com as histórias de vida apontam para uma temporalidade que relaciona o passado ressignificado a partir das experiências produzidas no presente, buscando a partilha de uma, das várias versões, da grande história. Ou seja, não é apenas o domínio dos códigos lingüísticos ou dos costumes comungados por um grupo, mas é se reconhecer como produtor dos caminhos tomados pelo mesmo como forma de se formar.

E por fim, mas não menos importante, a narração. A narração seja talvez o ponto primordial da abordagem, pois essa é a ferramenta de compreensão da trajetória que sujeito constrói relacionadas à autogestão, à subjetividade, à construção de identidade e das marcas relacionadas ao espaço de vida. O ato de narrar (BENJAMIN, 1993) é o canal de transformação onde o sujeito pondera sobre si na reflexão dos caminhos traçados e das experiências provocando a reflexão acerca de sua própria formação.

Narrar não significa apenas contar coisas, memórias, pensamentos, narrar significa um debruçar reflexivo acerca das experiências e das vivências de cada sujeito, e ao narrar entendemos que não estamos apenas falando por nós, mas pelas experiências dos outros que transformam nossa maneira de ver o mundo. “Vivemos uma infinidade de transações, de vivências; essas vivências atingem o *status* de experiência a partir do momento que fazemos certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi percebido e observado, percebido e sentido” (JOSSO, 2010, p.48 – grifo do autor).

A pontecialização da narrativa pode ser pensada por dois vieses. O primeiro como canal de expor sua realidade se posicionando como ser produtor e histórico-social. O segundo que a narrativa pressupõe a partilha das aflições de um grupo e que, dessa maneira, entender a formação dos alunos do curso normal é querer colocar no centro das discussões esses sujeitos que sentem cotidianamente os reflexos desses espaços de luta e formação.

O narrador é aquele que usa da memória e do saber da experiência para transformar a realidade para que dessa maneira as próximas gerações busquem apreender novas saber da experiência e também problematizem. Na formação de professores tanto na graduação em Pedagogia como no Curso Normal, percebemos

todos os enlaces das políticas nacionais, do cotidiano, da vida como classe, mas só nos deparamos e enfrentamos esse processo coletivo, quando ele te toca e a narração envolve e faz como que a fala do outro exponha um pouco de si e de suas aflições.

A memória, a experiência e a narração da proposta da pesquisa-formação assumem características importantes para a compreensão da formação do sujeito, dessa forma essas três categorias expressam que a escola é uma construção histórica, mas, sobretudo, é uma construção pessoal de significação para além do plano físico e estático de sua estrutura. Os caminhos nesses espaços produzem experiências transformadoras que mudam a visão e o comportamento dos sujeitos que fazem parte dela e que são exteriorizados na prática da narração e, principalmente, na construção de espaços para que a narração aconteça. Todos esses movimentos são os passos da formação. Mas em que medida? Para a filosofia a formação traz o ser humano para o centro das discussões, as relações entre eles produzem cultura, sentidos da formação, portanto a caminha pelo campo das ciências humanas como o movimento da construção da vida (BRAGANÇA, 2011).

Muitos dos caminhos apontados nesse capítulo serão mais bem desenvolvidos ao longo dos próximos, dialogando com a experiência vivida no IECN no contato com os estudantes por meio da observação do cotidiano, de questionários, entrevistas e da oficina. No caminho da pesquisa, compreendemos a escola como um espaço instituído e instituinte de formação empregando marcas singulares em seus sujeitos, indicando pistas para a construção desses passos iniciais para a profissionalização docente.

CAPÍTULO III:.

Da matriz curricular do Curso Normal ao mergulho na turma 4006

Este capítulo apresentará um mergulho intenso na dinâmica do Curso Normal do Instituto de Educação Clélia Nanci. Os apontamentos levam em consideração duas dimensões do trabalho: a análise da matriz curricular do curso e o questionário de levantamento do perfil dos estudantes. Destacamos que a referida matriz foi elaborada em 2006 e reorganizou o curso em quatro anos letivos, apresentando articulação como os Parâmetros Curriculares Nacionais da formação geral do ensino médio, estipulados pelo MEC em 2000.

3.1. Um olhar dirigido à organização do Curso Normal

A matriz curricular do curso normal que vigora para a turma analisada está dentro da proposta de reformulação do currículo, apresentada em 2006, pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro. O curso normal do Instituto de educação Clélia Nanci conta, atualmente, com duas matrizes - uma que data de 2007, um ano após a reformulação anteriormente mencionada e a matriz curricular de 2010, que “enxugou” a proposta do curso de quatro anos para um curso de três anos, incluindo dias de horário integral.

Em linhas gerais, a matriz curricular do ensino médio está baseada na reforma curricular que veio na esteira da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, afirmando que o papel da educação em nível médio inclui tanto a educação como a formação do sujeito escolar para a “sociedade tecnológica”.

Registramos a análise de um projeto do MEC dirigido ao ensino médio, do ano de 2000, às portas do século XXI, no qual encontramos o discurso de uma nova sociedade que, fundamentalmente, está baseada no avanço industrial e tecnológico, redirecionando a formação do sujeito para uma sociedade que visa alcançar as novas demandas exigidas. (MEC, 2000)

Segundo o referido documento, o curso médio de formação geral objetiva um panorama de extensão de todas as áreas das ciências, da “linguagem, códigos e tecnologias” (bloco 1), “ciências da natureza, matemática e suas tecnologias” (bloco 2) , “ciências Humanas e suas tecnologias” (bloco 3). As diretrizes do documento

expressam que necessariamente devem ser respeitadas as especificidades de cada lugar e dar oportunidades para a manutenção dos espaços escolares com o apoio da União, dos Estados e dos Municípios formando uma rede que consolide a educação básica e que sustente esse movimento em vigor durante 10 anos .

Na LDB/96 os estudos que visam o preparo profissional, incluem a formação geral, e o preparo profissionalizante, destinado à área de atuação do curso. A formação geral preza por uma proximidade com todas as áreas do conhecimento enquanto a formação profissionalizante atende a uma respectiva demanda de mercado e prioriza suas especificidades para a obtenção de habilidades específicas da execução do trabalho. Em comum ambos visam o aperfeiçoamento e adequação ao mercado de trabalho.

Da análise geral da matriz curricular do Curso Normal (anexo 2), destacamos algumas observações:

- O curso está organizado em quatro anos letivos, com 4.800 horas-aula, sendo 2.240 horas para Base Nacional Comum (46% do curso) e 2.560 horas para matérias pedagógicas (54% do curso).
- O primeiro ano do curso focaliza a base comum da formação geral.
- O quarto ano enfatiza, prioritariamente, o ensino da formação profissional docente.
- Apesar da formação geral estar presente, a organização proposta dificulta o aprofundamento dos conteúdos necessários à continuidade dos estudos em outras áreas.

Percebemos que o curso normal atravessa várias tensões entre formação geral e profissionalizante e ainda aquelas que se referem ao debate específico do campo da formação de professores. Com a LDB temos o indicativo de formação superior dos professores, mas a manutenção da formação mínima em nível médio e são muitos os questionamentos que envolvem tanto sentidos políticos como a natureza da formação desenvolvida por essas diferentes instituições. Muitos afirmam que o curso normal está mais ligado a uma fundamentação tecnicista, que tem sua prática descolada da reflexão teórica. Mas os “defensores” da importância do Curso Normal afirmam que é um curso muito mais próximo do “chão da escola”. Para tentar levantar a percepção dessas tensões no grupo que constituiu foco da pesquisa – a turma 4006 - foi incluída uma questão exposta no gráfico a seguir:

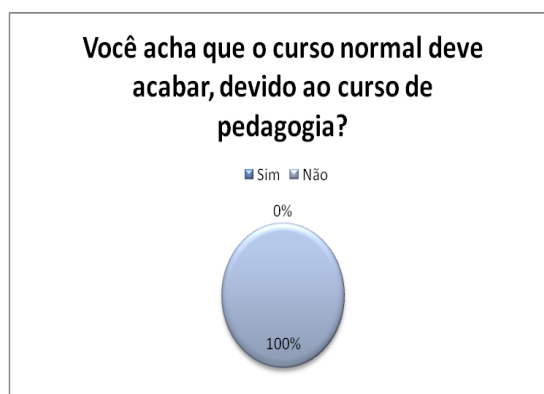


Gráfico 1

Como podemos ver, houve unanimidade da resposta negativa e muitos complementaram com os seguintes posicionamentos: “é uma base para ir à faculdade de Pedagogia”, “pois muita coisa que apreendemos aqui não tem na faculdade”, “é uma experiência boa, você já adquire conhecimentos necessários para a faculdade”, “com o curso normal as pessoas já têm uma base e decidem se querem continuar ou não”.

Podemos ver, na conjuntura de vários debates no campo educacional e, também, nas muitas entrevistas e conversas informais ao longo da pesquisa, duas dimensões do debate: uma que tende ao término devido ao número de profissionais qualificados em nível superior para atender as demandas do mercado de trabalho e outra, na qual me posiciono, citado na resposta de um dos estudantes da 4006 - “porque essa formação é o início para uma profissão de professor”.

Entendo, então, que o curso normal deve ser tomado, na atual conjuntura, como um primeiro passo para a formação docente, mas que somente ele não dá base para a gama de problemáticas que envolvem os profissionais da educação.

3.2. Lampejos do perfil dos estudantes da turma 4006

O questionário teve a finalidade de fazer um mapeamento da turma 4006, buscando uma interlocução entre as questões orientadoras do trabalho: Por que a escolha do curso normal?; Você possui experiência de sala de aula?; Deseja exercer a profissão docente após a conclusão do curso?, bem como questões dirigidas às projeções futuras: Deseja ingressar no curso superior? Em que área?

A partir delas surgiram outros questionamentos, de caráter subjetivo, para que eles pudessem expressar opiniões que representassem aquele espaço e que fundamentalmente proporcionassem a emergência dos pontos de vista dos estudantes.

Como: O que você acha das disciplinas do curso normal e como elas contribuíram para a sua formação? Outras focalizaram a nova organização do curso, a partir do início do ano de 2010, de uma nova matriz curricular abarcando apenas três anos de formação. É importante ressaltar que o desenvolvimento da presente pesquisa baseia-se na matriz curricular anterior, com curso de quatro anos letivos, pois é a que orienta o processo formativo da turma 4006.

A opção do método de trabalho com questionários semi-abertos foi tomada considerando que a turma em questão apresenta muitos pontos dentro dos questionamentos da pesquisa que poderiam ser mapeados por meio dessa estratégia. Essa abordagem também possibilitou a escolha dos estudantes que seriam entrevistados posteriormente com um enfoque (auto)biográfico.

O perfil da turma 4006 é representado por um quantitativo de 94% do sexo feminino, mais objetivamente, dos 31 questionários aplicados somente dois correspondem ao sexo masculino. De uma forma geral o curso normal ainda é visto como um lugar prioritariamente feminino e muito ligado aos afazeres maternos de cuidado e proteção. Outros dados foram levantados com o questionário como é possível ver nos gráficos a seguir.

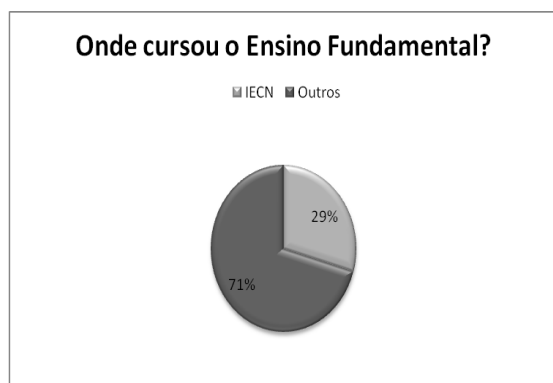


Gráfico 2

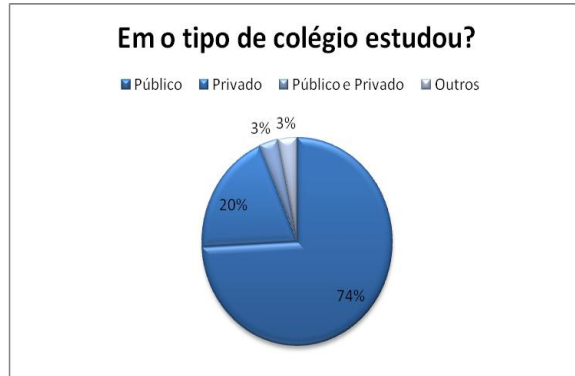
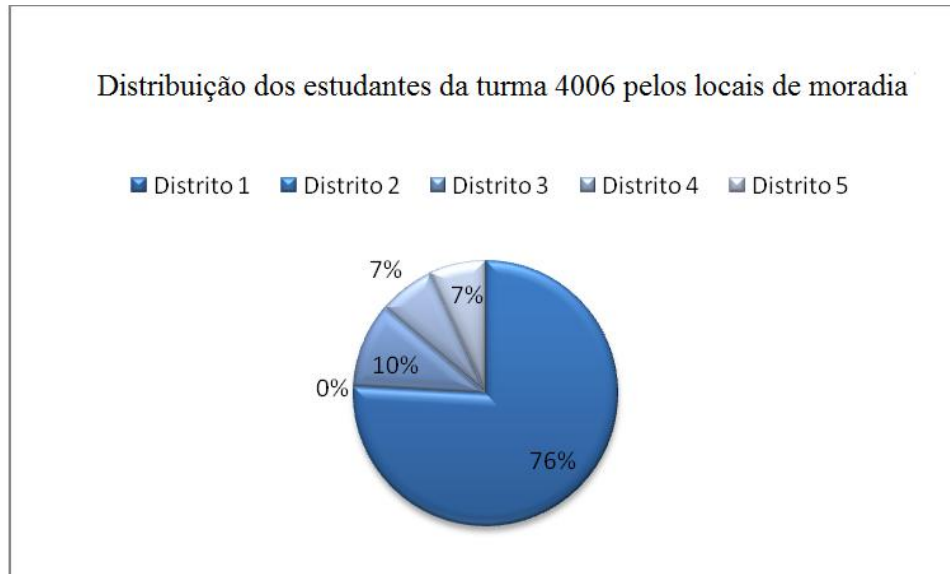


Gráfico3

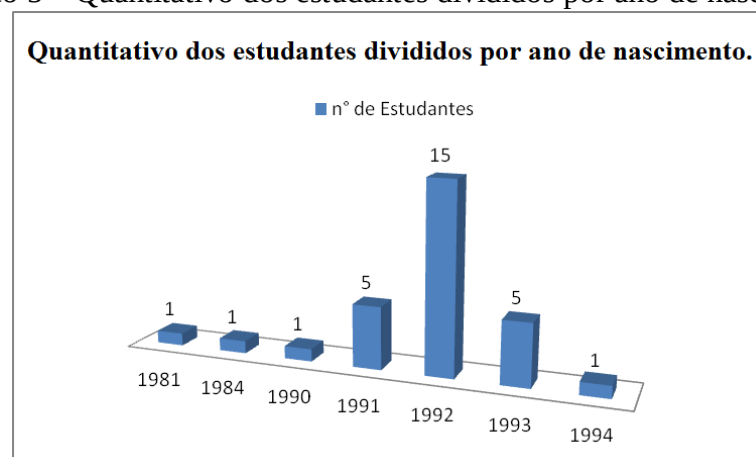
Os dois gráficos nos mostram que grande parte da turma é formada por alunos da rede pública municipal ou estadual, contando com 29% do alunado do próprio Instituto de Educação. Quanto ao local de moradia, como pode ser percebido no gráfico abaixo, 76% dos estudantes moram nos bairros classificados como 1º distrito de São Gonçalo, compreendendo os bairros do Porto do Rosa, Boaçu, Brasilândia, Vila Lara, Lindo Parque, Colubandê, Galo Branco, Mutuá, Mutuapira, Nova Cidade, Trindade e Alcântara. Essa turma não possui estudantes que residam no 2º distrito, mas isso não significa que a escola não atenda essa parcela da comunidade do município.

Gráfico 4



O quantitativo de estudantes que estão em distorção série-idade é muito pequeno, fato que não podemos afirmar com convicção, visto que o curso normal tem a característica de atender, muitas vezes, alunos que já cursaram a formação em nível médio, mas retornaram em função do interesse pela profissão professor¹³, igualmente como senhoras que após anos longe da escolarização retomam os estudos. O gráfico a baixo faz um balanço geral do ano de 2011, indicando a predominância de estudantes entre 18, 19 e 20 anos e saídos recentemente da adolescência, característica de uma forte idéia social onde o curso normal traz uma possibilidade de ingresso dos jovens no mercado de trabalho e assim ser “base para objetivos futuros”, como afirma um dos estudantes no questionário.

Gráfico 5 – Quantitativo dos estudantes divididos por ano de nascimento.



¹³ É o caso da estudante Danielle, entrevistada nesse trabalho monográfico e que se identificava tanto com a profissão que, depois de anos em outro curso, decidiu fazer o Curso normal do IECN.

Na estatística, mais de 51% dos estudantes desejam ter uma capacitação para o mercado de trabalho, desses 42% deseja seguir a carreira docente. Posteriormente, quando questionados sobre a continuidade e desejo de permanência na profissão docente 64% afirmam que sim. Quanto à escolha da docência percebemos a profissão docente como um “território de passagem”, ou seja, a opção de ficar na docência enquanto não alcançam outros objetivos (BRAGANÇA, 2009b, p.467). Encontramos nos questionários informações como: “quero ser professora e Psicóloga”; alguns focalizam profissões como fisioterapia, direito, arquitetura do mesmo modo que anseiam, também, pela continuidade da formação com os cursos de licenciaturas entre eles o de Pedagogia. Percebemos, assim, que muitos optam por ter a formação inicial para a docência como oportunidade de trabalho mais imediato, visando sonhos futuros. Esse processo não se mostra tão distante da minha vivência como aluna do curso de Pedagogia, em vários momentos, ouvi de colegas falas semelhantes.

A docência como “território de passagem” é percebida como lugar onde não se deseja a permanência, mas como uma possibilidade de manutenção de renda. Entretanto, percebemos na realização da pesquisa que a experiência no Curso Normal pode gerar o desejo de continuidade na profissão. Nesse caso, o curso normal pode constituir um primeiro movimento de profissionalização que teria sua continuidade no nível superior, registrando que, incontestavelmente, a formação docente se produz no campo de uma formação contínua e permanente.

Quando questionados sobre a importância do curso normal a grande parte do grupo responde “extremamente importante” ou “importante”. O curso normal foca na formação do docente para as séries iniciais e, em sua maioria (58%), os estudantes indicam que as disciplinas oferecidas podem ser caracterizadas como “boas”, assim como 56% considera que o curso é parte essencial da sua formação como sujeito.

Também podemos analisar que a turma dispõe de um pequeno número de estudantes que em algum momento da vida estiveram a frente de uma sala de aula - 10% tiveram essa experiência e todos exerceram a função de ajudantes em escolas particulares com o máximo de sete meses no exercício da função. Esse movimento normalmente acontece em pequenas escolas de bairro e, muitas vezes, a experiência foi proporcionada a partir do ingresso nas escolas por meio do estágio¹⁴.

¹⁴ O estágio faz parte do componente curricular dos cursos profissionalizantes buscando articular as vivências e a prática da sala de aula. No caso do curso normal do IECN sua carga horária é bem extensa e atravessa quase todos anos letivos previstos no currículo.

A partir de todo o panorama apresentado, incluindo a dinâmica geral de formação proposta pela matriz curricular e também elementos do perfil dos estudantes, reafirmamos a percepção da tensão na qual um grupo acredita que o curso normal deve prosseguir como formação inicial, e outros que defendem que essa formação deve ser extinta. Dessa forma, o capítulo a seguir desenvolve um pouco mais a perspectiva da formação docente e desse campo de tensão a partir da voz e da experiência dos sujeitos que fazem parte desse sistema.

CAPÍTULO IV:

Movimento de partilha: memórias invasoras

Memória é invasora – lembrando-se uma, escura, mil assanhadas querem ser lembradas, invejosas. É contagiosa: lembrados lembram. Ciumentas, vaidosas: querem aparecer, estrelas. Memória vagabunda, detalhe, pensa merecer manchete e foto. Memórias são como nós, iguais.

Eu fugia, espavorido: memórias me acordam no meio da noite, sacudiam no fim do dia, soprando no ouvido: “Conta aquela: vão gostar, não duvido...”

(BOAL, 2000, p.12)

Se a memória é invejosa, por mais que se deseje escondê-la, teimosa cisma em aparecer, trabalhar com a memória significa encontrar o mais profundo do ser humano e de seus sonhos. Assim, fazer uma interlocução entre as experiências-formadoras dos estudantes do IECN e a (auto)biografia de alguns deles mexe de tal modo com suas experiências que acaba ecoando na construção dos caminhos percorridos ao longo de quatro anos de curso. A formação compreendida por esse processo nos diz de uma ação que atravessa não só o sujeito, mas também sua identidade como sujeito aprendente, que caminha para o desenvolvimento da própria vida e da construção de si.

Não distante de minha formação, ao longo da pesquisa, conheci uma memória assanhada, na verdade conheci muitas, principalmente na voz de Jhennifer que, inicialmente, não faria parte do trabalho, dessa forma, as memórias começaram a “brotar”.

E como as memórias “lembradas lembram” utilizo, nessa etapa do trabalho, o método diretamente ligado às entrevistas (auto)biográficas semi-abertas que se apresentam não como uma amarra, mas como norteador do trabalho e, como bem nomeado, esse método se abre para novos questionamentos que priorizam nas narrativas desses sujeitos o recolhimento das fontes que potencializam esse lugar de formação como estudante do curso normal. Em seguida, para desenvolver uma análise acerca do material levantado, articulo com uma segunda abordagem que trabalha especificamente com a compreensão e sistematização das fontes, denominada a análise de conteúdo.

O ponto de partida da análise de Análise de Conteúdo, segundo Franco (2008),

é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada. As mensagens expressam representações sociais na qualidade de elaborações mentais construídas socialmente, a partir da dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento. (p. 12)

Dessa forma as narrativas suscitam possíveis interpretações dos signos da vida cotidiana desses sujeitos, pois é essa interlocução entre a fala e a produção do conhecimento, desenvolvida no processo de narrar, que amplia as possíveis interpretações do cotidiano. Ao ouvirmos os sujeitos não destacamos tudo em sua fala, pois a memória é elástica, ela puxa e contrai, vai e volta, alcança fatos mais distantes e articula com outros mais atuais. A importância da análise de conteúdo consiste em sistematizar e reagrupar o discurso na medida que ele se faz pertinente como potente criador de bases para desenvolvimentos mais sistemáticos dos assuntos abordados.

Para abordagem das narrativas, começo estabelecendo categorias de análise para a dinâmica no movimento de separação da fonte como um todo em pequenos grupos que melhor concentrassem os objetivos a serem alcançados. As categorias adotadas para a análise foram: *a trajetória que os levou a escolha do curso normal, as experiências-formadoras construídas ao longo das quatro anos de formação, relações feitas sobre a concepção de docência, as projeções futuras, conceituações ou reflexões mais sistematizadas do processo formativo, pessoas importantes ao longo desse percurso e a instituição de ensino (IECN)*. Todas as categorias temáticas encontram-se ligadas entre si e muitas completavam a outra.

A articulação desses dois movimentos me possibilitou desenvolver um pouco mais a análise de meus questionamentos. Em seguida, utilizo do levantamento feito através dos questionários que procuraram mapear o caminho da formação dos estudantes com o objetivo de cruzar pontos sinalizados pelas entrevistas com as resoluções que configuravam a turma em sua totalidade. Em poder desse material e a partir da observação das aulas da turma 4006, foi possível a escolha dos estudantes que participariam das entrevistas.

A proposta de desenvolvimento insere a pesquisa em uma perspectiva qualitativa, com fundamentação teórica-metodológica da pesquisa-formação na concepção de que

a atividade da pesquisa como “pesquisa-formação”, na qual cada etapa da pesquisa é uma experiência a ser elaborada para que quem nela estiver empenhado possa participar de uma reflexão teórica sobre a formação e os processos por meio dos quais ela se dá a conhecer. (JOSSO, 2010, p.141)

A pesquisa-formação entende o processo de formação do sujeito que pesquisa e o local por ele implicado, relacionando os dois modos como maneiras de produção,

tanto da vida singular como voltada para o processo coletivo de atravessamentos compartilhados.

A pesquisa teve uma primeira etapa a aproximação do campo, observações e posteriormente o foco maior nos sujeitos que se adequavam ao perfil estabelecido para análise. Para alguns apontamentos não devemos entender por acontecimento algo que vem exteriorizado, sendo simplesmente recebido e interiorizado, pois esse procedimento não reflete nem dialoga os processos que se formaram para que chegasse a essa experiência. Na contramão desse movimento temos o conceito anteriormente citado que diz de *produção de experiência*, a pesquisa não aconteceu, genericamente, é uma proposta de fazer experiência. Pois muitas coisas passam, mas apenas a experiência pode proporcionar saber.

Ao longo da disciplina de estágio supervisionado III¹⁵ realizamos uma oficina pedagógica com a referida turma que foi tomada, também, como dinâmica da pesquisa monográfica. As oficinas pedagógicas¹⁶ são produções junto com os estudantes do curso normal no intuito de constituição de espaços de partilha, oferecendo elementos reflexivos para a construção de sua caminhada formativa.

4. 1. As experiências-formadoras: tecendo fios e desafios para a educação

Meus primeiros contatos com as estudantes que fazem parte da pesquisa ocorreram por meio do acompanhamento de oito encontros na disciplina de alfabetização, no contexto do Estágio Supervisionado III. O objetivo inicial era fazer o estudo da turma e posteriormente entrevistar três estudantes sendo os seguintes critérios para a escolha das participantes:

- manifestação de interesse pela continuidade da carreira docente, após o curso normal e
- pelo ingresso no ensino superior dentro da área de educação (Licenciaturas ou Curso de Pedagogia).

A partir dos dados levantados com a turma, percebi que 60% desejavam dar continuidade aos estudos e que existe a defesa, dentro da comunidade escolar, pela

¹⁵ O processo desenvolvido ao longo da disciplina de Estágio foi acompanhado pela amiga de turma Viviane de Araújo Bazoni proporcionando novas interlocuções desse espaço de formação.

¹⁶ Para maiores compreensão buscar trabalho monográfico de Josiane Gomes Cortes (2011) que desenvolve detalhadamente a produção das oficinas pedagógicas no cotidiano da Educação de Jovens e Adultos, em escola municipal em São Gonçalo.

permanência do curso normal como caminho para iniciar da prática docente. Da turma, elegi para entrevistar três estudantes que afirmam a opção pela docência, a saber: ¹⁷ Fernanda, Danielle e Laysa.

A primeira estudante selecionada me chamou a atenção quando, ao entrarmos na sala, no primeiro dia de estágio - uma menina no canto da sala nos questionou: “Vocês são da UERJ?”. Nós respondemos que sim e ela afirmou: “Ano que vem estarei lá”. Ela era Laysa, a primeira estudante que me chamou atenção, seu impulso me fez pensar que ela teria muito que nos contar.

Com o passar das aulas expomos para a professora da turma o desejo por realizar, como trabalho final¹⁸ de estágio, um diálogo com a proposta do Núcleo de Memória¹⁹ (BRAGANÇA, 2010), proporcionando espaços/tempos de produção de si e do coletivo visando compartilhar experiências e atravessamentos provocados pela implicação das narrativas em cada um de nós. Dessa forma fomos orientadas pela professora a procurar um grupo que realizaria as aulas práticas²⁰ naquela semana. Apresentamos, então, a proposta do diário de itinerância²¹ (BARBIER, 2002) onde contariam todos os sentimentos e inquietações que compõem tempo vivo da aula.

Em meio a formulação da proposta pedagógica da oficina, entre conversas informais e de escrita formal, uma das componentes do grupo, Fernanda, expôs o desejo por dar continuidade à carreira docente e consentiu um envolvimento maior entre nós, partilhando algumas reflexões. No mesmo grupo Keyla²² mostrou-se muito aberta a discussão o que me fez desejar chamar ambas para a pesquisa e, por intermédio de ambas que cheguei a Danielle.

¹⁷ Todas as estudantes optaram por usar seus verdadeiros nomes no desenvolvimento desse trabalho.

¹⁸ A disciplina de Estágio Supervisionado III do currículo do curso de Pedagogia tem como movimento comum a todos o exercício da oficina pedagógica como proposta de encerramento dos encontros. Cada grupo define um tema e uma dinâmica que envolva a turma na construção de saberes.

¹⁹ Os núcleos de memória nas escolas buscam potencializar a articulação das dimensões simbólicas e materiais, em que o levantamento das fontes documentais é atravessado pelas vozes dos sujeitos que, no tempo presente, vivem o cotidiano da escola e suas tensões. Buscamos, dessa forma, contribuir na construção de espaços onde as experiências de produção da vida, da prática educativa e da escola sejam reconstruídas por meio de narrativas, gerando novos saberes e formação. (BRAGANÇA; FERREIRA; PEREZ, 2010b, p.3)

²⁰ A aula de alfabetização dispõe de dois processos que completam a disciplina, dois tempos de aula teórica (acompanhada por nós) e quatro tempos de aula prática para a realização da “aplicação” dos planos de aula produzidos no decorrer das aulas.

²¹ O diário de *itinerância* comporta bem esse caráter de intimidade com afetividade e as reações em relação ao mundo circundante; mas ele apresenta igualmente a característica de ser publicável ou, pelo menos, difundível no todo ou em partes. Por certo, o escritor fará a escolha dos acontecimentos respectivos com toda sua prudência deontológica e o respeito das pessoas, mas uma parte será exposta e, na mesma oportunidade, um e outros em relação a outrem. (BARBIER, 2002, p. 134 – 135.)

²² Keyla foi uma das estudantes que produziu para nós o diário de itinerância, o seu caderno continha muitas referências e interlocuções com as aflições das companheiras sendo o mais discutido na oficina.

No cerne da discussão no mapeamento da turma, Danielle torna-se figura central, sendo além de uma das alunas mais dedicadas, segundo alguns professores, é dela a responsabilidade por representar a turma 4006, e quando se pergunta quem deseja ser professora, o primeiro nome suscitado é o seu. Em meu projeto de trabalho desejava três entrevistas, pois acreditava que elas já me forneceria dados substanciais para a realização da análise. Entretanto, deparei-me com Jhennifer, que se fez presente de toda a minha relação com a turma e mesmo antes, na realização Gincana Cultural, organizada pela pesquisa coordenada pela Profa. Inês Bragança, no Instituto²³. No dia em que realizamos as entrevistas de Laysa e de Danielle, Jhennifer permaneceu conosco em sala e, ao ver suas colegas relatando suas experiências, fez com que se sentisse responsável por também falar sua versão da história (SHARPE, 1992), compondo parte indispensável do mosaico que se formava.

Jhennifer é estudante do IECN há 17 anos, toda sua vida pessoal e escolar permeiam esse espaço e, tanto na sua fala quanto em seu jeito, mostra traços firmes de quem ainda não tem certezas sobre o futuro e se futuramente os caminhos a levarão de encontro à docência, mas expõe indícios de que carrega marcas dessa formação do Curso Normal, da mesma maneira que as demais mostram.

Dessa forma, meu trabalho focou quatro sujeitos, que vou de chamar de sujeitos-memória: Laysa, Fernanda, Danielle e Jhennifer, todas moradoras do município de São Gonçalo. Comungo da mesma postura de alguns autores como Bragança (2009) e Souza(2006), que entendem que a memória do lugar pode ser percebida a partir de seus sujeitos. Na medida em que esses sujeitos se colocam como parte do lugar, o ato narrativo proporciona a reflexão do processo de formação apresentando-os como produtores da memórias, sujeitos que apreendem em si fragmentos de uma memória mais amplas que deságuam em outras, e outras, e outras compondo a vidas delas e do grupo.

O ato de narrar (BENJAMIN, 1993) potencializa as falas dos sujeitos e seu entendimento com esse espaço, conceituando todo o caminho percorrido para se chegar a ser o que é (JOSSO, 2010; SOUZA, 2006). Por essa razão que a pesquisa-formação sofre alterações no caminho. Desvios como o que a Jhennifer proporcionou, fazendo

²³ A referida gincana denominada I Gincana Cultural do IECN: Sua memória vale uma história em 2010, contou com a participação da comunidade escolar e um das ganhadoras foi a entrevistada Jhennifer. A mesma foi realizada pela pesquisa: *Formação de professores e docência em São Gonçalo: Narrativas, Memórias e Saberes*, orientada pela professora Inês Ferreira de S. Bragança, articulado com o mesmo evento realizado pelo Núcleo Vozes da Educação na faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

refletir como que a pesquisa-formação me mudou, e como a transformação se deu pelo contato como as narrativas. O núcleo de memória possibilitou ferramentas para entender melhor esse lugar e poder construir mais (NORA, 1993), indicando possíveis sinais que marcam uma comunidade como pertencente a uma identidade produzida na relação com esse espaço.

O cruzamento das falas da análise conteúdo possibilitou perceber as marcas que as estudantes do curso normal têm como representação de um ideário docente. Na tabela abaixo podemos identificar as referências de sujeitos-memória para as pessoas entrevistadas com as quais eles se identificavam no decorrer de sua trajetória de vida.

Campo	Estudantes			
	Fernanda	Laysa	Danielle	Jhennifer
Família e amigos	Madrinha, Mãe, Tia Adriana	Amigos, Avó	Irmã	Jéssica, Mãe,
Professores do curso normal (IECN)	Andrea Pessoa, Tatiana	Andrea Diniz, Eliete, Rafael, Neidemar	Andrea Pessoa, Andrea Diniz, Rafael, Ricardo	Sônia, Rafael, Andrea Diniz

Tabela 2²⁴

Danielle expõe claramente, ao contar sua trajetória até ingressar no curso normal, a importância de sua irmã professora.

Bom, eu terminei o ensino médio - que eu fiz contabilidade - no ano de 2000 eu terminei o ensino médio. A minha irmã já era professora, eu comecei a trabalhar com ela no último ano, no terceiro ano, eu comecei a trabalhar como ajudante dela. Eu era ajudante dela na turma da “alfa”, eu comecei de ajudante. Eu comecei a gostar. Só que não tinha muito tempo para fazer o curso normal, por isso que eu fiz o de contabilidade e eu fiquei também..., porque tinha que usar essa saia. Só Jesus! Eu perdi também um pouco das esperanças de fazer o curso normal por isso. Mas eu fiz a contabilidade, terminei. Fiquei trabalhando com minha irmã de ajudante e, nesse período, eu terminei os estudos e continuei nessa escolhinha, uma escolhinha pequena. Fui ser ajudante, fiquei 3 anos lá, 4 anos, como ajudante e peguei gosto. Só que eu precisava trabalhar, eu fui trabalhar de outra coisa como auxiliar de produção... Mas eu tinha vontade, porque minha irmã é uma excelente professora, eu sempre me espelhei muito nela e depois que eu saí desse trabalho, esse trabalho de auxiliar de produção, eu falei “quer saber de uma coisa?...”, eu casei. No primeiro ano de casada eu falei “quer saber de uma coisa? Vou fazer o curso normal!”. Antes disso eu fiz enfermagem, fiz curso técnico de auxiliar de escritório(...). Eu falei - “quer saber de uma coisa? Eu vou fazer o curso normal! Vou estudar.” Meu marido “mas agora?”, eu disse “Mas eu vou! Eu fiquei esperando tanto já to com 28 anos e é uma coisa que eu gosto, que eu me identifico”. Eu também dei aula na igreja para as crianças, minhas aulas sempre foram muito legais, são sempre dinâmicas, as crianças gostavam muito. Quer saber de uma coisa? Eu vou fazer curso normal! Entrei com a cara e a coragem!

²⁴ Baseado no quadro nº 22 (BRAGANÇA, 2009b, 505).

Descobri que não precisava usar saia tudo dia... Eu vim! Gosto muito, gosto muito, gosto muito.

Danielle sintetiza, em sua fala, os desvios ainda ligados a escolarização e a faixa etária e posiciona-se como um ser aprendiz que decidiu fazer o curso normal por paixão pela profissão docente. Ao longo de conversas informais percebemos que, apesar da existência do Curso de Pedagogia, o curso normal ainda é a grande referência de formação docente, muitos argumentam, como Fernanda, que o Curso de Pedagogia lhe dá outras possibilidades dentro do campo da educação, mas que o curso normal forma para a prática.

Eu vou fazer faculdade de Pedagogia. Pretendo ser pedagoga. Porque eu gosto da profissão e a pedagogia é uma área muito ampla. Você não se limita a ficar só na sala de aula. Pode trabalhar, como eu penso, dar aula para a educação infantil e progredindo aos poucos, ser pedagoga. E até ser diretora e abrir uma escola. (FERNANDA)

Danielle poderia ter optado por ingressar no Curso de Pedagogia por já ter o diploma de nível médio, entretanto optou pelo normal pelo desejo e representação que essa formação adquiriu ao longo da história do município e da própria educação gonçalense. A entrevistada mostra como que o desejo pela profissão docente esteve presente em toda sua trajetória e viva em sua memória, e foi fortalecida com as experiências, tanto da irmã quando na própria prática como ajudante.

Segundo Larrosa (2002), a sociedade da informação faz com que cada vez necessitemos de legitimação através de titulações, de certificações e o que percebemos no caminho de Danielle é que - diferente desse senso comum onde retornar ao curso normal representaria “perda de tempo” - para ela ingressar no IECN foi o caminho para afirmar uma formação para a docência. No cotidiano e em conversas mais descompromissadas ainda percebemos esse imaginário popular com relação à Universidade. Jennifer em sua fala diz, com dor e ao mesmo tempo com orgulho, que de uma família de mais três irmãos ela é a única que vai se formar no ensino médio.

Eu fui a única, dos meus três irmãos, que estuda aqui até hoje e estou desde o primeiro período. Todos os meus irmãos estudaram até a educação infantil toda em colégio particular. (...)E minha mãe me colocou aqui e eu continuei, todos os meus irmãos, um irmão meu foi expulso, teve um que repetiu a oitava, eu tava na sétima ele tava na oitava, repetiu, ele ia ficar na mesma sala que eu, ele saiu da escola, não terminou o ensino médio. Tem um outro que estudou aqui, ele optou por fazer um curso técnico, mas também parou no terceiro ano e não concluiu. Eu, daqui a dois meses, da minha casa, vou ser a única a me formar no ensino médio. Eu com formação de professores porque meus irmãos não se formaram. Eu fui e prossegui aqui na escola.

A importância da escolarização significa não só um status como pode parecer, mas motivo de orgulho a continuidade na escola como sentimento de luta e desejo pelos seus direitos. E ao final ela ainda afirma “vou ser a única a me formar com formação de professores”.

Existe uma cultura local que entende o curso normal como o “formador da professorinha” que vai lecionar nas primeiras séries do Ensino Fundamental, deslocando o caráter político da formação. Entre outros fatores, podemos entender, também, que o superior por muito tempo foi destinado às classes mais abastadas da sociedade e que na história da educação percebemos que o ingresso das camadas populares no nível superior é muito recente, ainda estamos no início da cultura da continuidade da formação.

Apesar de muitos atravessamentos compõem o curso normal e de muitos caracterizá-los como uma formação menor, duas narrativas expõem movimentos inversos. Jhennifer afirma que

Eu acho que a gente se desenvolve no coletivo se você não tiver amizade se você não conseguir trabalhar em conjunto, você pode sair do curso normal, professor não é a sua vida. Porque se você não conseguir trabalhar em conjunto, não que você não possa ter sua opinião própria claro, mas se você não souber dividir isso, trabalhar em conjunto, aceitar a opinião, mudar a opinião não adianta. Acho que trabalhar em equipe é uma marca do Clélia Nanci. (JHENNIFER)

Danielle também afirma esse espaço, expondo que na formação do curso normal o próprio professorado é produtor do movimento político da formação e mostra também a revolta pela desqualificação do docente na sociedade.

... o Ricardo também muito fera de matemática, e ele falou pra gente - “gente, olha só eu todo ano faço uma palestra para o primeiro ano pro primeiro ano saber o que realmente ele quer pra vida dele, ele quer prosseguir no curso normal ou se ele não quer...” Porque o primeiro ano é a base ou você fica ou vai. Porque no segundo ano já começam as matérias específicas mesmo pro curso normal. E ele falou - “o professor chega pra você e fala - “você não deu pra nada vai ser professor”... E ele sempre tocou nessa tecla não leve isso pra sua vida, se alguém chegar e falar isso pra você diga que é mentira, eu tenho que ficar no que eu me identifico, no que eu me vejo. Eu fiz curso de enfermagem, mas não é minha vida, não é minha praia, não me atrai, saí, eu vejo, eu me vejo dando aula, adoro, você vê o retorno. (DANIELLE)

Pensemos como todos os processos por elas relatados falam da paixão que é movente no campo das ciências humanas e sociais. Larossa (ibidem) remete a relação da paixão como

uma tensão entre liberdade e escravidão, no sentido de que o que quer o sujeito é, precisamente, permanecer cativo, viver seu cativo, sua dependência daquele por quem está apaixonado. Ocorre também uma tensão entre prazer e dor, entre felicidade

e sofrimento, no sentido de que o sujeito apaixonado encontra sua felicidade ou ao menos o cumprimento de seu destino no padecimento que sua paixão lhe proporciona (p. 26)

Nós, seres aprendentes, nos apaixonamos pela composição da experiência – as entrevistadas retratam que para se chegar a quem se é foi necessário passar por caminhos que ecoam com a identificação pessoal com o lugar, com as pessoas, com a prática, com aprendizagem. Danielle, Fernanda e Laysa desejam ser professoras das series iniciais, a princípio, como possibilidade de entrar no mercado de trabalho mais rapidamente, enquanto Jhennifer deseja trabalhar com jovens.

É entender que “um aspecto importante é saber que eu posso ser mediador de conhecimento para outras pessoas.” (FERNANDA) ela mesma projeta que o desejo por ser professora apareceu no início da vida e se fortaleceu no contato com pessoas que mostravam ser aportes para seus sonhos. Todas evidenciam o que é ser docente - construir conhecimento com prática que ressaltem a realidade do aluno, ao mesmo tempo que possibilitem nossos processos de conhecimento de mundo.

Estudantes:			
Fernanda	Laysa	Danielle	Jhennifer
“De certa forma sim. Em dizer que a gente pode trabalhar de várias maneiras, usar de várias praticas. Ensinar os alunos de várias maneiras porque quando a gente pensa em escola pensa que é aquilo, ah é tenho que ensinar meus alunos tem que apreender e se resume nisso, mas não. A gente sabe que pode fazer a escola diferente, mudar.”	“Ô, eu pretendo dar aula sim! Mas se aparecer alguma coisa para mim como professora agora, eu quero dar aula ou pra alfabetização ou para pré-escola, jardim 1 ou 2, e continuar. Eu quero entrar numa faculdade. Mas a dúvida continua ou pedagogia ou letras. (...)pretendo, muito.”	“Eu fiz curso de enfermagem, mas não é minha vida, não é minha praia, não me atrai, saí. Eu vejo, eu me vejo dando aula, adoro, você vê o retorno. Você vai lá ensina a criança a primeira letrinha ele já vem você pergunta que letra? “A”. “A”? Que lindo! Adoro! Eu choro e tudo, acho muito emocionante. É um retorno que você vê. É muito gratificante. É gratificante.”	“Um aspecto importante do curso são os estágios. São os estágios que você tem a certeza ou desiste de vez. Ou eu quero ser professora ou não. A carga horária dos estágios é uma coisa bem excessiva é muito grande, para uns se torna até normal para outros se torna um pouco cansativo. Mas é uma coisa que marca no curso normal são os estágios e as aulas praticas é claro. Porque no estágio você tá lá observando tudo, e já na aula pratica os professores te observam e dizem os pontos que pode melhor, ou o que você tá bom.”

Tabela 3²⁵

²⁵ Ibidem p. 60.

Por marcas do curso normal elas expressam os estágios e as aulas práticas. Entendendo que o campo da educação é feito coletivamente respeitando os espaços e saberes. Ou seja, o estágio proporciona o espaço do erro, na medida em que não é totalmente real, são experimentações. A necessidade do estudo e do aprofundamento de técnicas, dinâmicas, ferramentas necessárias para o andamento da aula e a prática forma um novo sujeito mais seguro do próprio caminho.

Sendo assim, todas as experiências construíram para as entrevistadas um conceito de professor e para esse resultado não foi utilizado somente suas experiências, mas também as pessoas que fazem parte da vivência desses sujeitos. Fernanda afirma que o desejo por ser professora partiu também do entrosamento com a prática da madrinha, das noites em suas casa. Na fala de Jhennifer coloca-se como difusora da experiência da amiga salienta:

Teve um que eu falei, que eu não lembrava de uma experiência, mas teve uma vez que a gente foi fazer estágio aí chegando lá minha amiga chorou na sala. Porque a menina tava fazendo o dever, ela perguntou - “ah, por que você não fez o dever de casa?”. A professora tava brigando com ela, depois a minha amiga foi conversar com ela, ela - “tia, eu não tenho lápis não, por isso que eu não fiz o dever”. E minha amiga pegou e olhou - “Jhennifer, meu estojo cheio de lápis, cheio de borracha eu tive que dar umazinha para ela” e ela falou chorando. Ela tava contando uma história que o tio dela tinha sido preso e a confusão que tava na casa dela, e era uma aluna da primeira série! A confusão que tava na casa dela para a mãe dela nem perceber que ela não tinha feito o dever e nem tinha um lápis, foi uma das coisas que mais marcaram.

Ao mesmo tempo em que ela afirma que foi a experiência da amiga ela conclui que foi uma das coisas que mais a marcaram. Quando começamos a perceber em nós essas pequenas falas do outro, percebemos que o sujeito da experiência é transportado a partir da partilha, pois a experiência fala de uma aprendizagem de novas funções e habilidades que vão se construindo para a criação da sua vida. A experiência coletiva se ramifica como fragmentos - cada sujeitos traz consigo um pedaço do que foi aquele lugar, há de se perceber que é comum que a experiência seja tamanha que mude todos os esquemas antes criados, produzindo novas finalidades. Temos então que a experiência do curso normal indicou possíveis caminhos, possibilitou novas potências e alçou questionamentos que antes dessa formação não poderiam ser feitas. Mais uma vez Jhennifer me ajuda a pensar sobre esses aspectos:

só que eu tenho uma paixão muito grande por política, até mesmo a Clélia Nanci me proporcionou isso. Tem um projeto que é para as escolas estaduais, que é o parlamento juvenil, onde você... é uma escola de democracia, você faz um projeto de lei e você representa o seu município concorre com outras escolas. E eu não só fui representar o Clélia Nanci como São Gonçalo, como outros parlamentares representando seus municípios.

O curso normal possibilitou que ela fosse outra, dos milhares de sujeitos que existem em nós. Nele nos dedicamos à mudança. A parte fundamental da experiência é a transformação, não seria necessário ter experiência se ela não te possibilitasse novos olhares, te desestabilizasse, te ensinasse no constante movimento de *devir*, compreender como você se compôs, das ficções e das suas(nossas) memórias.

Assim como entendemos que as experiências também nos afastam. Danielle conta com tristeza a dor de uma experiência de afastamento. O acesso dúbio da experiência é acionado pelo processo de esquecimento dessa memória. Michel Pollak (1989) nos remete a essa hipótese quando propõe que as raízes individuais e sociais da memória, quando dolorosas demais, cruzam a fronteira do esquecimento. Essa memória quando suscitada traz a dor de uma experiência reconstruída e a seletividade da conciliação entre memória-dor/ esquecimento eclodem. Quando a história oral direciona seu olhar para os sujeitos comuns, ou seja, para os sujeitos que não representariam muito mais que o povo na história dos vencedores (SHARPE, 1992) , começamos a ouvir vozes como a Danielle que fala do cotidiano escola da irmã indicando que:

Abandonou, não é mais professora por ela se decepcionou, se estressou e saiu. Eu falo “Garota!”, hoje ela trabalha de departamento de um mercado, a parte de DP que um mercado, supermercado, e tá lá, nem pensa. Chegou a fazer faculdade, parou no quarto período de letras e saiu. Eu falo “Menina seu lugar não é, é na sala de aula você é uma excelente professora.” “Não isso não é pra mim não!” “Pelo amor de Deus”, nossa ela é muito inteligente uma excelente professora 9, anos alfabetizando, 9 anos, abandonou.”

O abandono também é uma forma de resistência, a revolta de um ressentimento leva ao silêncio. Várias associações podem ser feitas quando a figura docente é comumente responsável com o culpado por termos uma escola pública produzida como ruim. Mas será que não está na hora de refletir mais expressivamente as condições sociais e os condicionantes da vida docente? Danielle aponta o abandono como uma prática e corriqueiramente percebemos essa finalidade. Em contrapartida temos o curso normal que fortalece a profissão docente. Entretanto as mesmas alunas que apontam representações de professores também indicam que muitos deles estão desmotivados com o cotidiano escolar, sendo decorrentes da prática da falta de estímulo e até mesmo a posição contrária a continuidade da carreira docente²⁶.

²⁶ Não distante de minha realidade como estudante em inúmeros momentos me senti como elas no IECN. Curiosamente cheguei a ser questionada por que estava fazendo Pedagogia, já que eu era nova e poderia ingressar em uma carreira menos frustrante.

O panorama do curso normal nos mostra expectativas de amplitude da formação bem como o afastamento da profissão pelos mais diversos motivos. Entretanto devemos entender que como primeiros passos para a docência o curso normal aponta para a reflexão sobre o ato político da educação que como passo inicial deve ser expandido com práticas instituintes como o núcleo de memória.

A articulação entre a universidade e a escola básica preconiza uma formação que deve ser contínua, vinculada tanto às maneiras de formação e engajamento do sujeito como com às possibilidades de ingressar no mercado de trabalho, na medida em que a classe popular também prioriza no curso técnico um caminho mais rápido para ingressar no mercado de trabalho.

Jhennifer nos fala que “daqui a dois meses, da minha casa, vou ser a única a me formar no ensino médio. Eu com formação de professores porque meus irmãos não se formaram”. O curso profissional em nível médio é tomado como alavanca que impulsionadora para alcançar outros objetivos, como relacionamos nos capítulos anteriores, o que não enquadra essa formação, todavia fornece outros elementos para construção do sujeito escolar e dos caminhos da vida.

Considerações finais

Os pontos apresentados ao longo da pesquisa possibilitam algumas reflexões acerca do curso normal, da formação a nível médio e dos primeiros passos para a docência. Com o objetivo de compreender as experiências formadoras acabei por compreender um pouco mais da formação dos professores de uma forma mais ampla. Em aspectos muito paralelos ao curso de Pedagogia, o curso normal me possibilitou um entendimento maior dos caminhos percorridos pela docência ao longo da história da educação, sinalizou pontos peculiares a partir do ato de narrar, fornecendo afirmações consistentes quanto às políticas voltadas especificamente para a formação, além de perspectivar novos diálogos com o campo da educação e mais propriamente falando da profissão professor.

Os caminhos percorridos ao longo dos quatro anos de formação configuram a potencialidade que pode despertar no sujeito, a vontade de continuidade na formação acadêmica. As práticas instituintes, que nesse bojo podemos incluir as oficinas pedagógicas e o núcleo de memória na escola, apontam para um processo de transformação do sujeito aprendente que se vê como parte de um sistema maior e principalmente como produtor do meio em que vive.

As experiências dessa trajetória de pesquisa me possibilitaram perceber no Curso Normal como uma produção coletiva muito voltada para a formação do sujeito professor/a, mas também um conjunto complexo de tensões que atravessam o cotidiano entendendo que o que apontamos como primeiros passos para a docência pretende afirmar que apesar da existência do curso normal a formação docente não tem um fim com seu processo, pois entende-se como uma formação contínua. Observei nas falas dos estudantes que desejam seguir a carreira docente que o curso é o primeiro passo, mas que sozinho não contempla o universo de questões existentes no universo escolar.

Mais uma vez utilizo das palavras de Jhennifer para expressar a emoção de estar em um lugar de memória tão representativo no campo da formação dos educadores gonçalenses e da história da educação do município, que imprime marcas em seus sujeitos e os caracteriza como parte de uma formação carregada de tradição, pois

...pessoas que encontro na rua e falam “você estuda no Clélia Nanci?” “É, estudo”. Minha mãe trabalhou aqui, meus irmãos estudaram aqui (um fui expulso, outro não estuda mais). O Clélia Nanci é minha Vida! É, coisas que eu fiz na minha vida, que foi para representar a escola como o parlamento juvenil, um ótimo crescimento. Professores que eu conheci aqui a história deles, o jeito deles ensinarem, o amor pela profissão, por mais que eu dia eu não vá prosseguir, deu a louca na

chapeuzinho e eu não vou ser professora, mas que eles pegaram e me ensinaram muita coisa. Tudo que eu sei fazer, tenha amor pelo que você faz., o amor pelo estudo eu aprendi aqui, tudo.

O Instituto de Educação Clélia Nanci congrega todas as especificidades de um lugar de memória (NORA, 1993) e é produtor da memória vida (BRAGANÇA, 2009), entendendo que por memória vida dizemos tudo aquilo que nos transformou e nos provocou novas experiências. Fala também de uma formação muito maior como sujeito aprendente derrubado pela experiência.

REFERÊNCIAS:

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; SOUZA; Elizeu Clementino de. (Orgs.) **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Prefácio: JOSSO, Marie-Christine. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia**: geral e do Brasil. 3. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985

_____. **A pesquisa-Ação**. Introdução: Lucie Dideo. Brasília: Plano Editora, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

BITTAR, Marisa; FERREIRA JR., Amarílio. A ditadura Militar e a proliferação dos professores. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 27, n. 97, p. 1159-1179, set./dez. 2006

BOAL, Augusto. **Hamlet e o filho do padeiro**: memórias imaginadas. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGANÇA, Inês F. S. **Memórias e Práticas Instituintes na Escola**. In: 26ª Reunião da ANPED, 2003.

_____. Formação e profissionalização docente no Brasil: instituições, práticas educativas e história. IN: **As Redes do Conhecimento as Tecnologias**. Rio de Janeiro: Laboratório e Imagem, 2009a.

_____. **Histórias de vida e formação de professores/as: Diálogos entre Brasil e Portugal**. Tese de Doutorado. Évora, 2009b

_____. **Projeto de Pesquisa: Formação de Professores e Docência em São Gonçalo: Narrativas, Memória e Saberes**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2009c.

_____. **Curso de Pedagogia da FFP/UERJ e Instituto de Educação Clélia Nanci: diálogos entre Universidade e Escola**. Rio de Janeiro, 2010a.

BRAGANÇA, Inês F. de S.; FERREIRA, Michelle A.; PEREZ, Juliana G. de M. Núcleo de memória no Instituto de Educação Clélia Nanci: Um olhar dirigido à Literatura. Apresentado In: **IV Seminário Vozes da Educação: Formação de Professores/ as – Narrativas, Políticas e Memórias**. Rio de Janeiro: Editora: FFP-UERJ,2010b. ISBN: 978-85-88707-37-5.

_____. Relatório de pesquisa Faperj - Formação de professores/as e docência em São Gonçalo: narrativas, memórias e Saberes. Rio de Janeiro, 2010c

_____. Sobre o conceito de *formação* na abordagem (auto)biográfica. In: **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/ago. 2011^a

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação 1961 disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm. Acessado em:08/10/2011

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação 1971 disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acessado em:08/10/2011

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação 1996 disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acessado em:08/10/2011

BRASIL, Lei Orgânica do Curso Normal LEI Nº 8.530 .1946 <http://www.soleis.adv.br/leiorganicaensinonormal.htm>. Acessado em:08/10/2011

CATANI, Denice B.; BUENO, Belmira O.; SOUZA, M. Cecília C.; SOUSA, Cynthia P. de (Orgs.) **Docência, Memória e Gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Do ontem para o hoje: práticas escolares em diários íntimos d e professoras**. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.) **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008. Pp. 117 – 130.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In MINAYO, Maria C. S. (Org.) **Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

EVANGELISTA, Olinda; MORAES, Maria Célia Marcondes de; SHIROMA, Eneide Oto. **Política Educacional**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, 4^a Ed.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 3ª Ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FERREIRA JR., Amarilio e BITTAR, Marisa. **A ditadura militar e a proletarização dos professores**. *Educ. Soc.* [online]. 2006, vol.27, n.97, pp. 1159-1179. ISSN 0101-7330.

GADOTTI, Moacir. **Os mestres de Rousseau**. São Paulo: Cortez, 2004

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

Josso, Marie Christine. **As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras**. *Educ. Pesqui.*, Ago 2006, vol.32, no.2, p.373-383. ISSN 1517-9702

_____. **A experiência de vida e formação**. 2.ed. rev. E ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulos, 2010.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. jan/fev/mar/abr, n.19, 2002.

_____. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. VEIGA, Alfredo Neto (trad.). 4ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LE GOFF, Jacques. **Memória e História**. São Paulo: USP, 1992. Pp. 10 – 50.

LESSA, Eliane Resende. **Formação de Professores no ensino médio: as experiências das estudantes do Instituto de Educação Clélia Nanci**. Monografia. Niterói: UFF. 2005.

LOPES, Sonia de Castro. **Imagens de um lugar de memória da educação nova: Instituto de Educação do Rio de Janeiro nos anos de 1930**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2008, vol.13, n.37, pp. 84-97. ISSN 1413-2478

LUCKESI, C. C.. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994. Pp. 53 -75.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.) **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008.

MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. 2000, p. 1 - 109. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista de Pesquisa Histórica**. São Paulo: 10, 1-178, 1993.

NUNES, Clarice. **Ensino normal: formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

NUNES, Clarice. (Org.) **Docência e pesquisa: na visão de Haydée Figueirêdo**. Rio de Janeiro: Litteris, 2010.

Pineau, Gaston. **Emergência de um paradigma antropofomador de pesquisa-ação-formação transdisciplinar**. *Saude soc.*, Dez 2005, vol.14, no.3, p.102-110. ISSN 0104-1290

_____. **As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial**. *Educ. Pesqui.*, Ago 2006, vol.32, no.2, p.329-343. ISSN 1517-9702

PEREZ, Juliana Godói de Miranda. **Caderno de inquietações: relatório parcial de iniciação científica**. São Gonçalo: UERJ/FFP, 2010.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Vol. 2. N.3 São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda., 1989.

_____. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. Vol.5, n. 10, pag. 129 – 280.

Programa ProInfantil. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12321&Itemid=550. Acessado em:08/10/2011

Reorientação curricular curso normal disponível em:
http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/downloads/LIVROIV_normal.pdf . Acessado em:08/10/2011

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2009, vol.14, n.40, pp. 143-155. ISSN 1413-2478.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Histórias de Vida, escritas de si e abordagem experiencial. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.) **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008. Pp. 89 – 98.

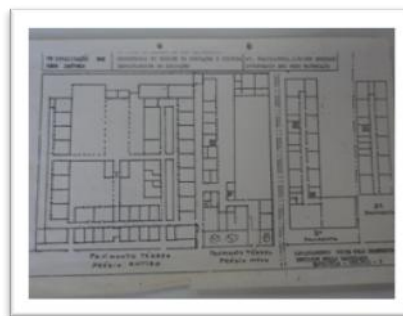
TAVARES, Maria Tereza Goudard. Percursos e movimentos: dez anos do Vozes da educação em São Gonçalo. In: ALVARENGA, Marcia Soares; ARAUJO; Mairce da Silva; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; MAURÍCIO, Lúcia Velloso; MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos (Org.). **Vozes da Educação: Memórias, Histórias e Formação de Professores**. Petrópolis: DP et Alii Editora, 2008.

VIEIRA, L. Jair. **Lei de Diretrizes e Bases a Educação Nacional e Legislação Complementar**. São Paulo: Edipro, 2010.

VILLELA, Heloisa de O. S. O mestre-escola e a professora. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes VEIGA, Cynthia Greive. (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Pp. 95-133.

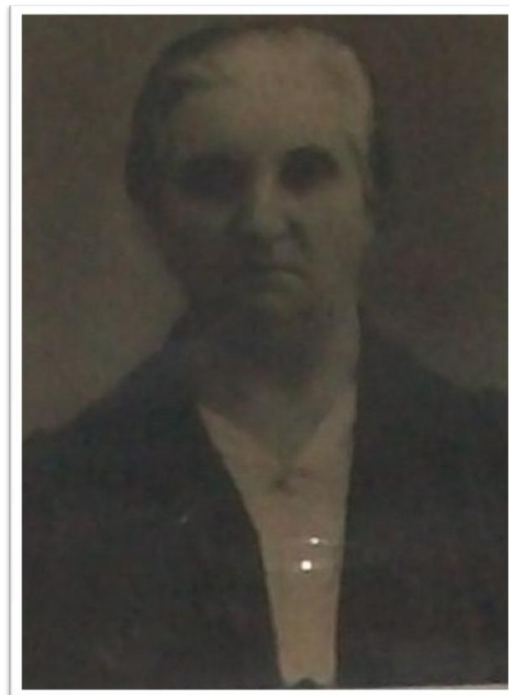
Anexos:

Anexo 1 – Fotos do Instituto de Educação Clélia Nanci



Planta da estrutura escolar.

Fachada do Instituto de Educação Clélia Nanci

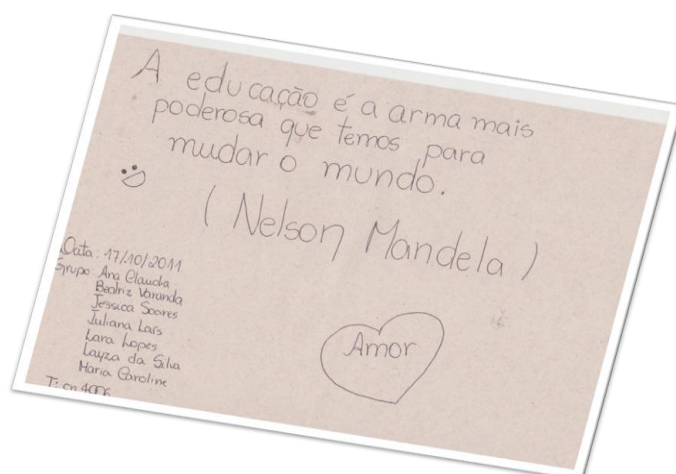
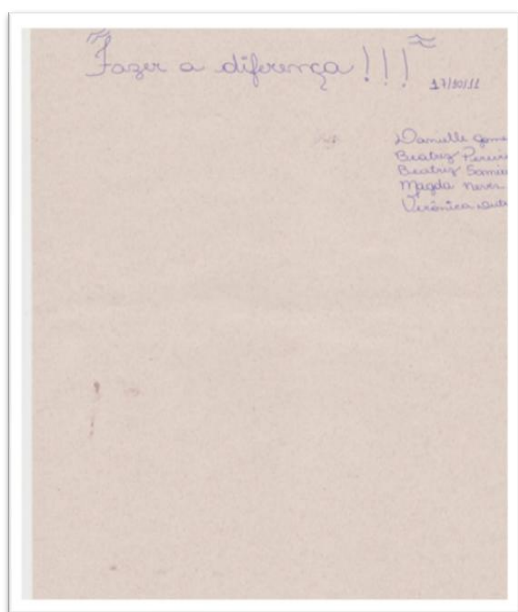
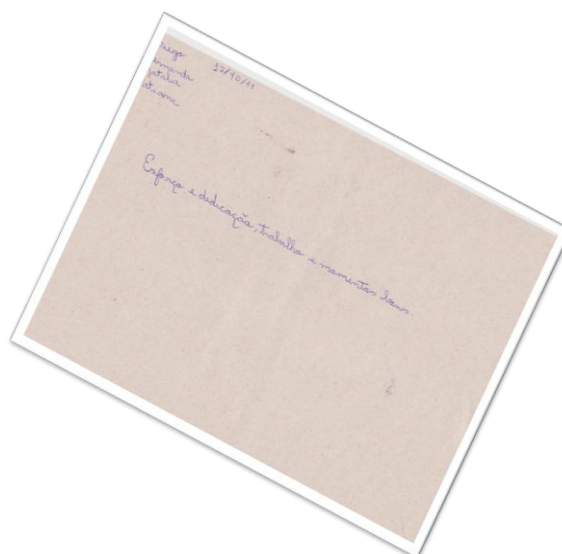
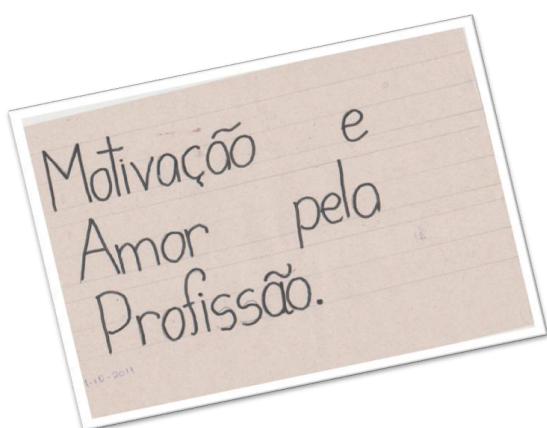


Clélia Nanci – Patrona do IECN.

Anexo 2 – Matriz curricular do Curso Normal

Base Nacional Comum	Áreas do conhecimento	Componentes curriculares	Carga Horária Semanal				Carga Horária Anual				Total
			1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	
	Linguagem, códigos e tecnologias	Língua portuguesa Artes Educação Física	4 2 2	4 2 2	2 - 2	2 2 -	160 80 80	160 80 80	80 - 80	80 80 -	480 240 240
Base Nacional Comum	Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias	Matemática Química Física Biologia	4 2 2 2	2 - - -	2 - - -	2 - - -	160 80 80 80	80 - - -	80 - - -	80 - - -	400 80 80 80
	Ciências Humanas e suas tecnologias	História Geografia Sociologia Filosofia	2 2 - 2	2 2 2 2	- - 2 -	- - - -	80 80 - 80	80 80 80 80	- - 80 -	- - - -	160 160 160 160
	Carga horária total da Base Nacional Comum no Curso Normal é de 2240 horas aula.										
Formação Profissional	Componentes Curriculares		Carga Horária Semanal				Carga Horária Anual				Total
			1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	
	Política Educacional e Organização do Sistema de Ensino		-	-	-	2	-	-	-	80	80
	Conhecimentos didáticos em Ensino Fundamental		-	2	2	2	-	80	80	80	240
	Conhecimentos Didáticos Pedagógicos na Educação Infantil		-	-	2	2	-	-	80	80	160
	Abordagem Psico-sócio-linguístico do processo de alfabetização		-	-	2	2	-	-	80	80	160
	Psicologia da Educação		-	2	2	-	-	80	80	-	160
	Ênfase na Formação	Conhecimentos didáticos Pedagógicos em Educação de Jovens e Adultos ou Educação Especial ou Educação Indígena	-	-	2	2	-	-	80	80	160
	Prática Pedagógica/ Iniciação a Pesquisa		2	6	8	8	80	240	320	320	960
	Carga Horária		80	80	80	80	1200	1200	1200	1200	4800
Formação Profissional	Componentes Curriculares		Carga Horária Semanal				Carga Horária Anual				Total
			1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	
	Política Educacional e Organização do Sistema de Ensino		-	-	-	2	-	-	-	80	80
	Conhecimentos didáticos em Ensino Fundamental		-	2	2	2	-	80	80	80	240
	Conhecimentos Didáticos Pedagógicos na Educação Infantil		-	-	2	2	-	-	80	80	160
	Abordagem Psico-sócio-linguístico do processo de alfabetização		-	-	2	2	-	-	80	80	160
	Psicologia da Educação		-	2	2	-	-	80	80	-	160
	Ênfase na Formação	Conhecimentos didáticos Pedagógicos em Educação de Jovens e Adultos ou Educação Especial ou Educação Indígena	-	-	2	2	-	-	80	80	160
	Prática Pedagógica/ Iniciação a Pesquisa		2	6	8	8	80	240	320	320	960
	Carga Horária		80	80	80	80	1200	1200	1200	1200	4800

Anexo 3 - Material produzido na oficina pedagógica.



Anexo 4 – Questionário aplicado.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação

Questionário de levantamento do perfil dos estudantes do IECN

Pesquisa Monográfica: *Experiências-Formadoras: um olhar dirigido aos estudantes do Curso Normal no Instituto de Educação Clélia Nanci.*

Pesquisadora: Juliana Godói de Miranda Perez

1 - Identificação:

Sexo: ()Feminino () Masculino. Ano de Nascimento:_____

Município e bairro onde mora: _____

2 – Onde fez o ensino fundamental?_____

3 - Por que a escolha do curso normal?

()Porque desejo ser professor/a. () Porque desejo ter uma capacitação para o mercado de trabalho.() Porque gosto do uniforme. () Porque desejava continuar na escola.

()Outros:_____

4 - Em sua opinião o curso normal forma para quê?

()Iniciação da profissão docente. ()Desenvolver o senso crítico. ()Iniciar no mercado de trabalho. ()Outros._____

5 – Houve alguma influência das pessoas com quem você convive para que você escolhesse o curso normal?

() Sim ()Não. Qual? _____

6 - Tem experiência profissional em educação? () Sim () Não.

Por quanto tempo?_____

7 - Se tem experiência profissional em educação, em que área?

() Escolar. () Espaços educativos não escolares (instituições, ONGs, empresas etc.).

8 - Se trabalha em escola, assinale as opções abaixo:

8.1 - Função exercida:

()Como professor/a. ()Ajudante. ()Como funcionário administrativo.()Outras:_____

8.2 - Tipo de estabelecimento:

() Particular. () Estadual. () Municipal. Se municipal, de qual município? _____

9 - Deseja exercer a profissão Docente? () Sim ()Não

10 - Deseja ingressar no curso superior? ()Sim () Não.

11 - Licenciatura ou outras áreas? () Licenciatura () Outros: _____

12 - O que você acha das disciplinas oferecidas no currículo do curso normal?

() Ótimas. () Boas. () Regulares. () Ruins. () Péssimas.

13 - Em que medidas elas contribuíram para a sua formação? () Extremamente () Muito

() Pouco () Em nada

Por quê? _____

14 – Em sua opinião, qual a importância do curso normal hoje?

() Extremamente importante. () Importante. () Pouco importante. () Desnecessário.

Por quê? _____

15 - Você acha que o curso normal deve acabar em função da formação superior de professores no curso de pedagogia?

() Sim () Não. Por quê? _____

16 – O que você pensa a respeito do curso normal integral? () Ótimo () Bom

() Regular () Ruim. Por quê? _____

Anexo 5 – Análise dos questionários.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação

Análise do questionário de levantamento do perfil

dos estudantes do IECN

Pesquisa Monográfica: *Experiências-Formadoras: um olhar dirigido aos estudantes*

do Curso Normal no Instituto de Educação Clélia Nanci.

Pesquisadora: Juliana Godói de Miranda Perez

Total de questionários aplicados: 31

1 - Identificação:

Sexo:

Feminino: 29

Masculino: 2

Ano de Nascimento:

Ano:	Estudantes	Idades em 2011
1981	1	30 anos
1984	1	27 anos
1990	1	21 anos
1991	5	20 anos
1992	15	19 anos
1993	5	18 anos
1994	1	17 anos

Município e bairro onde mora:

Município	Bairro	Total
São Gonçalo	Alcântara	2
	Barro Vermelho	1
	Boaçu	1
	Brasilândia	2
	Colubandê	1
	Galo Branco	3
	Jardim Alcântara	1
	Jardim Bom Retiro	1
	Jardim Califórnia	1
	Jardim Catarina	1
	Lindo Parque	3
	Mangueira	1
	Mútua	2
	Mutuapira	1

	Nova Cidade	1
	Porto do Rosa	3
	Rocha	1
	Santa Catarina	1
	Trindade	1
	Vila Lara	1
	Vila Lage	1
	Vista Alegre	1

2 – Onde fez o ensino fundamental²⁷?

Instituição	Estudantes
IECN	10
C. E. Ministro José de Moura e Silva	1
Centro Educacional Carlos Drummond de Andrade	1
Centro Educacional Lucena	1
Centro Educacional Veloso Ramos	1
CIE422	1
Colégio E. Lauro Corrêa	1
Colégio E. Monsenhor Barenco Coelho	1
Colégio M. Paulo Reglus Neves Freire	2
Colégio M. Presidente Castello Branco	1
Colégio Nossa Senhora da Paz	1
Colégio Nossa Senhora das Dores	1
Colégio Rui Barbosa	2
Colégio São Gonçalo	1
E. E. Alda Bernardes	1
E. E. Capitão Belarmino de Mattos	1
E. E. Cruzeiro do Sul	2
E. E. Monsenhor Albuquerque	1
E. M. Jornalista Alberto Torres	1
E. M. Samuel Gracia	1
Educandário Isaías Conceição de Souza	1
Ernani Farias	1

Público	23
Privado	6
Público e Privado	1
Indefinidos	1

3 - Por que a escolha do curso normal²⁸?

Opções	Número de Estudantes
Porque desejo ser professor/a.	13
Porque desejo ter uma capacitação para o mercado de trabalho.	16
Porque gosto do uniforme	0

²⁷ Muito argumentam que fizeram o fundamental em mais de uma escola, muitas vezes entre elas o IECN.

²⁸ Muitos optaram por marcar mais de uma alternativa e ainda explicar.

Porque desejava continuar na escola.	6
Outros:	
“Base para objetivos futuros”	1
“Pais”	1
“Desejo do meu pai”	1
“Não sai com pena de deixar meus amigos”	1

Respostas: “Quero ser professora e Psicóloga”

4 - Em sua opinião o curso normal forma para quê²⁹?

Iniciação da profissão docente.	26
Desenvolver o senso crítico.	2
Iniciar no mercado de trabalho.	6
Outros	
“Melhorar a capacitação dos professores”	1

Respostas: “é a junção de várias alternativas”

5 – Houve alguma influência das pessoas com quem você convive para que você escolhesse o curso normal?

Sim	10
Não	21
Qual:	“Da minha família”
	“É a Profissão de quase toda a minha família”
	“Minha mãe e minha madrinha, mas eu quero seguir”
	“Minha avó, ela também era professora”
	“Mãe”
	“Meu pai praticamente me obrigou”
	“Minha tia é professora de ciências e biologia”
	“verbal”
	“Minha mãe sempre quis que eu fosse professora”
	“Minha Irma”
Avaliação:	De uma forma geral a família é a grande responsável pela influencias dos estudantes no curso normal

6 - Tem experiência profissional em educação?

Sim	3
Não	28

6. 1 Por quanto tempo?

7 meses	2
4 anos	1
Sem sinalização de tempo	1

7 - Se tem experiência profissional em educação, em que área?

Escolar.	4
Espaços educativos não escolares (instituições, ONGs, empresas etc.).	0

²⁹ Alguns questionários expressavam opiniões além da marcação de alternativas ou continha mais de uma marcação

--	--

8 - Se trabalha em escola, assinale as opções abaixo:

8.1 - Função exercida:

Como professor/a.	0
Ajudante.	2
Como funcionário administrativo	0
Outras (sem especificar)	1
Não respondeu	1

8.2 - Tipo de estabelecimento:

Particular	2
Estadual.	0
Municipal.	0
Sem responder	2

De qual município?

Sem resposta

9 - Deseja exercer a profissão Docente³⁰?

Sim	16
Não	9

10 - Deseja ingressar no curso superior?

Sim	21
Não	4

11 - Licenciatura ou outras áreas?

Licenciatura	11
Outros:	
Arquitetura	1
Direto	1
Fisioterapia	2
Indefinido	2
Pedagogia	1
Psicologia	1
Turismo	1

12 - O que você acha das disciplinas oferecidas no currículo do curso normal?

Ótimas	3
Boas	14
Regulares	7
Ruins	0
Péssimas	0
Observação:	“Poderia continuar com História, Geografia, Química e Física ”

13 - Em que medidas elas contribuíram para a sua formação?

Opções	Número de	Por quê
--------	-----------	---------

³⁰ Das questões a seguir nem todas contém respostas, por isso o quantitativo

	estudantes	
Extremamente	4	“Com essas matérias, nós conseguimos aprender e observar como age o professor com o aluno, conhecendo o processo de desenvolvimento na aprendizagem de cada um deles.” “Elas estão de acordo com o que é proposto no curso”
Muito	14	“Como já respondi, através das disciplinas juntamente com os professores a desenvolver nosso senso crítico e o amor pela leitura” “Porque já vou sair sabendo dos métodos que vou utilizar” “pois eu quero seguir pedagogia e os conteúdos daqui são específicos para isso” “passa a entender e dar valor” “Porque eu não tinha idéia de como trabalhar com crianças, agora tenho.” “Através das disciplinas aprendemos como “ser professores”, o que devemos fazer nessa profissão” “o ensino e as disciplinas foram bem explicadas e isso me ajudou muito” “O ensino do IECN é muito bom” “os conteúdos são bem explorados” “Me dão direção à respeito das minhas ações como docente”
Pouco	6	“Dentro da sala de aula é muito diferente do que na prática” “Falta a base que não temos para fazer um concurso” “não temos aulas de muitas disciplinas importantes” “Não quero ser professora” “Porque são excluídas muitas matérias” “Faltam muitas matérias de concurso”
Nem nada	1	“Não irei seguir”

14 – Em sua opinião, qual a importância do curso normal hoje?

Opções	Número de estudantes	Por quê
Extremamente Importante	5	“è a formação de” “como tudo na vida é um estágio que nos prepara” “para termos profissionais qualificados para as crianças do futuro”
Importante	18	“é um curso capaz de transformar as pessoas” “ser professor é uma profissão mais importante para formar cidadãos capacitados para o mercado de trabalho” “porque é uma fase para quem realmente pretende lecionar” “através dele temos professores para o ensino fundamental (1º seguimento)” “Não forma só professores, mas cidadãos mais críticos a

		questão da educação”
		“para pessoas que desejam seguir a profissão é importante”
		“pois é uma instrução do conteúdo para pedagogia”
		“é importante porque prepara o futuro professor”
		“o curso normal é bom para termos um bom conhecimento da área”
		“porque vamos ter mais professores n mercado de trabalho”
		“poucas pessoas querem ingressar na área da educação”
		“pois atraves dele voce faz um pequeno estágio para saber se é realmente isso que voce quer”
Pouco Importante	3	“A professora que pretende continuar precisar fazer faculdade”
		“Hoje em dia, é preciso para ser melhor reconhecida ter faculdade”
		“poucos querem ser professores fazem o curso normal mais por influencia dos outros ou para o curso ter um peso maior no curriculum”
Desnecessário	0	

15 -Você acha que o curso normal deve acabar em função da formação superior de professores no curso de pedagogia?

Opções	Número de estudantes	Por quê
Sim	0	
Não	25	“è uma base para ir a faculdade de pedagogia”
		“pois muita coisa que apreendemos aqui não tem na faculdade”
		“não porque isso nos ajuda muito”
		“o curso tem muitas informações que recebemos na faculdade”
		“porque tem muitas pessoas que gostam dessa profissão”
		“porque sem professores o que será das pessoas na educação escolar”
		“porque ninguém é obrigado a fazer o que não quer”
		“è uma experiência boa, voce já adquire conhecimentos necessários para a faculdade”
		“cada um segue seu caminho”
		“com o curso normal as pessoas já trem uma base e decidem se querem continuar ou não”
		“Porque serve como uma base”
		“porque essa formação é o inicio para uma profissão de professor”
		“porque é um incentivo para quem não acredita mais na profissão”
		“Porque o curso normal é um grande auxílio”
		“O que falta no curso normal são mais professores que se aprofundem nos conteúdos do ensino fundamental, pois muitos que estão no curso normal acabam

		esquecendo”
		“o curso normal valoriza muito a formação na educação infantil”
		“Porque esse curso é mais um tipo de capacitação”
		“pois é uma grande base para a profissão”
		“acho muito importante, pois quem não quer realmente acaba desistindo”
		“è um curso muito bom que nos dá base para entendermos melhor a profissão”
Sem resposta	6	

16 – O que você pensa a respeito do curso normal integral?

Opções	Número de estudantes	Por quê
Ótimo	3	“Os professores são dedicados”
		“Eles acabam primeiro no terceiro ano podem agir sua vida mais rapidamente”
Bom	4	“porque acaba mais rápido”
		“porque o aluno vai ter como aprender mais coisas”
Regular	8	“se torna muito cansativo”
		“muitas pessoas utilizam o tempo fora de escola para trabalhar”
		“de certa forma estão prendendo apenas os alunos”
		“porque tem pessoas que fazem outras coisas como cursos, trabalham, cuidam da casa e outros”
Ruim	7	“Ruim para a realização de estágios”
		“são muitas matérias distribuídas por um período curto”
		“Não deveria continuar tem que fazer faculdade mesmo”
		“acaba sendo cansativo/ desgastante”
		“ruim pelo trabalho”
		“tem pessoas que trabalham em um período e estudam em outro”
		“impossibilita outras coisas (cursos, trabalho, etc)”

Anexo 6 – Roteiro da entrevista

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação

Roteiro das entrevistas com os estudantes do IECN

Pesquisa Monográfica: *Experiências-Formadoras: um olhar dirigido aos estudantes no Curso Normal do Instituto de Educação Clélia Nanci.*

Pesquisadora: Juliana Godói de Miranda Perez

Identificação:

Nome: _____ Como deseja ser
citado: _____

1- Narre um pouco da escolha do curso normal. O que o/a levou a escolha do curso?

1. 1. Quais foram as experiências que mais te marcaram ao longo desses quatro anos?
1. 2. A experiência do curso normal mudou sua forma de ver a escola básica? Como?
1. 3. Quais são pessoas mais marcantes em sua trajetória de formação no curso normal?

2 - Quais as suas expectativas quanto às possibilidades profissionais e acadêmicas após a conclusão do curso?

2. 1. – Você pretende seguir carreira docente?
2. 2. O que mais te toca na profissão?

3 - Responda rápido:

Uma marca do curso normal:

Um aspecto importante do curso:

Um sentimento:

O IECN:

Anexo 7 – Transcrição Fernanda.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação - Pedagogia

1ª Transcrição: entrevista com Fernanda - revisado e com legenda.

Pesquisa Monográfica: *Experiências-Formadoras: um olhar dirigido aos estudantes do Curso Normal do Instituto de Educação Clélia Nanci.*

Pesquisadora: Juliana Godói de Miranda Perez

Identificação:

Nome: Fernanda Silva Como deseja ser citado:

Fernanda

Realizada no dia: 17/10/2011

Legenda:	
Palavras:	Símbolos:
Então	*
Assim	**
Né	®
Entendeu	#

Transcrição
Fernanda: a eu vou falar? Juliana: Só um minuto. Fernanda: Começou a chover pra caramba! Juliana: Fernanda, Narre um pouco da escolha do curso normal. O que o/a levou a escolha do curso? Fernanda: *, o que me levou a escolha é **. Porque quando eu era pequena eu gostava muito de brincar de ser professora. E **o que me motivou também, porque eu tenho na família minha madrinha, que ela é professora. * desde pequena era o convívio com ela **, como ela dava aula, porque as vezes eu ia para a escola com ela, ** ela corrigia prova eu tava sempre com ela. Eu estava sempre com ela, na casa dela em todos os momentos. * eu via ela corrigir prova, fazer trabalho pros seus alunos e eu fui gostando. Ai quando chegou na quarta serie a minha mãe me colocou aqui no curso norma, eu estudei da quarta até o quarto ano, sabia que ia fazer formação de professores, e o que

me levou mais a gostar foi quando eu cheguei no terceiro ano que eu realmente sabia que era isso que eu queria.

Juliana: É a prática, ®?

Fernanda: É. Por eu ver a minha madrinha ter essa motivação na família e conviver com um pouco, **, de tudo. Eu comecei a gostar.

Juliana: E quais foram as experiências que te marcaram ao longo desses 4anos?

Fernanda: As experiências?... Os estágios.

Juliana: Os estágios...

Fernanda: Porque cada hora que você vai estagiar, em cada momento, são pessoas diferentes, são alunos diferentes e você acaba, **, vivendo experiências diferentes. Estágios e os trabalhos também.

Juliana: Trabalhos o próprio curso que as próprias professoras pedem ®?

Fernanda: é, **, mais no terceiro ano. Por isso que eu falei com você que realmente no terceiro ano eu tive aquela certeza que eu queria ser professora. Porque pela minha professora Andrea Pessoa, * ela passava muitos trabalhos*, aquele esforço aquela dedicação acabou me ajudando a entender que era isso que eu queria.

Juliana: Entendi. E a experiência do curso normal mudou o seu jeito de ver a escola? **, de entender a escola básica?

Fernanda: De certa forma sim. Em dizer que a gente pode trabalhar de varias maneiras, usar de varias práticas. Ensinar os alunos de varias maneiras porque quando a gente pensa em escola pensa que é aquilo, ah é tenho que ensinar meus alunos tem que apreender e se resume nisso, mas não. A gente sabe que pode fazer a escola diferente, # Mudar.

Juliana: E quais são as pessoas que mais marcaram essa sua trajetória no curso normal?

Fernanda: A minha madrinha como eu falei, Fabíola, que me motivou por ela ser professora, a minha mãe que me colocou aqui na escola na quarta serie. Mas sabia que, ** era algo que...

Juliana: Que você desejava...

Fernanda: É! Já despertava por mostrar quando eu era pequena. E minha tia Adriana que foi minha professora da alfabetização. Que até hoje me ajuda com trabalho do curso normal, que eu tenho contato.

Juliana: E no curso normal? Alguma professora?

Fernanda: A Andréia Pessoa.

Juliana: A Andréia Pessoa. Eu já tinha aqui percebido (risos)

Fernanda: E eu gosto muito de, da professora também, Tatiana.

Juliana: Ela da aula de que a Tatiana?

Fernanda: De educação infantil. E é realmente o que eu quero seguir, porque eu quero dar aula para a educação infantil.

Juliana: Legal. Aqui no curso normal vocês tem um foco muito grande na educação infantil ®? Não?

Fernanda: Nem tanto. Começamos mais com o foco em alfabetização.

Juliana: A alfabetização! Letramento.

Fernanda: Isso!

Juliana: Os métodos ®?

Fernanda: Desde o terceiro ano mais isso que ta entrando em foco. Eles até deixaram um pouco de certa forma, eu fico meio assim, digo que fico meio desprovida, porque educação infantil é o que eu realmente quero. E eu vejo que o curso para educação infantil oferece muito pouco. Eu queria mais #.

Juliana: E você acha, ** que tem previsões futuras pra continuar, é, a formação docente em curso superior? ** no curso de pedagogia?

Fernanda: Sim. Eu vou fazer faculdade de pedagogia. Pretendo ser pedagoga. Porque ** eu gosto da profissão e a pedagogia é uma área muito ampla. Você não se limita a ficar só na sala de aula. Pode trabalhar, como eu penso, dar aula para a educação infantil e progredindo aos poucos, ser pedagoga. E ** até ser diretora e abrir uma escola. (risos)

Juliana: E quais são suas expectativas quanto as possibilidades profissionais e acadêmicas quando você acabar aqui?

Fernanda: * tentar o vestibular e tentar uma universidade.

Juliana: Só para Pedagogia ou para outras áreas **?

Fernanda: não, ** o que acontece. Eu vou para a “Universo” o ano que vêm, já no primeiro semestre eu já vou entrar, e vou fazer pedagogia. Só que quando chegar ** eu vou tentar pré-vestibular e vou tentar para a pública no próximo ano, ai eu faço aproveitamento das matérias para pedagogia. Mas eu penso em fazer direto depois da pedagogia.

Juliana: Que legal! E você pensa em seguir a carreira docente?

Fernanda: Sim pretendo!

(alguém entra na sala. Nós nos despedimos da pessoa.)

Juliana: E o que mais te toca nessa profissão?

Fernanda: O que mais me toca?

Juliana: É.

Fernanda: Ah, é saber que, como eu falei, por eu gostar da educação infantil, é saber que eu posso tá ensinando, **, ensinando as crianças e aprendendo com eles. Porque agente não só ensina a gente também aprende. E Poxa, eu vou estar fazendo isso com os pequenos ensinar eles desde criança, #. Isso é muito bom é gratificante.

Juliana: Entendi, você se relaciona muito bem com criança. Você acredita que as crianças podem fazer uma transformação futuramente?

Fernanda: Sim, porque tudo tem que começar de pequeno, agente tem que ensinar de pequeno. E eu acho que, **, eu me identifico na educação infantil, que eu posso ensinar para eles. Tentar entendeu?! Como que eu posso dizer... Tentar transformar!

Juliana: Entendi.

Fernanda: **, na maneira, ajudar na maneira de pensar, nas atitudes.

Juliana: Dar opções ®? (risos)

Fernanda: ** ser, como que fala ser um mediador do conhecimento.

Juliana: Muito legal isso. E agora para você responder rápido, aquela que eu te expliquei.

Fernanda: Tá.

Juliana: Uma marca do curso normal?

Fernanda: Os professores.

Juliana: Um aspecto importante do curso?

Fernanda: Um aspecto importante é saber que eu posso ser mediador de conhecimento para outras pessoas.

Juliana: E, um sentimento do curso normal?

Fernanda: Gratificação!

Juliana: E o que o Instituto de Educação representa? O Instituto em uma palavra...

Fernanda: O Instituto... Experiência.

Juliana: Muito obrigada Fernanda, você me ajudou muito a entender um pouco mais desse campo que eu quero estudar. E nossa! Muito bom! .

Anexo 8 – Transcrição da Laysa

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação - Pedagogia

2ª Transcrição entrevista com Laysa revisado e com legenda.

Pesquisa Monográfica: *Experiências-Formadoras: Um olhar dirigido aos estudantes do Curso Normal do Instituto de Educação Clélia Nanci.*

Pesquisadora: Juliana Godói de Miranda Perez

Identificação:

Nome: Laysa da Silva Tobias do Nascimento Como deseja ser citado: Laysa

Realizada no dia: 26/10/2011

Legenda:	
Palavras:	Símbolos:
Então	*
Assim	**
Né	®
Entendeu	#
Ai	©
Â / Ah	∞
Pô	£
Caraca	¥

A entrevista começa com o um burburinho que não é possível distinguir quem esta falando.

Laysa: você vai fazer também?

Juliana: Laysa, narre um pouco da sua escolha do curso normal e o que a levou a escolher esse curso?

Laysa: Bom, o que me levou a escolher o curso foi, **, começou meio confuso porque eu não queria depois com um tempo ** com a visita que a gente fez no primeiro ano no colégio e comecei a gostar. **, com esses negócios de estágio eu queria continuar e minha avó também foi professora, ©, mais um objetivo.

Juliana: E quais foram as experiências mais marcantes ao longo desses quatro anos?

Laysa: Os estágios!

Juliana: Por quê?

Laysa: Muito legal, sei lá, eu gosto de... Por incrível que pareça eu gosto quando as crianças falam “Tia, me ajuda.”. Ah, eu gosto de ficar perto delas. Eu gosto quando ficam, **, num colégio lá perto de casa quando eu faço estágio, ficam umas cinco crianças em volta, **, e fora os em pé que não pode, **, e a professora até briga para eles sentar.

Juliana: Você é ajudante?

Laysa: Não nos estágios da escola mesmo. Quando manda, **, © eu fico, eu gosto.

Juliana: Nossa! A experiência no curso normal mudou o jeito de você ver a escola? Como?

Laysa: Mais ou menos. ©, muito pouco. Sei lá, eu não vejo muita diferença não.

Juliana: Do jeito que você via antes de entrar no curso normal para agora?

Laysa: É.

Juliana: E quais são as pessoas mais marcantes em sua trajetória no curso?

Laysa: Além das minhas amigas, alguns professores. Tem que falar o nome?

Juliana: Pode falar...

Laysa: Bota ©, Andréia Diniz, marco demais, tá ligado?

Juliana: Mas porque marcou?

Laysa: Porque marco. Ela ajudou muito, ela é **, por mais rígida que ela seja, ela explica bem pra caramba. Ela é mandada demais. E mais quem? Tem mais professores... Fala © gente! Esqueci. Tem Eliete também, ela é um amor de pessoa, gosto muito dela.

Juliana: Elas são professoras do curso normal?

Laysa: Eliete é.

Juliana: Andréia Também?

Laysa: Andréia é. E o professor Rafael. Porque o ano passado. E Neidemar!

Eneidemar marcou demais um ano, ¥. Ela é demais! Ela é muito cabeça!

Juliana: E na sua família tem alguém?

Laysa: Minha avó! Como sempre!

Juliana: E quais são suas expectativas profissionais e acadêmicas após concluir o curso?

Laysa: Ô, eu pretendo dar aula sim! Mas se aparecer alguma coisa para mim como

professora agora, eu quero dar aula ou pra alfabetização ou para pré-escola, **, jardim 1 ou 2, e continuar **, eu quero entrar numa faculdade ®? Mas a dúvida continua ou pedagogia ou letras. ®? (risos)

Juliana: E * você pretende seguir, então a carreira docente?

Laysa: Pretendo, muito.

Juliana: E o que mais te toca nessa profissão? O que mais é importante para você?

Laysa: ∞, fazer o aluno aprender. Sei lá, **, é ensinar.

Juliana: Agora vamos responder rápido. Uma marca do curso normal? Uma coisa que tenha marcado você no curso normal?

Laysa: Os professores. Todos! (riso)

Juliana: E um aspecto importante do curso?

Laysa: Os estágios!

Juliana: E um sentimento?

Laysa: Carinho...

Juliana: O Instituto de Educação Clélia Nanci?

Laysa: O que eu vou falar? ©, não é exploradora não. Vai, deu muito trabalho.

Juliana: Dinâmico talvez?

Laysa: Pode ser dinâmico... Incrível! Incrível, incrível! O IECN é Incrível! Só pode ser!

Juliana: Agora deixa eu te fazer uma pergunta, porque os estágios? Todo mundo fala dos estágios.

Laysa: Ah, porque é marcantes, **...

Juliana: O que vocês fazendo no estagio que é, **, marcantes?

Laysa: A gente vê **, como as professoras tratam as crianças. Sei lá, dependendo do colégio as crianças são muito carentes, tem criança que é muito carinhosa. Por isso que marca. Voce recebe muita carta, muito desenho. ©, fica isso...

Juliana: Laysa, muito obrigada, meninas...

Anexo 9 – Transcrição Danielle

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação - Pedagogia

3ª Transcrição entrevista com Danielle - revisado e com legenda.

Pesquisa Monográfica: *Experiências-Formadoras: Um olhar dirigido aos estudantes do Curso Normal do Instituto de Educação Clélia Nanci.*

Orientadora: Doutora Inês Ferreira de Souza Bragança

Pesquisadora: Juliana Godói de Miranda Perez

Identificação:

Nome: Danielle da S. Paulo Gomes Como deseja ser citado: Danielle

Realizada no dia: 26/10/2011

Legenda:	
Palavras:	Símbolos:
Então	*
Assim	**
Né	®
Entendeu	#
Ai	©
Â / Ah	∞

Danielle: ©, ©, eu to nervosa...

Juliana: Danielle, ta gravando, vou começar. Danielle, narre um pouco da escolha do curso normal, da sua trajetória ® até chegar ao curso normal e o que a levou a escolha do curso?

Danielle: Bom, é , **, eu terminei o ensino médio, ®, que eu fiz contabilidade no ano de 2000 eu terminei o ensino médio. ©, a minha irmã já era professora. ©, eu comecei a trabalhar com ela no último ano, no terceiro ano, eu comecei a trabalhar como ajudante dela. Eu era ajudante dela na turma da “alfá”, © eu comecei de ajudante. ©, eu comecei a gostar. Só que **, eu não tinha muito tempo para fazer o curso normal, por isso que eu fiz o de contabilidade e eu fiquei , ** também, porque tinha que usar essa sainha , ®? Só Jesus! ©, eu nunca, © , **, eu perdi também um pouco das esperanças de fazer o curso normal por isso. Mas eu fiz a contabilidade terminei. ©, fiquei trabalhando com minha irmã de ajudante e nesse período eu terminei os estudos e continuei nessa escolhinha, uma

escolhinha pequena. ©, fui ser ajudante fiquei 3anos lá, 4anos, como ajudante e peguei gosto. Só que **, eu precisava trabalhar, *, eu fui trabalhar de outra coisa como auxiliar de produção, sai totalmente da área da educação. Mas eu tinha vontade, porque minha irmã é uma excelente professora, * **, eu sempre me espelhei muito nela e depois que eu sai desse trabalho, esse trabalho de auxiliar de produção, eu falei “∞ que saber de um coisa...”, eu casei. ©, no primeiro ano de casada eu falei ”quer saber de uma coisa? Vou fazer o curso normal!”. Antes disso eu fiz enfermagem, fiz curso técnico de auxiliar de escritório, na microlins, ®, que tem vários cursos lá, isso tudo. ©, eu falei “quer saber de uma coisa? Eu vou fazer o curso normal! Vou estudar.” ©, meu marido “mas agora?”, © eu disse “Mas eu vou! Eu fiquei esperando tanto já to com 28 anos e é uma coisa que eu gosto que eu me identifico”, eu também dei aula na igreja para as crianças, * **, minhas aulas sempre foram muito legais, são sempre dinâmicas as crianças gostavam muito. Quer saber de uma coisa? Eu vou fazer curso normal! Entrei com a cara e a coragem! Descobri que não precisava usar saia tudo dia, ®, ©, me deu mais coisa **. ©, eu vim! **, gosto muito, gosto muito, gosto muito.

Juliana: E quais foram as experiências que mais te marcaram nesses quatro anos?

Danielle: Experiência, **, aqui... ∞ foram muitas... ©, as minhas aulas práticas, os seminários que a gente apresenta, dá um frio na barriga.... Isso daí não dá para esquecer, fica marcado.

Juliana: E o curso normal mudou o jeito de você ver a escola básica?

Danielle: Um pouco. Um pouco porque **, eu via de uma forma **, que, embora eu tivesse um pouquinho da experiência, ®, de tá na sala de aula, mas **, quando a gente passa a estudar ver, ** saber, saber mais se aprofundar mais no assunto. Eu acho que a gente passa a ver as coisas um pouco diferente.

Juliana: E quais são as pessoas mais marcantes nessa sua trajetória do curso normal?

Danielle: Olha, professora gosto muito, **, os professores que você tá dizendo?

Juliana: Professores, pessoas da sua família, amigos...

Danielle: BNom, aqui na escola, **, eu gostei muito, **, sempre me espelhei muito e aprendei muito com ela que foi Andréia Pessoa que era professora em abordagem da Alfabetização ano passado no terceiro ano. **, a mulher, sabe aquelas mulher muito inteligentes, **, ela passa uma segurança muito grande para o aluno, * **, muito bom! Agora nesse quarto ano, ®, que é a reta final, é Andréia Diniz que as meninas haviam comentado, é ** uma excelente professora, o Rafael também, ** é uma pessoa muito rica,

te da vontade até de você progredir, continuar, embora você não sinta aqui “INCENTIVO” **, são pessoas que você da pra você se espelhar.

Juliana: E na sua família tem alguém?

Danielle: ∞ na minha família tem a minha irmã, embora ela abandono, ®, abandono... abandono não é mais professora por ela se decepcionou, © se estressou e saiu. Eu falo “Garota!”, hoje ela trabalha de departamento de um mercado, ®, a parte de “DP” que um mercado, supermercado, e ta lá, nem pensa. Chegou a fazer faculdade, paro no quarto período de letras e saiu. Eu falo ”Menina seu lugar não é ©, é na sala de aula você é uma excelente professora.” “Não isso não é pra mim não!” “Pelo amor de Deus”, nossa ela é muito inteligente uma excelente professora 9 anos alfabetizando, 9 anos, abandono. Mas ** eu sempre me espelhei nela por que eu sei que ela é uma ótima professora, e o lugar dela está reservado e ela ta em outro lugar... (risos)

Juliana: E quais são as suas expectativas pra quando você sair daqui, Profissionais e acadêmicas, com a conclusão do curso?

Danielle: Eu quando sai daqui vou arrumar um empreguinho, ®, porque eu preciso, e eu gosto, * se eu escolhi isso...

Juliana: Na área da educação?

Danielle: Na área da educação, exatamente. Até mesmo no ano passado eu tive um professor de matemática que ele falou **, o Ricardo também muito **, fera de matemática, e ele falou ** pra gente “gente, olha só eu todo ano faço uma palestra para o primeiro ano pro primeiro ano saber o que realmente ele quer pra vida dele, ele quer prosseguir no curso normal ou se ele não quer...” porque o primeiro ano é a base ou você fica ou vai. Porque no segundo ano já começam as matérias específicas mesmo pro curso normal. E ele falou ** “o professor chega pra você e fala **, você não deu pra nada vai ser professor” © ele botou isso pra gente, peguei tipo ** não fique com isso não. ∞ você fez curso disso, curso daquilo não deu certo. © chega um individuo para você e fala “∞ você não deu pra nada ®? Vai ser professor!”. E ele sempre tocou nessa tecla não leve isso pra sua vida, se alguém chegar e falar isso pra você diga que é mentira, eu tenho que ficar no que eu me identifico, ®, no que eu me vejo. ∞ eu fiz curso de enfermagem, mas não é minha vida, não é minha praia, não me atrai, *, saí, ®. * eu vejo, eu me vejo dando aula você, adoro, vê o retorno. Você vai lá ensina a criança a primeira letrinha ele já vem você pergunta que letra? “A”. “A”? Que lindo! Adoro! Eu choro e tudo, acho muito emocionante. É um retorno que você vê. **, é muito gratificante. É gratificante.

Juliana: Você pretende, *, seguir a carreira docente?

Danielle: Pretendo, e pretendo fazer faculdade também! aquele probleminha ainda na decisão do quê, mas to resolvendo....

Juliana: E o que mais te toca na profissão docente?

Danielle: * eu acho que é isso ©. A gente ensinar e vê aquele retorno da criança de chegar “Poxa, tia aprendi aquilo ali!”, ou * fala “Poxa, gostei!”. É o retorno da criança mesmo, ®! **, poxa, você vê um pequenininho ensinou a ler ali daqui a pouco tá lá no ensino médio, poxa foi meu aluno!

Juliana: E você quer dar aula só pra criança ou para adulto também? Ou você gosta mas de dar aula para criança?

Danielle: É, eu prefiro educação infantil. Eu amo criancinha pequeninha, gosto muito e me dedico muito. Mas até a quarta série não tem problema não.

Juliana: E você acha que o curso normal também tem matérias específicas pra você trabalhar ** no primário?

Danielle: Tem! Tem, tem, tem, porque nós temos aula de “CDP” da educação infantil e ensino fundamental...

Juliana: Mas o curso em si você acha que é bem voltado para o ensino primário?

Danielle: Dá...

Juliana: Ou é mais amplo?

Danielle: É mais para o primário mesmo, ®, **. **, porque a gente tem ali aquelas matérias específicas para isso, *, **, eu acredito que da base para gente trabalhar. Tanto na alfabetização quanto no primário, **.

Juliana: Aquele jogo rápido:

Danielle: Tá! ©, meu Jesus!

Juliana: Uma marca do curso normal?

Danielle: Uma marca... Eu tinha pensado, mas já esqueci... ©, as minhas práticas... Minhas aulas práticas, cara a cara com o aluno e o professor ali, te olhando!

Juliana: Avaliação...

Danielle: Avaliação!!!

Juliana: E um aspecto importante do curso?

Danielle: Um aspecto importante... É... Um aspecto importante... Eu tinha falado... ∞, os estágios ®!? A gente passa por eles...

Juliana: E o sentimento do curso? Você que é tão apaixonada...

Danielle: Um sentimento... Um sentimento... O amor, carinho.

Juliana: E o Instituto de Educação?

Danielle: Garra, determinação, disposição! (risos)

Juliana: Danielle, muito obrigada. Muito obrigada mesmo.

Anexo 10 – Transcrição Jhennifer

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação - Pedagogia

4ª Transcrição entrevista com Jhennifer - revisado e com legenda.

Pesquisa Monográfica: *Experiências-Formadoras: Um olhar dirigido aos estudantes do Curso Normal do Instituto de Educação Clélia Nanci.*

Pesquisadora: Juliana Godói de Miranda Perez

Identificação:

Nome: Jhennifer Lohanna Ribeiro Ferreira Como deseja ser citado: Jhennifer

Realizada no dia: 26/10/2011

Legenda:	
Palavras:	Símbolos:
Então	*
Assim	**
Né	®
Entendeu	#
Ai	©
Â / Ah	∞
Pô	£
Caraca	¥

Juliana: Jhennifer narre um pouco da sua escolha do curso normal, ®, da sua carreira e o que te levou a escolha desse curso.

Jhennifer: **, minha mãe trabalhou aqui um tempo atrás, há um tempo bem tempo mesmo. (risos) ©, ela trabalhando aqui ele tinha direito de botar os filhos dela para estudar aqui. Eu fui a única, dos meus três irmão, que estuda aqui ate hoje e estou desde o primeiro período. Todos os meus irmãos estudaram até a educação infantil toda em colégio particular.

Juliana: Você ta aqui desde o primeiro período? Desde o ensino primário

Jehnnifer: É desde o primeiro período tudo. Terceiro período mesmo que hoje em existe mais agora já é da primeira série. E ©, minha mãe me colocou aqui e eu continuei todos os meus irmãos, um irmão meu foi expulso, teve um que repetiu a

oitava ©, eu tava na sétima ele tava na oitava, repetiu © ele ia ficar na mesma sala que eu, ©, ele saiu da escola, não terminou o ensino médio. Tem um outro que estudou aqui, ele optou por fazer um curso técnico, mas também parou no terceiro ano e não concluiu. *, eu daqui a dois meses da minha casa, vou ser a única a me formar no ensino médio. Eu com formação de professores porque meus irmãos não se formaram. ©, eu fui e prossegui aqui na escola e tinha uma amiga minha que estudou comigo desde o primeiro período até o segundo ano. E **, na oitava serie a gente ficava pensando **, porque a gente era muito unida mesmo, a gente era muito unida, a gente decidiu se ia continuar ou se a gente ia sair. ©, a gente já foi fazer o primeiro ano pra gente depois decidir o que ia fazer. ©, a gente decidiu fazer o primeiro ano e © a gente se apaixonou pelo curso, pelos professores e tal, e resolvemos continuar. ©, **, no segundo ano a gente continuou, © no caso foram 14anos estudando juntas. ©, a gente decidiu que ia para de manhã, todo mundo falava que o curso de manhã era melhor, ©, ele trabalha no Shalon, ela ia arranjar um emprego para mim lá também, ela me falou Jhennifer dá a sua ficha que ela ia trabalhar a tarde e a gente estudava de manhã. ©, ela mudou no serviço dela para ir de manhã que © não deu pra eu pegar e trabalhar à tarde. E eu continuei a tarde e ela foi para de manhã com essa confusão a gente saiu foi uma das

Juliana: Sua amiga da gincana³¹?

Jehnnifer: Isso! ©, ela pegou foi para de manhã e eu peguei e perdi o contato. **, a gente ainda conversa hoje, mas não é a mesma coisa. Essa semana a gente tava até conversando pelo fato que a gente fala que uma completava a outra. A gente fazia trabalho **, de qualquer professor tinha que dar aula, tinha que inventar uma aula, a gente falava ela “Não você é muito burra. olha o que você ta fazendo! Que idiotice, Jessica! É ** que a gente vai dar aula para criancinhas?” ©, eu fala qualquer coisinha e saia a coisa mais ilógica! A gente juntava a maluquice de uma a com a outra e sempre saia maluquices **! A gente sempre tirava notão, a gente falava que uma completava a outra... E © eu continuei e me apaixonei pelo curso.

Juliana: e quais foram as experiências mais marcantes nesses quatro anos?

Jhennifer: ∞, tem tantas! Tem umas que ** não foi uma história marcante, mas que

³¹ A referida gincana denominada I primeira gincana cultural do IECN: Sua memória vale uma história em 2010, contou com a participação da comunidade escolar e um das ganhadoras foi a entrevistada Jhennifer. A mesma foi realizada pela pesquisa: *Formação de professores e docência em São Gonçalo: Narrativas, Memórias e Saberes*, orientado pela professora Inês Ferreira de S. Bragança, articulado com o mesmo evento realizado pelo Núcleo Vozes da Educação na faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

marcou muito foi um dia que eu preendi o dedo na grade num buraco enorme! **, se depois você puder ir lá no parquinho você vai ver, o cara quadrado naquela grade daquele tenho e eu consegui prender o dedo ali. E eu peguei e falei para ela: “Jessica meu dedo ficou preso!” eu parei e encostei **, ela “como que você prendeu o dedo ©?” ©, ela começou a puxar meu braço eu quase fiquei sem dedo. E aquilo ali foi tão engraçado porque ela saiu pela história gritando que a amiga dela tava com o dedo preso. E aquilo foi uma coisa tão engraçada que ela chamou os outros **. ©, eu consegui tirar, foi bem engraçado, foi uma experiência que. Fora que eu caia saozinha na escola ®.

Juliana: E na prática **, em sala de aula, tem alguma pratica que te marcou? Algum trabalho alguma coisa **?

Jhennifer: Prática **, na sala de aula que me marcou...

Juliana: Em um estágio...

Jehnnifer: Que eu me lembre... Não. Que eu me lembre não...

Juliana: Mais a convivência ®?

Jehnnifer: É, mais a convivência com os alunos, as perguntas ** que você para e fica ”garoto da onde você tirou isso?” “você torou essa pergunta da onde?” © você tem que responder... Mais isso.

Juliana: E quais são as pessoas mais marcantes na sua trajetória de curso normal? Nesse período.

Jhennifer: Essa minha amiga Jessica que foi ela hoje não estuda mais com a gente a gente não estuda mais juntas, mas marco muito **, todas as minhas histórias, eu guardo muito as provas de teste, tem prova de teste da quinta serie lá em casa, e ** quando tinha dupla tinha que ta lá Jhennifer e Jessica, Jhennifer e Jessica, e ela sempre foi um numero antes do meu, * **, 19,20, 12,13. É uma das pessoas que marcaram muito. Â, e os professores aqui que não tem como esquecer. O professor de matemática, Sônia. Professora Lesli, ela deu aula para gente pouco tempo de inglês depois ela foi para os Estados Unidos. Professor Rafael, Andréia Diniz, professores que você não tem, **, o que discutir com eles nasceram apara dar aula, não tem como tirá-los e colocar em outro lugar porque nasceram para dar aula, são professores excelentes!

Juliana: E quais são suas expectativas para depois do curso normal, quando acabar aqui?

Jhennifer: Eu tenho...

Juliana: Profissionais e acadêmicas...

Jhennifer: Eu to com uma grande dúvida. Há um tempo atrás, essa minha amiga, a gente falava que ia fazer biologia marinha, ©, a gente desistiu. Como os professores vendo ** Andréia Diniz, o professor Rafael, são professores formados em pedagogia e explica muito bem e amam muito o que fazem, eu fiquei em duvida em fazer pedagogia, só que eu tenho uma paixão muito grande por política te mesmo a Clélia Nanci me proporcionou isso. Tem um projeto que é par as escolas estaduais, que é o parlamento juvenil, onde você... É uma escola de democracia, você faz um projeto de lei e você representa o seu município concorre com outras escolas. E eu não só fui representar o Clélia Nanci como São Gonçalo, como outros parlamentares representando seus municípios. De 92 municípios eu fiquei entre os quarenta e **, eu tenho uma coisa muito grande com sociologia de estudar a sociedade, e o direito também. * são três faculdades que eu fico indecisa entre pedagogia, ciências sociais ou direito.

Juliana: Nossa!

Jhennifer: Mas os três que eu quero fazer são a minha paixão. Que são coisas que estudam E eu gosto muito.

Juliana: E você pretende seguir a carreira docente?

Jhennifer: Sim, mas é ensino médio. Com criança... Eu gosto muito de coisa com criança, mas eu gosto de como eu falei, da parte de sociologia e essa coisa de questionar e eu acho que no ensino médio isso tem muito. Os jovens, ** como eu, estão muito a flor da pele querendo questionar Deus e o mundo, * eu acho que vou me dar bem ** como eles porque eu gosto muito disso.

Juliana: E o que mais te toca na profissão docente?

Jhennifer: A vivência dos alunos, a convivência todos dias **, com cada um tem umas histórias **. Teve um que eu falei que eu não lembrava de uma experiência, mas teve uma vez que a gente foi fazer estágio a chegando lá minha amiga **, choro na sala. Porque a menina tava fazendo o dever © ela perguntou ** “â por que você não fez o dever de casa?” a professora tava brigando com ela depois a minha amiga foi conversar com ela, ela “tia, eu não tenho lápis não por isso que eu não fiz o dever.”. E **, minha amiga pego e olhou ** “Jhennifer, meu estojo cheio de lápis, cheio de borracha eu tive que dar umazinha para ela” e ela falou chorando. Ela tava

contand uma história que o tio dela tinha sido preso e a confusão que tava na casa dela, e **, era uma aluna da primeira série! A confusão que tava na casa dela para a mãe dela nem perceber que ela não tinha feito o dever e nem tinha um lápis, #? *, ** foi uma das coisas que mais marcaram.

Juliana: E agora aquela rapidinha. E uma marca do curso normal:

Jhennifer: Pra mim ou, **, a nível do curso mesmo?

Juliana: Do curso, pra você, os dois...

Jhennifer: Pra mim é a amizade **, eu acho que a gente se desenvolve no coletivo * se você não tiver amizade se você não conseguir trabalhar em conjunto, você pode sair do curso normal, professor não é a sua vida. Porque se você não conseguir trabalhar em conjunto, não que você não possa ter sua opinião própria claro, mas se você não souber dividir isso, trabalhar em conjunto, aceitar a opinião, **, mudar a opinião não adianta . Acho que trabalhar em equipe é uma marca do Clélia Nanci.

Juliana: e um aspecto importante do curso?

Jhennifer: Um aspecto importante do curso são os estágios. São os estágios que você tem a certeza ou desiste de vez. Ou eu quero ser professora ou não. A carga horária dos estágios é uma coisa bem excessiva é muito grande, para uns se torna até normal para outros se torna um pouco cansativo, mas é uma coisa que marca ** no curso normal são os estágios e as aulas praticas é claro. Porque no estágio você ta lá observando tudo, e já na aula pratica os professores te observam e diz os pontos que pode melhor, ou o que você ta bom. Igual a primeira aula que eu dei o professor foi e elogiou, agora a segunda aula que eu dei o professor ate perguntou se, eu trabalhei um certo tempo no colégio, © ele perguntou que a minha expressão com os alunos era totalmente diferente das meninas, eu tinha **, até o jeito de olhar apara os alunos. Eu fiquei, gente, eu olhei normal para os alunos. Mas ele como professor me avaliado falou que até o jeito de eu olhar apara os alunos era diferente.

Juliana: Nossa! E um sentimento do curso?

Jhennifer: Amor, amizade, pelas pessoas...

Juliana: E o Instituto de educação para você?

Jhennifer: Ah eu tenho uma vida, minha vida aqui dentro. Às vezes as pessoas perguntam “quanto tempo você estuda no Clélia Nanci?” 16anos. “Como **? Eu to perguntando quanto tempo você estuda no Clélia Nanci”. *, 16 anos, eu estudo há 16 anos. Desde o primeiro período. Tem duas meninas na minha sala que estudam a 16

anos na mesma sala comigo, * são 16 anos juntas. Que teve a Jessica que foi para de manhã, mas teve mais duas que continuaram desde a época do primeiro período juntas, que são as duas Bias a Beatriz Varela e Beatriz Aguiar. E têm outros como Diego como a biazinha que estudam com a gente desde a segunda série tudo na mesma sala.

Juliana: Ou seja, um grande grupo...

Jhennifer: Tem umas sete pessoas aqui que devem estudar no mínimo a 7 anos juntas, no mínimo.

Juliana: Isso aqui *, para você é tudo!

Jhennifer: É, minha Vida! Ao mesmo tempo que esse ano a gente quer acabar logo, ¥, ano que vem o que eu vou fazer? Não tem escola mais... Mas ao mesmo tempo é uma sensação muito gostosa eu vivi a minha vida aqui dentro. Eu já vi funcionários aqui, enfim eu já fui a enterro de funcionário daqui, pessoas que encontro na rua e falam “você estuda no Clélia Nanci, ®?” “É, estudo”. Minha mãe trabalho aqui, meu irmão estudaram aqui um fui expulso outro não estuda mais. *, o Clélia Nanci é minha Vida! É, coisas que eu fiz na minha vida, que foi para representar a escola como o parlamento juvenil, um ótimo crescimento. Professores que eu conheci aqui a história deles, o jeito deles ensinar, o amor pela profissão, por mais que eu dia eu não vá prosseguir deu a louca na chapeuzinho e eu não vou ser professora, mas que eles pegaram e me ensinaram muita coisa. Tudo que eu sei fazer, tenha amor pelo que você faz. ¥, o amor pelo estudo eu aprendi aqui, tudo. O Clélia Nanci é demais! Tem algumas falhas algumas coisinhas **, mas...

Juliana: Normal...

Jhennifer: Depois que você começa a estudar e vê, **, Andréia Diniz, e vê lá nas entrelinhas você vê algumas falhas aqui na escola. mas nada é perfeito. Mas é um amor muito grande pela escola.

Juliana: Nossa, muito obrigada mesmo. Foi muito importante a sua entrevista, você não tem idéia. Você ia ficar quietinha lá e não ia me contar todos os detalhes importantes.

Anexo 11 – Análise de conteúdo das entrevistas.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação - Pedagogia

Análise de Conteúdo Horizontal

Pesquisa Monográfica: *Experiências-Formadoras:*

um olhar dirigido aos estudantes do Curso Normal do Instituto de Educação Clélia

Nanci.

Orientadora: Inês Ferreira de Souza Bragança

Pesquisadora: Juliana Godói de Miranda Perez

	Estudantes:			
Categorias	Fernanda	Laysa	Danielle	Jhennifer
Trajetória de formação e Escolha do curso normal	o que me levou a escolha é **. Porque quando eu era pequena eu gostava muito de brincar de ser professora. E **o que me motivou também, porque eu tenho na família minha madrinha, que ela é professora. * desde pequena era o convívio	“Bom, o que me levou a escolher o curso, foi, **, começou meio confuso porque eu não queria depois com um tempo ** com a visita que a gente fez no primeiro ano no colégio e comecei a gostar. **, com esses negócios de estagio eu queria continuar e minha avó também foi professora, ©, mais um objetivo.”	“bom, é , **, eu terminei o ensino médio, ®, que eu fiz contabilidade no ano de 2000 eu terminei o ensino médio. ©, a minha irmã já era professora. ©, eu comecei a trabalhar com ela no ultimo ano, no terceiro ano, eu comecei a trabalhar como ajudante dela. Eu era ajudante	“minha mãe trabalhou aqui um tempo atrás, há um tempo bem tempo mesmo. (risos) ©, ela trabalhando aqui ele tinha direito de botar os filhos dela para estudar aqui. Eu fui a única, dos meus três irmão, que estuda aqui ate hoje e estou desde o primeiro período. Todos os meus irmãos estudaram até a educação infantil toda em

	com ela **, como ela dava aula, porque as vezes eu ia para a escola com ela, ** ela corrigia prova eu tava sempre com ela. Eu estava sempre com ela, na casa dela em todos os momentos. * eu via ela corrigir prova, fazer trabalho pros seus alunos e eu fui gostando. Ai quando chegou na quarta serie a minha mãe me colocou aqui no curso normal, eu estudei da quarta até o quarto ano, sabia que ia fazer formação de professores, e o que me		dela na turma da “alfa”, © eu comecei de ajudante. ©, eu comecei a gostar. Só que **, eu não tinha muito tempo para fazer o curso normal, por isso que eu fiz o de contabilidade e eu fiquei , ** também, porque tinha que usar essa sainha , ®? Só Jesus! ©, eu nunca, © , **, eu perdi também um pouco das esperanças de fazer o curso normal por isso. Mas eu fiz a contabilidade terminei. ©, fiquei trabalhando com minha irmã de ajudante e nesse período eu terminei os	colégio particular. ” “é desde o primeiro período tudo. Terceiro período mesmo que hoje em existe mais agora já é da primeira serie. E ©, minha mãe me colocou aqui e eu continuei, todos os meus irmãos, um irmão meu foi expulso, teve um que repetiu a oitava ©, eu tava na sétima ele tava na oitava, repetiu © ele ia ficar na mesma sala que eu, ©, ele saiu da escola, não terminou o ensino médio. Tem um outro que estudou aqui, ele optou por fazer um curso técnico, mas também parou no terceiro ano e não concluiu. *, eu daqui a dois meses
--	--	--	---	--

	levou mais a gostar foi quando eu cheguei no terceiro ano que eu realmente sabia que era isso que eu queria. é, **, mais no terceiro ano. por isso que eu falei com você que realmente no terceiro ano eu tive aquela certeza que eu queria ser professora		estudos e continuei nessa escolhinha, uma escolhinha pequena. ©, fui ser ajudante fiquei 3anos lá, 4anos, como ajudante e peguei gosto. Só que **, eu precisava trabalhar, *, eu fui trabalhar de outra coisa como auxiliar de produção, s© totalmente da área da educação. Mas eu tinha vontade, porque minha irmã é uma excelente professora, * **, eu sempre me espelhei muito nela e depois que eu s© desse trabalho, esse trabalho de auxiliar de produção, eu	da minha casa, vou ser a única a me formar no ensino médio. Eu com formação de professores porque meus irmãos não se formaram. ©, eu fui e prossegui aqui na escola e tinha uma amiga minha que estudou comigo desde o primeiro período até o segundo ano. e **, na oitava serie a gente ficava pensando **, porque a gente era muito unida mesmo, a gente era muito unida, a gente decidiu se ia continuar ou se a gente ia sair. ©, a gente já foi fazer o primeiro ano pra gente depois decidir o que ia fazer. ©, a gente decidiu fazer o primeiro ano e © a gente se apaixonou
--	--	--	--	--

			falei “∞ que saber de um coisa...”, eu casei. ©, no primeiro ano de casada eu falei “quer saber de uma coisa? Vou fazer o curso normal!”. antes disso eu fiz enfermagem, fiz curso técnico de auxiliar de escritório, na microlins, ®, que tem vários cursos lá, isso tudo. ©, eu falei “quer saber de uma coisa? Eu vou fazer o curso normal! Vou estudar.” ©, meu marido “mas agora?”, © eu disse”Mas eu vou! Eu fiquei esperando tanto já to com 28 anos e é uma coisa que eu gosto que eu me	pelo curso, pelos professores e tal, e resolvemos continuar. ©, **, no segundo ano a gente continuou, © no caso foram 14anos estudando juntas. ©, a gente decidiu que ia para de manhã, todo mundo falava que o curso de manhã era melhor, ©, ele trabalha no Shalon, ela ia arranjar um emprego para mim lá também”
--	--	--	--	---

			identifico”, eu também dei aula na igreja para as crianças, * **, minhas aulas sempre foram muito legais, são sempre dinâmicas as crianças gostavam muito. Quer saber de uma coisa? Eu vou fazer curso normal! Entrei com a cara e a coragem! Descobri que não precisava usar saia tudo dia, ®, ©, me deu mais coisa **.	
Experiências-formadoras	“: as experiências?.. . Os estágios. (..)é porque cada hora que você vai estagiar em	“os estágios! (...)muito legal, sei lá, eu gosto de... Por incrível que pareça eu gosto quando as crianças falam “Tia, me	“experiência, **, aqui... ∞ foram muitas... ©, as minhas aulas práticas, os seminários que a gente	“tem tantas!” “prática **, na sala de aula que me marcou...” “é, mais a convivência com os alunos, as

cada momento, são pessoas diferentes, são alunos diferentes e você acaba, **, vivendo experiências diferentes. Estágios e os trabalhos também. ”	ajuda.”. ah, eu gosto de ficar perto delas. Eu gosto quando ficam, **, num colégio la perto de casa quando eu faço estágio, ficam umas cinco crianças em volta, **, e fora os em pé que não pode, **, e a professora até briga para eles sentar. ” “J: porque os estágios? Todo mundo fala dos estágios. L: ah, porque é marcantes, **... (...)a gente vê **, como as professoras tratam as crianças. Sei lá, dependendo do colégio as crianças são muito carentes, tem criança que é muito carinhosa. Por isso que marca. Você recebe muita carta, muito	apresenta, dá um frio na barriga.... Isso daí não dá para esquecer, fica marcado.(...) um pouco. Um pouco porque, **, eu via de uma forma **, que, embora eu tivesse um pouquinho da experiência, ®, de tá na sala de aula, mas **, quando a gente passa a estudar ver, ** saber, saber mais se aprofundar mais no assunto. Eu acho que a gente passa a ver as coisas um pouco diferente.” “as minhas práticas... minhas aulas práticas, cara a cara com o aluno e o professor ali, te	perguntas ** que você para e fica ”garoto da onde você tirou isso?” “você torou essa pergunta da onde?” © você tem que responder... Mais isso.” “só que eu tenho uma paixão muito grande por política te mesmo a Clélia Nanci me proporcionou isso. Tem um projeto que é par as escolas estaduais, que é o parlamento juvenil, onde você... é uma escola de democracia, você faz um projeto de lei e você representa o seu município concorre com outras escolas. E eu não só fui representar o Clélia Nanci como São Gonçalo, como outros parlamentares
---	---	--	--

		desenho. ©, fica isso...”	olhando! (...)um aspecto importante... É... Um aspecto importante... Eu tinha falado... ∞, os estágios ®!? A gente passa por eles...”	representando seus municípios. De 92 municípios eu fiquei entre os quarenta e **,” “Teve um que eu falei que eu não lembrava de uma experiência, mas teve uma vez que a gente foi fazer estágio a chegando lá minha amiga **, choro na sala. porque a menina tava fazendo o dever © ela perguntou ** “â por que você não fez o dever de casa?” a professora tava brigando com ela depois a minha amiga foi conversar com ela, ela “tia, eu não tenho lápis não por isso que eu não fiz o dever.”. e **, minha amiga pego e olhou ** “Jhennifer, meu estou cheio de lápis, cheio de
--	--	--------------------------------------	--	---

				borracha eu tive que dar umazinha para ela” e ela falou chorando. Ela tava contando uma história que o tio dela tinha sido preso e a confusão que tava na casa dela, e **, era uma aluna da primeira série! A confusão que tava na casa dela para a mãe dela nem perceber que ela não tinha feito o dever e nem tinha um lápis, #? *, ** foi uma das coisas que mais marcaram.” “um aspecto importante do curso são os estágios. São os estágios que você tem a certeza ou desiste de vez. Ou eu quero ser professora ou não. A carga horária dos estágios é uma coisa bem
--	--	--	--	--

				excessiva é muito grande, para uns se torna até normal para outros se torna um pouco cansativo, mas é uma coisa que marca ** no curso normal são os estágios e as aulas praticas é claro. Porque no estágio você ta lá observando tudo, e já na aula pratica os professores te observam e diz os pontos que pode melhor, ou o que você ta bom.” “pessoas que encontro na rua e falam “ você estuda no Clélia Nanci, ®?” “É, estudo”. Minha mãe trabalho aqui, meu irmão estudaram aqui um fui expulso outro não estuda mais. *, o Clélia Nanci é minha Vida! É,
--	--	--	--	---

				coisas que eu fiz na minha vida, que foi para representar a escola como o parlamento juvenil, um ótimo crescimento. Professores que eu conheci aqui a história deles, o jeito deles ensinar, o amor pela profissão, por mais que eu dia eu não vá prosseguir deu a louca na chapeuzinho e eu não vou ser professora, mas que eles pegaram e me ensinaram muita coisa. Tudo que eu sei fazer, tenha amor pelo que você faz. ¥, o amor pelo estudo eu aprendi aqui, tudo.”
Relacionad o à docência	“F: mas sabia que, ** era algo que... J: que você desejava?	“J: Nossa. A experiência no curso normal mudou o jeito de você ver a escola?	“que ele falou **, o Ricardo também muito **, fera de matemática, e	“Com criança... Eu gosto muito de coisa com criança, mas eu gosto de como eu falei, da

	F: è! Já despertava por mostrar quando eu era pequena.” “De Ed. Infantil. E é realmente o que eu quero seguir, porque eu quero dar aula para a Educação Infantil.” “um aspecto importante é saber que eu posso ser mediador de conhecimento para outras pessoas.”	Como? L: Mais ou menos. ©, muito pouco. Sei lá, eu não vejo muita diferença não. J: do jeito que você via antes de entrar no curso normal para agora? L: é.” “∞, fazer o aluno aprender. Sei lá, **, é ensinar.”	ele falou ** pra gente “gente, olha só eu todo ano faço uma palestra para o primeiro ano pro primeiro ano saber o que realmente ele quer pra vida dele, ele quer prosseguir no curso normal ou se ele não quer...” porque o primeiro ano é a base ou você fica ou vai. Porque no segundo ano já começam as matérias específicas mesmo pro curso normal. E ele falou ** “o professor chega pra você e fala **, você não deu pra nada vai ser professor” © ele botou isso pra gente, peguei	parte de sociologia e essa coisa de questionar e eu acho que no ensino médio isso tem muito. Os jovens, ** como eu, estão muito a flor da pele querendo questionar Deus e o mundo, * eu acho que vou me dar bem ** como eles porque eu gosto muito disso. Juliana: e o que mais te toca na profissão docente? Jhennifer: a vivência dos alunos, a convivência todos dias **, com cada um tem umas histórias **.”
--	--	---	--	---

			tipo ** não fique com isso não. ∞ você fez curso disso, curso daquilo não deu certo. © chega um indivíduo para você e fala “∞ você não deu pra nada ®? v© ser professor!”. E ele sempre tocou nessa tecla não leve isso pra sua vida, se alguém chegar e falar isso pra você diga que é mentira, eu tenho que ficar no que eu me identifico, ®, no que eu me vejo. ∞ eu fiz curso de enfermagem, mas não é minha vida, não é minha praia, não me atrai, *, saí, ®. * eu vejo, eu me vejo dando	
--	--	--	---	--

			aula, adoro, você vê o retorno. Você vai lá ensina a criança a primeira letrinha ele já vem você pergunta que letra? “A”. “A”? Que lindo! Adoro! Eu choro e tudo, acho muito emocionante. É um retorno que você vê. **, é muito gratificante. É gratificante.”	
Projeções Futuras	“Eu vou fazer faculdade de pedagogia. Pretendo ser pedagoga. Porque ** eu gosto da profissão e a pedagogia é uma área muito ampla. Você não se limita a ficar só na sala de	“Ô, eu pretendo dar aula sim! Mas se aparecer alguma coisa para mim como professora agora, eu quero dar aula ou pra alfabetização ou para pré-escola, **, jardim 1 ou 2, e continuar **, eu quero entrar numa faculdade ®? Mas a dúvida continua	“D: eu quando s© daqui vou arrumar um empreguinho, ®, porque eu preciso, e eu gosto, * se eu escolhi isso... J: na área da educação? D: na área da educação, exatamente.”	“eu to com uma grande duvida. Há um tempo atrás, essa minha amiga, a gente falava que ia fazer biologia marinha, ©, a gente desistiu. Como os professores vendo ** Andréia Diniz, o professor Rafael, são professores formados em pedagogia e explica

	aula. Pode trabalhar, como eu penso, dar aula para a educação infantil e progredindo aos poucos, ser pedagoga. E ** até ser diretora e abrir uma escola.” “tentar o vestibular e tentar uma universidade.” “não, ** o que acontece. Eu vou para a Universo³² o ano que vêm, já no primeiro semestre eu já vou entrar, e vou fazer pedagogia. Só que quando chegar ** eu vou tentar pré-vestibular e vou tentar para	ou pedagogia ou letras. (...)pretendo, muito. ”		muito bem e amam muito o que fazem, eu fiquei em duvida em fazer pedagogia, (...)eu tenho uma coisa muito grande com sociologia de estudar a sociedade, e o direito também. * são três faculdades que eu fico indecisa entre pedagogia, ciências sociais ou direito. Juliana: Nossa! Jhennifer: mas os três que eu quero fazer são a minha paixão. Que são coisas que estudam e eu gosto muito. Juliana: e você pretende seguir a carreira docente? Jhennifer: sim, mas é ensino médio.” “”
--	---	---	--	---

³² Instituição de Ensino Superior da rede particular.

	a publica no próximo ano, ai eu faço aproveitamento das matérias para pedagogia. Mas eu penso em fazer direto depois da pedagogia.”			
Conceituações	“De certa forma sim. Em dizer que a gente pode trabalhar de varias maneiras, usar de varias praticas. Ensinar os alunos de varias maneiras porque quando a gente pensa em escola pensa que é aquilo, ah é tenho que ensinar meus alunos tem que apreender e se		“abandono não é mais professora por ela se decepcionou, © se estressou e saiu. Eu falo “Garota!”, hoje ela trabalha de departamento de um mercado, ®, a parte de DP que um mercado, supermercado, e ta lá, nem pensa. Chegou a fazer faculdade, paro no quarto período de letras e saiu. Eu falo ”Menina seu lugar não é ©, é	“eu acho que a gente se desenvolve no coletivo * se você não tiver amizade se você não conseguir trabalhar em conjunto, você pode sair do curso normal, professor não é a sua vida. Porque se você não conseguir trabalhar em conjunto, não que você não possa ter sua opinião própria claro, mas se você não souber dividir isso, trabalhar em conjunto, aceitar a opinião, **, mudar

	resume nisso, mas não. A gente sabe que pode fazer a escola diferente, # Mudar.” “desde o terceiro ano mais isso que ta entrando em foco. Eles até deixaram um pouco de certa forma, eu fico meio assim, digo que fico meio desprovida, porque educação infantil é o que eu realmente quero. E eu vejo que o curso para educação infantil oferece muito pouco. Eu queria mais #.” “ah, é saber que, como eu		na sala de aula você é uma excelente professora.” “Não isso não é pra mim não!” “Pelo amor de Deus”, nossa ela é muito inteligente uma excelente professora 9 anos alfabetizando, 9 anos, abandono.” “A gente ensinar e vê aquele retorno da criança de chegar “Poxa, tia aprendi aquilo ali!”, ou * fala “Poxa, gostei!”. É o retorno da criança mesmo, ®! **, poxa, você vê um pequenininho ensinou a ler ali daqui a pouco ta lá no ensino	a opinião não adianta . acho que trabalhar em equipe é uma marca do Clélia Nanci.”
--	--	--	---	---

	falei, por eu gostar da educação infantil, é saber que eu posso ta ensinando, **, ensinando as crianças e aprendendo com eles. Porque agente não só ensina a gente também aprende. E Poxa, eu vou estar fazendo isso com os pequenos ensinar eles desde criança, #. Isso é muito bom é gratificante.” “J :Você acredita que as crianças podem fazer uma transformação futuramente? F: Sim, porque tudo tem que		médio, poxa foi meu aluno! J: e você quer dar aula só pra criança ou para adulto também? Ou você gosta mas de dar aula para criança? D: é, eu prefiro educação infantil. Eu amo criancinha pequeninha, gosto muito e me dedico muito. Mas até a quarta série não tem problema não. ”	
--	---	--	---	--

	começar de pequeno, agente tem que ensinar de pequeno. E eu acho que, **, eu me identifico na educação infantil, que eu posso ensinar para eles. Tentar entendeu?! Como que eu posso dizer... Tentar transformar! (...)**, na maneira, ajudar na maneira de pensar, nas atitudes. J: dar opções ®? F: ** ser, como que fala? ser um mediador do conhecimento. ”			
Pessoas	“é. Por eu ver	“ L: além das	“D: olha,	“minha amiga

importantes	a minha madrinha ter essa motivação na família e conviver com um pouco, **, de tudo. Eu comecei a gostar.” “Porque pela minha professora Andrea Pessoa, * ela passava muitos trabalhos*, aquele esforço aquela dedicação acabou me ajudando a entender que era isso que eu queria. “ “J: quais são as pessoas que mais marcaram essa sua trajetória no curso normal? F: a minha	minhas amigas, alguns professores. Tem que falar o nome? J: pode falar... L: Bota ©, Andréia Diniz, marco demais, tá ligado? J: Mas porque marcou? L: porque marco. Ela ajudou muito, ela é **, por mais rígida que ela seja, ela explica bem pra caramba. Ela é mandada demais. E mais quem? Tem mais professores... Fala © gente! Esqueci. Tem Eliete também, ela é um amor de pessoa, gosto muito dela. J: elas são professoras do curso normal? L=: Eliete é. J: Andréia Também? L: Andréia é. E o	professora gosto muito, **, os professores que você tá dizendo? J: professores, pessoas da sua família, amigos... D: bom, aqui na escola, **, eu gostei muito, **, sempre me espelhei muito e aprendei muito com ela que foi Andréia Pessoa que era professora em abordagem da Alfabetização ano passado no terceiro ano. **, a mulher, sabe aquelas mulher muito inteligentes, **, ela passa uma segurança muito grande para o aluno, * **, muito bom! Agora nesse quarto ano, ®,	Jessica que foi ela hoje não estuda mais com a gente a gente não estuda mais juntas, mas marco muito **, todas as minhas histórias, eu guardo muito as provas de teste , tem prova de teste da quinta série lá em casa, e ** quando tinha dupla tinha que tá lá Jhennifer e Jessica, Jhennifer e Jessica, e ela sempre foi um numero antes do meu, * **, 19,20, 12,13. É uma das pessoas que marcaram muito. Â, e os professores aqui que não tem como esquecer. O professor de matemática, Sonia, professora lesli, ela deu aula para gente pouco tempo de inglês depois ela foi para os Estados Unidos. Professor
-------------	--	---	---	--

	madrinha como eu falei, Fabíola que me motivou por ela ser professora, a minha mãe que me colocou aqui na escola na quarta serie” “E minha tia Adriana que foi minha professora da alfabetização. Que até hoje me ajuda com trabalho do curso normal, que eu tenho contato.” “ A Andréia Pessoa. e eu gosto muito de, da professora também, Tatiana”	professor Rafael. Porque o ano passado. E Neide Mar! Eneide Mar marcou demais um ano, ¥. Ela é demais! Ela é muito cabeça! J: e na sua família tem alguém? L: minha avó! Como sempre!” “: os professores. Todos”	que é a reta final, é Andréia Diniz que as meninas haviam comentado, é ** uma excelente professora, o Rafael também, ** é uma pessoa muito rica, te da vontade até de você progredir, continuar, embora você não sinta aqui “INCENIVO” **, são pessoas que você da pra você se espelhar. J: e na sua família tem alguém? Danielle: ∞ na minha família tem a minha irmã, embora ela abandono, ®, abandono... (...)Mas ** eu sempre me espelhei nela por que eu sei que	Rafael, Andréia Diniz, professores que você não tem, **, o que discutir com eles nasceram para dar aula, não tem como tirá-los e colocar em outro lugar porque nasceram para dar aula, são professores excelentes!”
--	---	--	---	--

			ela é uma ótima professora, e o lugar dela está reservado e ela ta em outro lugar... (risos)” “Ate mesmo no ano passado eu tive um professor de matemática”	
--	--	--	---	--

IECN	“J: Instituto de Educação representa? O Instituto em uma palavra... F: o Instituto... Experiência”	“J: o Instituto de Educação Clélia Nanci? L: o que eu vou falar? ©, não é exploradora não. Vai, deu muito trabalho. J: dinâmico talvez? L: pode ser dinâmico... Incrível! Incrível, incrível! O IECN é Incrível! Só pode ser!”	“J: e você acha que o curso normal também tem matérias específicas pra você trabalhar ** no primário? D: tem! Tem, tem, tem, porque nós temos aula de CDP da educação infantil e ensino fundamental... J: Mas o curso em si você acha que é bem voltado para o ensino primário? D: dá.. J: ou é mais amplo? D: é mais para o primário mesmo, ®, **. **, porque a gente tem ali aquelas matérias específicas para isso, *, **, eu acredito que da base para gente	“ah, eu tenho uma vida, minha vida aqui dentro. Às vezes as pessoas perguntam “quanto tempo você estuda no Clélia Nanci?” 16anos. “Como **? Eu to perguntando quanto tempo você estuda no Clélia Nanci?”. *, 16 anos, eu estudo há 16 anos. Desde o primeiro período. Tem duas meninas na minha sala que estudam a 16 anos na mesma sala comigo, * são 16 anos juntas. Que teve a Jessica que foi para de manhã, mas teve mais duas que continuaram desde a época do primeiro período juntas, que são as duas Bias a Beatriz Varela e Beatriz Aguiar. E têm outros como Diego
------	---	--	---	--

			trabalhar. Tanto na alfabetização quanto no primário, **. ” “J: e o Instituto de Educação? D: garra, determinação, disposição! (risos)”	como a biazinha que estudam com a gente desde a segunda série tudo na mesma sala. Juliana: ou seja, um grande grupo... Jhennifer: tem umas sete pessoas aqui que devem estudar no mínimo a 7 anos juntas, no mínimo. Juliana: Isso aqui *, para você é tudo! Jhennifer: £, minha Vida! Ao mesmo tempo que esse ano a gente quer acabar logo, ¥, ano que vem o que eu vou fazer? Não tem escola mais... Mas ao mesmo tempo é uma sensação muito gostosa eu vivi a minha vida aqui dentro.” “O Clélia Nanci é demais! Tem algumas falhas algumas coisinhas **, mas...
--	--	--	---	---

				Juliana: normal... Jhennifer: Depois que você começa a estudar e vê, **, Andréia Diniz, e vê lá nas entrelinhas você vê algumas falhas aqui na escola. mas nada é perfeito. Mas é uma amor muito grande pela escola.”
Outros				
Um Sentimento:	Gratificação	Carinho	J: e o sentimento do curso? Você que é tão apaixonada... D: um sentimento... Um sentimento... O amor, carinho.	amor, amizade pelas pessoas...